

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO E TERRITORIALIDADES**

ANA PAULA MIRANDA COSTA BERGAMI

**MIDIATIVISMO NO FACEBOOK:
O COLETIVO NINJA ES E A PRODUÇÃO DE NARRATIVAS INDEPENDENTES
DURANTE AS OCUPAÇÕES ESCOLARES NO ESPÍRITO SANTO EM 2016**

VITÓRIA — ES

2019

ANA PAULA MIRANDA COSTA BERGAMI

MIDIATIVISMO NO FACEBOOK:

**O COLETIVO NINJA ES E A PRODUÇÃO DE NARRATIVAS INDEPENDENTES
DURANTE AS OCUPAÇÕES ESCOLARES NO ESPÍRITO SANTO EM 2016**

Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal do Espírito Santo, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, linha de pesquisa Comunicação e Poder, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Luiz Malini de Lima

VITÓRIA — ES

2019

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

B493 Bergami, Ana Paula Miranda Costa, 1980-
m Midiativismo no Facebook : O coletivo Ninja ES e a produção
de narrativas independentes durante as ocupações escolares no
Espírito Santo em 2016 / Ana Paula Miranda Costa Bergami. -
2019.
124 f. : il.

Orientador: Fábio Malini.
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.

1. Cibercultura. 2. Midiativismo. 3. Resistência. 4.
Primavera secundarista. 5. Facebook. I. Malini, Fábio. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Artes. III.
Título.

CDU: 316.77

ANA PAULA MIRANDA COSTA BERGAMI

**MIDIATIVISMO NO FACEBOOK: O COLETIVO NINJA ES E A PRODUÇÃO
DE NARRATIVAS INDEPENDENTES DURANTE AS OCUPAÇÕES
ESCOLARES NO ESPÍRITO SANTO EM 2016**

Dissertação apresentada por Ana Paula Miranda Costa Bergami ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, linha Comunicação e Poder, do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo.

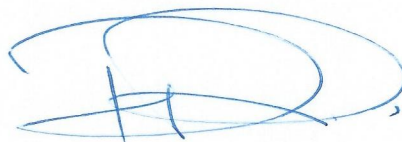
Vitória, 19 de julho de 2019

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Fabio Luiz Malini de Lima (orientador)

Universidade Federal do Espírito Santo



Prof.^a Dr.^a Ruth de Cássia dos Reis

Universidade Federal do Espírito Santo

Prof.^a Dr.^a Ivana Bentes

Universidade Federal do Rio de Janeiro



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E TERRITORIALIDADES

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

No dia dezenove de julho do ano de dois mil e dezenove, às dezessete horas, no Laboratório de Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura da Universidade Federal do Espírito Santo, iniciou-se o exame público do trabalho de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO da candidata Ana Paula Miranda Costa Bergami intitulado "MIDIATIVISMO NO FACEBOOK: O COLETIVO NINJA ES E A PRODUÇÃO DE NARRATIVAS INDEPENDENTES DURANTE AS OCUPAÇÕES ESCOLARES NO ESPÍRITO SANTO EM 2016". A banca examinadora, sob a presidência do Prof. Dr. Fabio Luiz Malini de Lima (Orientador – PÓSCOM/UFES), foi composta pelos seguintes membros: Prof.^a Dr.^a Ruth de Cássia dos Reis (Examinador Interno – PÓSCOM/UFES) e Prof.^a Dr.^a Ivana Bentes (Membro Externo – UFRJ). A banca, após o exame do trabalho da candidata, considerou:

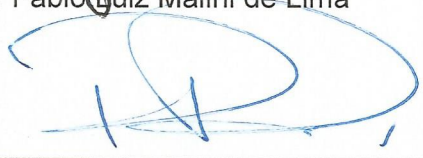
APROVADA (X)

REPROVADA ()

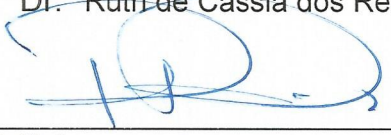
Observações:



Prof. Dr. Fabio Luiz Malini de Lima



Prof.^a Dr.^a Ruth de Cássia dos Reis



Prof.^a Dr.^a Ivana Bentes

A Arnaldo Costa Neto, cuja existência teve
fim durante esta pesquisa.

A Rafael Costa D'Agostini, cuja existência
teve início durante esta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

É difícil descrever como esta pesquisa foi desafiadora, do começo ao fim. Voltar às salas de aula após 13 anos afastada da vida acadêmica, diretamente do mercado de trabalho, exigiu uma extra dedicação aos estudos a fim de acompanhar o ritmo do curso e aprender uma nova metodologia de pesquisa, porém todo esforço valeu a pena. É com grande orgulho que entrego essa dissertação de mestrado, grata por todos os afetos que me apoiaram nos mais de 24 meses de trabalho.

Agradeço a Deus, por ter me conduzido com saúde mental e física em meio aos momentos mais turbulentos. A meu marido Silvio, que foi fundamental para que este estudo fosse possível, sempre me apoiando e compreendendo minhas ausências. A meus pais, que são a base da minha vida. A minha irmã e meu cunhado, que me deram o sobrinho mais lindo do mundo. A minha grande amiga Renata Rezende, que me acompanha há quase 20 anos, e que tanto me ajudou no começo desta caminhada. Obrigada por ter acreditado em mim, mesmo quando eu não acreditava.

A meus companheiros de mestrado, que formaram uma rede de afeto que me apoiou em todo o percurso. Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Ufes, pelos conhecimentos transmitidos. Em especial aos professores Fabio Gomes Goveia, Edgard Rebouças, Mônica Vermes, Rafael Bellan, Rafael da Silva Paes Henriques, pela generosa troca realizada nas disciplinas. À professora Ruth Reis, minha orientadora da graduação que reencontrei na universidade. À professora Ivana Bentes (UFRJ), cujas ponderações na qualificação deste trabalho foram proveitosas.

Aos companheiros do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic) pela acolhida, sobretudo ao professor Fábio Luiz Malini de Lima, que me abriu novos horizontes acadêmicos. Minha profunda gratidão por me dar um direcionamento e por me ajudar em todos os momentos desta pesquisa, sempre com muita generosidade. A Allan Cancian, um irmão que conheci durante este trabalho, que me ajudou bastante em toda minha jornada – gratidão por tudo. A Luísa Perdigão, sempre tão prestativa e atenciosa. A Ricardo Aiolfi, companheiro de clipping. A todos, obrigada pela parceria.

Aos secundaristas, pela coragem de lutar por uma sociedade mais igualitária e com educação pública de qualidade. Aos midiativistas do Ninja ES, que aceitaram participar dessa pesquisa, colaborando com a construção de um novo conhecimento. Ao povo brasileiro, que financiou este trabalho: que esta pesquisa represente uma renovação da esperança por dias melhores, de bonança e de amor ao próximo. Seguimos!

Se uma mudança na sociedade fosse
facilmente compreendida de imediato, não
seria uma revolução.

Clay Shirky

RESUMO

O presente trabalho analisa a produção de narrativas biopolíticas do coletivo Ninja ES durante os dias de ocupação escolares no Espírito Santo em 2016, evento que ficou conhecido como Primavera Secundarista. Na ocasião, os alunos protestavam contra a proposta federal de reforma do ensino médio e contra a PEC 55 (chamada de PEC 241 na Câmara Federal), que previa um teto para gastos públicos durante 20 anos. A análise engloba postagens realizadas na página do coletivo Ninja ES no Facebook, realizadas em outubro, novembro e dezembro de 2016, e seus respectivos comentários. A coleta dos dados foi feita por meio do *script* Ford, desenvolvido pelos pesquisadores do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). A partir da modelagem dos dados, buscamos identificar as principais características enunciativas e categorias temáticas das publicações do Ninja ES e os principais comportamentos e emoções despertados na audiência do coletivo. Também investigamos as características da atividade midiativista no Espírito Santo, compreendendo sua dinâmica própria, que vai além do antagonismo com a imprensa local. Consideramos que os midiativistas realizaram atos de jornalismo, compartilhando conteúdo dentro de uma lógica colaborativa, quando amadores se apropriam das ferramentas comunicacionais para estabelecer uma agenda informativa própria.

PALAVRAS-CHAVE: midiativismo; resistência; primavera secundarista; Facebook.

ABSTRACT

This essay analyses the Secondary School Students' Spring, an event that happened in Espírito Santo in October, November and December of 2016, and its biopolitical narratives made by the collective Ninja ES. In these three months, the students protested against the federal project to reform the High School platform and the law project known as PEC55, which provided a 20-year public spending ceiling. The students occupied schools in protest during that time and refuse to leave without an agreement from the government. This analysis investigates posts made at Ninja ES Facebook page and its feedback. The data was collected using Script Ford, developed by Labic researchers from Ufes. By data modeling, we identify the main enunciatives and theme categories from Ninja ES posts, beyond the main behavior and emotions risen in the page audience. We also investigate the media activity in the State, understanding it's own dynamys, that goes beyond it's antagonism with the local press. Considering that media Ninja ES acts as journalists, sharing content inside and collaborative logic, when amateurs use communication tools to stablish it's own informative agenda.

KEYWORDS: media activism; resistance; Secondary School Students' Spring; Facebook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Início das ocupações nas escolas da Região Metropolitana de Vitória e protesto nas ruas de Vitória.....	66
Figura 2 – Votação durante as ocupações e movimento de oposição à Primavera Secundarista no Espírito Santo.....	67
Figura 3 – Adiamento do Enem durante as ocupações nas escolas capixabas.....	68
Figura 4 – Ações judiciais durante as ocupações nas escolas capixabas.....	69
Figura 5 – Multas para as famílias e ato durante as ocupações nas escolas capixabas.....	70
Figura 6 – Conflito entre grupos e ocupação da Sedu durante a Primavera Secundarista no Espírito Santo.....	71
Figura 7 – Ocupação da Sedu durante a Primavera Secundarista no Espírito Santo.....	72
Figura 8 – Curtidas recebidas em publicações das páginas sobre as ocupações.....	80
Figura 9 – Postagem com o maior engajamento durante as ocupações.....	84
Figura 10 – Postagem com o segundo maior engajamento durante as ocupações.....	85
Figura 11 – Postagens com o terceiro, quarto e quinto maior engajamentos durante as ocupações (esquerda, direita e abaixo, respectivamente).....	86
Figura 12 – Grafo com as 30 palavras mais recorrentes nos comentários.....	99
Figura 13 – Grafo com as palavras da perspectiva vermelha.....	101
Figura 14 – Grafo com as palavras da perspectiva azul.....	102
Figura 15 – Grafo com as palavras da perspectiva verde.....	104
Figura 16 – Grafo com as palavras da perspectiva roxa.....	105
Figura 17 – Grafo com as palavras da perspectiva bege.....	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição das postagens pelo tipo de conteúdo e seus respectivos percentuais.....	78
Tabela 2 – Distribuição de acordo com os tipos de interações recebidas pelas postagens.....	79
Tabela 3 – Dez dias com mais postagens no perfil Ninja ES.....	81
Tabela 4 – Vinte palavras mais usadas nas postagens.....	82
Tabela 5 – Vinte <i>hashtags</i> mais usadas nas postagens.....	83
Tabela 6 – Principais categorias dos <i>posts</i> do Mídia Ninja ES.....	88
Tabela 7 – Tipos de postagem na categoria cobertura das ocupações escolares capixabas.....	89
Tabela 8 – Dez dias com mais comentários nas postagens.....	95
Tabela 9 – Vinte palavras mais frequentes nos comentários.....	96
Tabela 10 – Distribuição de perspectivas nos comentários das postagens do Ninja ES....	99
Tabela 11 – Exemplo de comentário com caráter religioso.....	104

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	14
1.2 OBJETO.....	16
1.3 OBJETIVOS.....	16
1.3.1 Objetivo geral.....	16
1.3.2 Objetivos específicos.....	17
1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	17
1.5 JUSTIFICATIVA.....	20
2 COMUNICAÇÃO, PODER E RESISTÊNCIA.....	22
2.1 COMUNICAÇÃO, PODER E CONTRAPODER.....	22
2.2 TERRITÓRIO, ESPAÇO E TERRITORIALIDADE INFORMACIONAL.....	27
2.3 BIOPODER E BIOPOLÍTICA.....	30
2.4 MULTIDÃO, RESISTÊNCIA E MILITANTE.....	33
2.5 MOBILIZAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS CONECTADOS.....	38
3 MUDIATIVISMO E PERSPECTIVISMOS EM REDE.....	43
3.1 REDES SOCIAIS, ATORES E TEORIA ATOR-REDE (TAR).....	43
3.2 CIBERCULTURA, CONVERGÊNCIA E COMPARTILHAMENTO.....	48
3.3 ATIVISMO, MÍDIA LIVRE E OPOSIÇÃO À IMPRENSA TRADICIONAL.....	51
3.4 NARRATIVA, ACONTECIMENTO E FALA FRANCA.....	56
3.5 ATOS DE JORNALISMO, COLABORAÇÃO E DISPUTA NARRATIVA.....	58
4 OCUPAÇÕES ESCOLARES E COLETIVO NINJA ES.....	63
4.1 PRIMAVERA SECUNDARISTA E AÇÕES ESTUDANTIS NO #OCUPAES.....	63
4.2 NINJA ES: CRIAÇÃO, EDIÇÃO E COLABORAÇÃO.....	72
4.3 METODOLOGIA DE COLETA E PRIMEIRA ANÁLISE DOS DADOS.....	76
4.4 ANÁLISE DAS POSTAGENS DO NINJA ES.....	81
4.4.1 Tipologias e categorias das postagens.....	87
4.4.1.1 Cobertura das ocupações escolares capixabas.....	89
4.4.1.2 Cobertura de protestos sobre a PEC 55.....	92
4.4.1.3 Viralização de temas nacionais.....	93

4.4.1.4 Desdobramentos das ocupações.....	93
4.4.1.5 Greve na Ufes.....	94
4.4.1.6 Outros.....	94
4.5 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS.....	95
4.5.1 Grafos de palavras dos comentários.....	97
4.5.1.1 Rede vermelha.....	100
4.5.1.2 Rede azul.....	102
4.5.1.3 Rede verde.....	103
4.5.1.4 Rede roxa.....	105
4.5.1.5 Rede bege.....	107
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS.....	116
ANEXO.....	120

1 INTRODUÇÃO

As plataformas de redes sociais, sobretudo o Facebook, representam um significativo território de trocas e interações conversacionais, determinando novas sociabilidades contemporâneas nas quais os indivíduos realizam processos de participação e discussão sobre temas relacionados às suas vivências individuais e coletivas, ao mesmo tempo que estão circunscritos a uma regulação algorítmica de suas próprias vidas. Usado amplamente pelos internautas brasileiros, o Facebook é destaque entre os demais sites de redes sociais, por permitir que os usuários compartilhem conteúdos com textos, fotos e vídeos em tempo real, ou até mesmo realizem transmissões de acontecimentos para suas audiências. É popular no País e em todo o mundo, com mais de 2,07 bilhões de usuários ativos¹, que acessam a rede pelo menos uma vez por mês.

Nesse ambiente em que muitos sujeitos podem se comunicar com outros indivíduos, sem ter que pagar um custo para ingressar ou manter um perfil no site de rede social supracitado, os internautas têm se destacado pela capacidade de mobilização, de unir grupos em torno de um mesmo objetivo e de colaborar com postagens sobre temas variados. Dentro da plataforma, muitos atores estão estabelecendo associações, com laços mais fortes ou fracos, sendo que muitos estão construindo reputação e capital social a partir de suas enunciações.

Desde seu princípio em 1984, ano em que a rede global de computadores (antiga Arpanet) passou a ser chamada de protocolo internet (MALINI E ANTOUN, 2013), o ambiente conectado passou a representar não apenas um espaço de monitoramento e controle e de transporte de informações científicas e militares, mas também um local de cooperação social, de trocas de conhecimentos micropolíticos, de estabelecimento de afetos, de produção de relações. Há o surgimento da noção de ciberespaço, com a constituição de um território virtual de trocas, de ação coletiva e de produção comum de linguagens (MALINI E ANTOUN, 2013), como por exemplo as articulações de ações coletivas contra sistemas totalitários, as campanhas de adesão para lutar por determinadas causas sociais, entre outras iniciativas conectadas. Em 1984 também surge o ciberativismo (MALINI E ANTOUN, 2013), como sinônimo de atos coletivos coordenados e mobilizados a partir da internet. Sendo assim, entendemos que o perfil

¹ Informação obtida na página <http://link.estadao.com.br/noticias/empresas,facebook-alcanca-2-07-bilhoes-de-usuarios-no-mundo,70002069551>. Acesso em 30/06/2019.

revolucionário sempre fez parte da internet, desde o princípio, quando os indivíduos conectados passaram a se relacionar e a realizar trocas informacionais.

Ao longo dos anos, vários manifestos foram criados por usuários da internet, como o Manifesto Ciborgue de Donna Haraway, lançado em 1985. Na perspectiva de Haraway (2009), há uma ideia de hibridização dos organismos humanos com a máquina na pós-modernidade, por causa dos avanços tecnológicos. Nesse contexto tecnológico, há a possibilidade de se superar as dicotomias humano/máquina, social/ficção, masculino/feminino, gerando uma maior autonomia para os indivíduos, que passam a ter potencial analítico, crítico e construtivo. Outro manifesto de 1985 é o GNU feito por Richard Stallman², um programador que lutava por *softwares* que pudessem ser usados, estudados, modificados e compartilhados livremente pelos usuários. Representou um pontapé para o movimento de *software* livre.

Há também a ideia de emancipação política da internet, com a Declaração da Independência do Ciberespaço criada por John Perry Barlow em 1996³, na qual os usuários recusam o controle de estados nação, com a força criativa do ciberespaço toda concentrada nas mãos dos internautas. Outra ideia de ruptura com os antigos paradigmas veio de Aaron Swartz, que em 2008 criou o Manifesto Guerrilha pelo Acesso Livre (*open access*), no qual defendia que deveria haver livre acesso a informações científicas, pois informação é poder⁴. Em comum em todos esses manifestos, fica a sensação de busca por liberdade e emancipação por meio da internet. Então consideramos que os movimentos em rede, desde o seu princípio, trazem em seu DNA um certo caráter utópico, de luta por uma sociedade menos injusta e mais igualitária para os indivíduos.

Se em um primeiro momento, conhecido como web 1.0, as redes digitais permitiam conexão e troca de informações entre as pessoas, essas capacidades aumentaram de maneira exponencial com o advento da web 2.0 (SANTAELLA, 2016), dando origem a modalidades participativas, em que vários internautas podem desempenhar tarefas para ajudar a construir algo cujo resultado final é coletivo. A partir desse contexto, ganham ainda mais força os ativismos, produções independentes e as possibilidades de estabelecer redes de cidadãos conectados (SANTAELLA, 2016).

² Informação obtida em <https://www.ufrgs.br/soft-livre-edu/manifesto-gnu/>. Acesso em 30/06/2019.

³ Informação obtida em <https://cypherpunks.com.br/cyberspace-independence/>. Acesso em 30/06/2019.

⁴ Informação obtida em https://archive.org/stream/GuerillaOpenAccessManifesto/Goamjuly2008_djvu.txt. Acesso em 30/06/2019.

Novos movimentos sociais estão aproveitando as funcionalidades dos aparatos tecnológicos conectados à internet para incrementar suas atividades, migrando das ruas para o ciberespaço, ao mesmo tempo em que estabelecem novas dinâmicas e rotinas produtivas de conteúdo. Heterogêneos e em oposição a alguma ordem dominante, os movimentos sociais contemporâneos “adquiriram aceleração e amplitude graças às tecnologias computacionais interativas, especialmente as nômades, que se desvencilharam dos limites impostos pelos fios” (SANTAELLA, 2016, p. 63).

As interações realizadas no Facebook são processos discursivos que se consolidam mediante à circulação de textos, fotos, vídeos, em narrativas transmidiáticas criadas pelos usuários, em sua grande maioria comunicadores amadores, de maneira não linear, espontânea e colaborativa. Neste espaço, em que muitos conectam-se entre si, em um formato horizontal e sem hierarquias, apesar da mediação algorítmica da plataforma, observamos que novos sujeitos comunicantes aproveitam a oportunidade para estabelecer um canal direto com suas audiências.

É justamente na brecha entre uma gestão da atenção dos algorítmicos de Mark Zuckerberg e uma viralidade acelerada e multitudinária de posts de páginas insurgentes que narrativas de coletivos independentes de mídia livre, despontam como um sopro de uma liberdade, resistindo aos pactos de poderes locais, dando voz a novos atores sociopolíticos, muitas vezes excluídos das esferas tradicionais de discussão. Em um formato conhecido como autocomunicação de massa (CASTELLS, 2015; CASTELLS, 2013), esses indivíduos se apoderam dos dispositivos digitais para conquistar autonomia comunicacional, ocupando os meios, gerando um curto-circuito nos tradicionais dispositivos informacionais e estabelecendo um fluxo próprio de narrativas.

Sendo assim, consideramos que, além de significar um importante espaço contemporâneo de trocas e interações, as plataformas de redes sociais constituem também um fundamental instrumento de mobilização social, de luta por autonomia e de conflito com as estruturas do poder constituído.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A partir desse entendimento, destacamos a atuação do coletivo de mídia livre Ninja ES no Facebook, foco de nossa dissertação sobre o midiativismo no Facebook. Ao longo de nossa pesquisa, tentaremos identificar o modo como esses novos agentes comunicantes, autointitulados como “ninjas”, moldam suas estratégias narrativas nas

redes sociais visando alcançar seus objetivos, que é dar espaço para as lutas sociais das quais participam. Além disso, tentaremos entender os sentidos dessa produção narrativa, suas estratégias e recursos empregados, que dão origem a atos biopolíticos com um viés mais contestador, criando pertencimento dentro da territorialidade informacional. No nosso percurso, também buscaremos analisar os comentários das postagens do coletivo Ninja ES, para, por fim, compreender os comportamentos acionados na audiência a partir da enunciação dos midiativistas.

Os ativistas do Mídia Ninja ES se apropriaram das ferramentas tecnológicas para assumir um protagonismo midiático. Narram, em tempo real, com suas audiências, fatos sociais associados aos diferentes atos de ruas dos movimentos sociais, modificando estéticas, estruturas narrativas e até a posição (oculta) de sujeito da deontologia jornalística, ao ter que estar no fato, ao mesmo tempo, como sujeito e objeto do que narra.

A página Ninja ES no Facebook possui 36.895 seguidores e 36.483 curtidas⁵. O grupo capixaba surgiu inspirado no Mídia Ninja nacional, reconhecido a partir das jornadas de junho de 2013 nas ruas de São Paulo e do Rio de Janeiro⁶, em um primeiro momento. Buscamos avaliar se os midiativistas foram capazes de estabelecer um fluxo de informações, criando engajamento na territorialidade informacional, ao envolver um público específico de alunos e de apoiadores da causa do movimento estudantil. Entendemos que os “ninjas” estabelecem modos positivados, imanentes, para além do antagonismo com a imprensa local. Queremos entender as dinâmicas próprias do midiativismo capixaba, e como o grupo se constitui como ator político no Facebook.

Sendo assim, partimos do pressuposto de que o grupo de mídia livre Ninja ES utiliza a capacidade de criar conteúdos independentes nas plataformas de redes sociais para mobilizar e engajar novos voluntários no ciberespaço, por meio da construção colaborativa de narrativas feitas por diferentes atores que leva a uma pluralidade de opiniões no ciberespaço, criando uma resistência midiática. Consideramos que o coletivo Ninja ES oferece uma relevante formação discursiva biopolítica, capaz de dar visibilidade àquilo que se oculta ou se criminaliza na imprensa.

As narrativas do coletivo constituem parte da agenda de temas que circulam e pautam a vida de uma grande quantidade de indivíduos, que têm no ambiente digital uma das dimensões de suas atividades cotidianas. Dessa forma, nosso trabalho busca, a partir

⁵ Informação obtida na página <https://www.facebook.com/ESNINJAES>. Acesso em 23/06/2019.

⁶ Informação obtida na página <https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-14113-midia-ninja-um-fenomeno-de-jornalismo-alternativo-que-emergiu-dos-protestos-no-rio-de->. Acesso em 23/06/2019.

da compreensão das formas de enunciação do coletivo Ninja ES, evidenciar como a territorialidade informacional se transformou em um espaço de construção de autonomia e de luta por emancipação política, com novos atores passando a estabelecer narrativas biopolíticas, elaboradas a partir de atos de jornalismo de sujeitos comunicantes amadores dentro de uma prática colaborativa, com sentidos muitas vezes distintos dos que são enunciados pelo sistema midiático atual⁷. Desejamos identificar quais comportamentos e emoções são acionados a partir da enunciação do Ninja ES.

1.2 OBJETO

Para empreender nossa pesquisa, definimos analisar a produção de narrativas do coletivo de mídia livre Ninja ES no Facebook no período de 17 de outubro a 5 de dezembro de 2016, quando os estudantes capixabas ocuparam escolas municipais, estaduais e federais no Espírito Santo, além da sede da Secretaria de Estado da Educação (Sedu). Na ocasião, os alunos protestavam contra o contínuo fechamento de turmas escolares, pela democratização de processos políticos em escolas estaduais (como a escolha da direção delas), contra a proposta federal de reforma do ensino médio, contra a PEC 55 (chamada de PEC 241 na Câmara Federal), que previa um teto para gastos públicos durante 20 anos, entre outras pautas.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Nossa proposta de pesquisa pretende verificar como se dá a atividade de mídia livre no Espírito Santo, identificando as rotinas de trabalho do grupo, os recursos estéticos e tecnológicos e as estratégias narrativas on-line utilizados pelos ciberativistas no sentido de mobilizar outros perfis de usuários durante os dias de ocupações das escolas no Espírito Santo.

⁷ O sistema midiático atual representa “um reduzido número de corporações que se incumbem de fabricar volume convulsivo de dados, sons e imagens, em busca de incessante lucratividade em escala global” (MORAES, 2013, p. 19).

1.3.2 Objetivos específicos

1. Compreender as origens da lógica colaborativa dos coletivos em rede e como operam e se constituem os atores sociopolíticos não institucionais que buscam estabelecer um fluxo de narrativas no ciberespaço.
2. Compreender como os sujeitos se apropriam das ferramentas tecnológicas oferecidas pelas redes sociais para se constituírem como atores políticos, estabelecendo narrativas biopolíticas que confrontam o poder dominante.
3. Compreender as formas enunciativas adotadas pelos midialivristas em contextos de mobilização social.
4. Identificar os temas trabalhados pelos “ninjas”, estabelecer categorias e tipologias a respeito das temáticas, além das narrativas que mais geraram engajamento no Facebook.
5. Identificar os comportamentos e emoções acionados na audiência a partir da enunciação do coletivo Ninja ES.

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na construção de nossa dissertação, iremos primeiramente fazer uma pesquisa bibliográfica para estabelecer uma revisão de literatura com os autores que consideramos mais relevantes ao nosso estudo. Queremos historicizar duas principais categorias constitutivas do nosso objeto, que são **resistência** e **mediativismo**, pois compreendemos que a investigação social “precisa registrar a historicidade humana, respeitando a especificidade da cultura que traz em si e, de forma complexa, os traços dos acontecimentos de curta, média e longa duração, expressos em seus bens materiais e simbólicos” (MINAYO, 2007, p. 39).

Para isso, será realizada uma revisão bibliográfica, de suma importância para que possamos entender a atuação de midialivristas em redes sociais, pois “as pesquisas sociais contemporâneas precisam também compreender a simultaneidade das diferentes culturas e dos diferentes tempos num mesmo espaço, como algo real e que enriquece a humanidade” (MINAYO, 2007, p. 40). Consideramos que é de suma importância para os pesquisadores “compreender o global e o local, convivendo e sendo, ao mesmo tempo, mutáveis e permanentes” (MINAYO, 2007, p. 40). De acordo com Minayo (2007):

O objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo. A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados que transborda dela. A possibilidade de enumeração dos fatos, por exemplo, é uma qualidade do indivíduo e da sociedade que contêm, em si, elementos de homogeneidade e de regularidades. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, que qualquer pensamento e qualquer discurso político ou teórico que tente explicá-la (MINAYO, 2007, p. 42).

No nosso levantamento bibliográfico, iremos trabalhar com conceitos que ajudarão a entender nosso objeto, situando as principais fundamentações e categorias teóricas ao partir da revisão de literaturas alinhadas ao universo da comunicação, cibercultura, política e territórios, passando principalmente pela teoria ator-rede (TAR) de Bruno Latour (2012); pelo conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (2011); discussões sobre coletivos em rede e constituição de novos atores sociopolíticos no contexto midiaticado (CASTELLS, 2015; CASTELLS, 2013); franco falar (FOUCAULT, 2010); acontecimento (SODRÉ, 2012); poder e biopoder (FOUCAULT, 2015); território informacional (LEMONS, 2007); e as dinâmicas da multidão ao resistir e confrontar os poderes constituídos (HARDT E NEGRI, 2016; HARDT E NEGRI, 2014; HARDT E NEGRI, 2003). Com esses e outros autores que evidenciem as questões a respeito da enunciação das narrativas biopolíticas nas plataformas de redes sociais, pretende-se construir um panorama sobre a atividade midiaticista do coletivo Ninja ES. Essa discussão teórica embasará os segundo e terceiro capítulos dessa dissertação.

Também planejamos empreender uma coleta, sistematização e processamento de dados das postagens do coletivo de mídia livre Ninja ES no Facebook, a partir de métodos digitais de tratamento desse material, em uma verdadeira análise computacional. A primeira fase de coleta de dados foi empreendida no dia 22 de junho de 2017, por meio do *script* Ford, tecnologia de extração e mineração de dados desenvolvida pelos pesquisadores do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), localizado na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Esse *script* permite coletar as postagens da página dentro do período de tempo solicitado, identificando as reações dos demais perfis e os comentários realizados, entre outros dados. Após a coleta, o Ford libera arquivos em formato .gdf e permite a análise e visualização dos dados extraídos a partir do aplicativo Gephi, que permite, por sua vez, gerar a visualização dos dados em formato de grafos, o que nos ajudará a enxergar a rede de midiaticismo que se formou durante os dias de ocupações escolares no Espírito Santo.

O levantamento de material abrange o período de 17 de outubro a 5 de dezembro de 2016, quando foram gerados 941 posts veiculados pela *fanpage* do Ninja ES no

Facebook. Após a análise do *dataset* completo, parte das postagens foi descartada por trazer conteúdo diverso, não se referindo às ocupações nem ao movimento gerado para contestar a votação da PEC 55. Por fim, a amostra que vamos trabalhar para categorização corresponde a 701 postagens, constituindo nosso *corpus* de estudo.

Para construir nosso estudo, planejamos adotar como metodologia de trabalho a análise de conteúdo, por entender que é a mais apropriada para tratar de nosso *corpus*, um tanto quanto extenso. Será nessa fase, após a análise computacional, que realizaremos a classificação e o tratamento dos dados coletados. Entendemos que, na pesquisa qualitativa, podemos usar técnicas que permitem “tornar replicáveis e válidas inferências sobre dados de um determinado contexto, por meio de procedimentos especializados e científicos” (MINAYO, 2007, p. 303). Como sendo uma técnica de tratamentos de dados, a análise de conteúdo mantém uma mesma lógica da pesquisa quantitativa, “uma vez que busca a interpretação cifrada do material de caráter qualitativo” (MINAYO, 2007, p. 304).

Entre as modalidades dessa metodologia, a análise temática surge como uma forma adequada de dar tratamento ao nosso *corpus* um tanto quanto extenso, com 701 publicações, com uma categorização que “consiste no trabalho de classificação e reagrupamento das unidades de registro em número reduzido de categorias, com o objetivo de tornar inteligível a massa de dados e sua diversidade” (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 298). Nosso estudo, buscamos identificar os núcleos de sentido que compõem uma comunicação (MINAYO, 2007), cuja presença denota “estruturas de relevância, valores de referência e modelos de comportamento presentes ou subjacentes no discurso” (MINAYO, 2007, p. 316).

A análise de conteúdo nos permitirá inferir conhecimento a respeito do trabalho dos midiativistas a partir de um embasamento em indicadores quantitativos, pois, nesta metodologia, “a inferência é considerada uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada” (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 284). Entendemos que o analista “trabalha com índices cuidadosamente postos em evidência, tirando partido do tratamento das mensagens que manipula, para inferir conhecimentos sobre o emissor ou sobre o destinatário da comunicação” (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 284).

A partir da análise das mensagens veiculadas pelos midiativistas no Facebook, poderemos aplicar um conjunto de procedimentos que garantirão sistematicidade e confiabilidade no tratamento dos dados (FONSECA JÚNIOR, 2005), tendo sempre como premissa relacionar os dados obtidos com alguns aspectos de seu contexto.

Para fazer a análise de conteúdo dos dados coletados nos sites de rede social, consideramos a interação dos atores a partir da perspectiva da teoria ator-rede (TAR). Em uma verdadeira sociologia da mobilidade (LEMOS, 2013), por meio do movimento dos atores, muitas vezes com aspectos controversos, “pode-se compreender a ciência e as demais formas associativas que compõem o social” (LEMOS, 2013, p. 37). Sendo assim, consideramos que a teoria é a mais eficaz para estabelecer uma cartografia dos sentidos da enunciação dos “ninjas” durante os dias de ocupação das escolas capixabas.

Também planejamos em nosso estudo uma fase de pesquisa de campo, com uma entrevista estruturada com um dos midialivristas do Ninja ES. Por meio de um questionário com perguntas formuladas anteriormente, pretendemos levantar informações sobre as rotinas produtivas dos “ninjas”, inclusive sobre a criação das narrativas e sobre a cobertura de eventos durante os dias de ocupações das escolas capixabas. A partir desse momento, com todas essas informações levantadas e apuradas, pretendemos empreender a análise e interpretação dos dados de nossa dissertação.

1.5 JUSTIFICATIVA

Acreditamos que nossa pesquisa é relevante no sentido em que propõe investigar a estratégia de mobilização do coletivo de mídia, que tem na territorialidade informacional das redes seu campo de operações e nas práticas jornalísticas sua estratégia de atuação, construindo um discurso de resistência enquanto fornece contrainformações. Narrativas de conteúdo local, como ocupações em escolas públicas capixabas, eleições na Grande Vitória e protestos nas principais avenidas da capital do Espírito Santo, são lançadas no ciberespaço pelos ciberativistas, permitindo que muitos cidadãos capixabas, que nem sempre podem se mobilizar fisicamente, possam acompanhar e aderir à discussão.

Por ter mais de 12 anos de experiência em redações de veículos impressos, consideramos importante estudar o trabalho dos coletivos de mídia livre, quando anônimos se apropriam das ferramentas comunicacionais e passam a produzir seu próprio conteúdo (CASTELLS, 2015; CASTELLS, 2013). O estabelecimento das redes de comunicação mais horizontais modificou profundamente a prática de poder em várias dimensões institucionais e sociais, “aumentando a influência da sociedade civil e de atores sociopolíticos não institucionais na forma e na dinâmica das relações de poder” (CASTELLS, 2015, p. 33).

Consideramos que atualmente a comunicação integra o plano sistêmico da estrutura de poder. As redes comunicativas são fontes decisivas de construção desse poder (CASTELLS, 2013) e que o contrapoder é desempenhado “reprogramando-se as redes em torno de outros interesses e valores” (CASTELLS, 2013, p. 17). Por poder se define uma relação entre parceiros, em “um conjunto de ações que se induzem e se respondem umas às outras” (FOUCAULT, 1995, p. 240), sendo que o exercício do poder “é um modo de ação de alguns sobre outros” (FOUCAULT, 1995, p. 242). Para Foucault (1995, p. 246), “uma sociedade ‘sem relações de poder’ só pode ser uma abstração”. Em uma perspectiva dialética, onde há poder, há resistência (FOUCAULT, 1995).

Partimos do pressuposto de que os ativistas do coletivo de mídia livre Ninja ES são atores da mudança social, que exercem o contrapoder construindo-se por meio de um processo de comunicação autônoma, livre do controle dos que detêm o poder institucional (CASTELLS, 2013). Ao produzir narrativas próprias e desenvolver uma rede autônoma de comunicação horizontal, os midialivristas “subvertem a prática da comunicação tal como usualmente se dá, ocupando o veículo e criando a mensagem” (CASTELLS, 2013, p. 18). Ponderamos que, na sociedade em rede, a autonomia de comunicação é obtida por meio de uma construção via internet e plataformas de comunicação sem fio. Nesse sentido, as redes sociais digitais oferecem a possibilidade de coordenar ações de forma amplamente desimpedida.

Consideramos que o Ninja ES assume um papel antagônico em relação à mídia corporativa na disputa pela construção de discursos midiáticos. Malini e Antoun (2013) classificam que o midialivrista surge como um hacker das narrativas, “um tipo de sujeito que produz, continuamente, narrativas sobre acontecimentos sociais que destoam das visões editadas pelos jornais, canais de TV e emissoras de rádio de grandes conglomerados de comunicação” (MALINI E ANTOUN, 2013, p. 23). Ao postar suas narrativas no ciberespaço, os ativistas geram um ruído capaz de alimentar novas agendas informativas e estabelecer uma nova audiência (MALINI E ANTOUN, 2013). É justamente essa dinâmica que tentaremos desvendar em nosso estudo, ao identificar processos capazes de dar corpo a uma narrativa construída por uma multiplicidade de vozes que resistem em contraposição ao discurso do poder.

2 COMUNICAÇÃO, PODER E RESISTÊNCIA

A comunicação atualmente integra o plano sistêmico da estrutura do poder constituído. As redes comunicativas são fontes decisivas de construção desse poder, criando consentimento em meio ao público para fazer com que os indivíduos cumpram as regras estabelecidas. Nesta perspectiva, o contrapoder é desempenhado “reprogramando-se as redes em torno de outros interesses e valores, e/ou rompendo as alternâncias predominantes” (CASTELLS, 2013, ps. 17-18). Exercendo o contrapoder, a multidão obtém os meios e os recursos para resistir ao poder hegemônico.

2.1 COMUNICAÇÃO, PODER E CONTRAPODER

Os processos comunicacionais são fundamentais para a vivência humana, para o estabelecimento e constituição das interações entre os seres humanos em todos os níveis. Por meio da comunicação, as pessoas realizam suas interações com os demais indivíduos, consequentemente constroem relacionamentos, conectam práticas, compartilham conhecimentos, desenvolvem suas habilidades sociais, constituem seus repertórios afetivos e profissionais. Acreditamos que viver é comunicar, e que não há vida individual ou em coletividade sem a comunicação (WOLTON, 2011).

Alguns autores trabalham com o conceito de comunicação, mas decidimos nos ater à ideia de Castells (2015), que estabelece que comunicar é compartilhar significado por meio da troca de informação. Nesta perspectiva, o processo comunicacional é definido “pela tecnologia da comunicação, pelas características dos emissores e receptores da informação, por seus códigos culturais de referência e protocolos de comunicação e pela abrangência do processo comunicativo” (CASTELLS, 2015, p. 101). Nesta perspectiva, a comunicação não depende apenas da infraestrutura tecnológica para que ela seja estabelecida, mas também do contexto sociocultural de enunciadores e enunciatários, dos acordos tácitos instituídos durante o processo comunicacional.

Entendemos que a comunicação não está vinculada a um determinismo tecnológico, mas também a um relacionamento entre os envolvidos, sobretudo àqueles que usam os meios digitais como fonte importante de sua experiência social. Ocupando um espaço tão fundamental na vida dos indivíduos, a comunicação está cada vez mais atrelada aos mecanismos de poder, principalmente no cenário contemporâneo midiático.

Por poder se define uma relação entre parceiros, em que o exercício do poder “é um modo de ação de alguns sobre outros” (FOUCAULT, 1995, p. 242). Trabalhamos com a perspectiva concebida por Foucault (2015 e 1995), na qual o poder não é entendido como uma entidade específica, algo que um indivíduo possui e outro não. Na verdade, ele se manifesta e se estabelece por meio das relações entre os indivíduos, em que uns exercem seu poder sobre outros, como professores e alunos, médicos e pacientes, carcereiros e presidiários.

Essas relações de poder podem ser, muitas vezes, difusas ou imprecisas, “que, nas relações humanas, quaisquer que sejam, amorosas, institucionais ou econômicas, atuam em diversos níveis, sob diferentes formas, de maneira móvel, sutil e múltipla” (FOUCAULT *apud* SANTAELLA, 2016, p. 20). Nessa perspectiva, as relações de poder são dependentes da ação dos sujeitos envolvidos:

“O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia (...) O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu” (FOUCAULT, 2015, p. 284-285).

Para Foucault (2015, p. 138), o poder funciona e se exerce em rede: “Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção”. Uma sociedade possui necessariamente relações de poder entre os indivíduos, e pensar em um formato relacional sem esse embate de forças seria somente uma abstração. Não há poder que não esteja ligado ao ato, sendo esse poder exercido por uns sobre os outros, e os personagens envolvidos nunca estão em papéis fixos, mas inseridos nos polos dessa relação dominador-dominado. O poder não pertence a ninguém, ele é exercido por diferentes indivíduos ao longo da história.

Muitas vezes difuso, o poder nem sempre surge como repressão, ou no papel de uma potência que oprime e nega as vontades dos indivíduos. O que faz com que esse poder seja aceito na sociedade é que ele induz os seres humanos ao prazer, produz coisas e discursos e forma saber, não exercendo um peso negativo. Há que se buscar entendê-lo como “uma rede produtiva que passa através de todo o corpo social em vez de uma instância negativa que tem por função reprimir” (SANTAELLA, 2016, p. 20).

Dessa forma o poder não se impõe apenas restringindo vontades e castigando comportamentos, mas também produzindo saber e verdade. Entendemos que, nos bastidores de constituição do conhecimento, existem lutas pelo poder, que são relações

de força que produzem efeitos de verdade e, conseqüentemente, racionalizações dos discursos da verdade.

Para que as relações de poder ganhem corpo, alguns elementos são fundamentais, como por exemplo a constituição de narrativas carregadas de um discurso eficiente e coeso. Para Foucault (2015, p. 278-279), as relações de poder “não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso”. De fato, o discurso funciona como uma das modalidades instrumentais do poder, ao lado das armas, dos mecanismos de controle e dos sistemas de vigilância, por exemplo.

A partir dessa constatação, identificamos como a capacidade de enunciação está intimamente ligada ao poder, pois quem determina a narrativa é capaz de estabelecer um discurso, determinante para que o funcionamento das relações de poder na sociedade. Quem enuncia é capaz de criar ou legitimar um discurso, o que, por si só, representa uma forma de poder sobre os enunciatários, ao dominar a narrativa, estabelecendo um discurso. Por isso, entendemos a relevância dos midiativistas, que subvertem essa dinâmica hegemônica e assumem os meios digitais, para estabelecer sua narrativa, como veremos mais à frente em nosso estudo.

Dentro do poder, há outros deslocamentos. Ele não é somente repressivo, ele também tem um papel produtivo (efeitos de verdade como já vimos anteriormente, além de subjetividade e de lutas), “e que ele pode, inversamente, enraizar os fenômenos de resistência no próprio interior do poder que eles buscam contestar, e não num improvável ‘exterior’” (REVEL, 2005, p. 68).

Em uma perspectiva dialética, onde há poder, há resistência, simultaneamente. A resistência é indissociável do poder, são duas noções que caminham juntas, e que são causa e efeito uma da outra: “tanto a resistência funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes, o resultado dessas relações” (REVEL, 2005, p. 74).

Nessa dialética entre poder e resistência, surge a chance de mudança de paradigma, de romper a repressão por meio da luta, pois “na medida em que as relações de poder estão em todo lugar, a resistência é a possibilidade de criar espaços de lutas e de agenciar possibilidades de transformação em toda parte” (REVEL, 2005, p. 74). Para além da dinâmica dialética, a resistência não é anterior ao poder que ela enfrenta, mas sim contemporânea a esse poder a quem ela se contrapõe. Ela também não é exterior ao poder, portanto ela se assemelha a esse poder ao qual ela faz oposição, e ela ainda pode dar início

a novas relações de poder, “tanto quanto novas relações de poder podem, inversamente, suscitar a invenção de novas formas de resistência” (REVEL, 2005, p. 75).

Nesta perspectiva foucaultiana, o poder não é um modelo simplista, em que ele pode ser considerado totalmente negativo e as lutas como tentativas de liberação: “não somente o poder, ao produzir efeitos de verdade, é positivo, mas as relações de poder somente estão por toda parte porque por toda parte os indivíduos são livres” (REVEL, 2005, p. 76). As lutas não nascem necessariamente contra o poder, mas sim contra determinados efeitos de poder, “contra certos estados de dominação, num espaço que foi, paradoxalmente, aberto pelas relações de poder. E inversamente: se não houvesse resistência, não haveria efeitos de poder, mas simplesmente problemas de obediência” (REVEL, 2005, p. 76).

Ao longo de sua pesquisa, Foucault (*apud* REVEL, 2005) passou a considerar que, mais importante do que considerar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, é necessário ter como ponto de partida as formas de resistência contra os diferentes tipos de poder para se estabelecer um projeto de ontologia crítica da atualidade. Por meio da análise da resistência, seríamos capazes de entender a dinâmica de poder estabelecida.

Outros autores trabalham as noções de poder e comunicação com bastante propriedade, como por exemplo Castells (2015), que conceitua o poder como sendo “a capacidade relacional que permite a um ator social influenciar assimetricamente as decisões de outro(s) ator(es) social(is) de formas que favoreçam a vontade, os interesses e os valores do ator que detém o poder” (CASTELLS, 2015, p. 57). Nesta abordagem, o poder é entendido como sendo o processo mais fundamental de nossa sociedade contemporânea, considerando que “o que é valorizado e institucionalizado é definido pelas relações de poder” (CASTELLS, 2015, p. 57). Nessa abordagem, o poder também é entendido dentro de uma dinâmica relacional.

Em nosso estudo, também trabalhamos com a perspectiva de Claude Raffestin (1993), que entende que o poder “visa o controle e a dominação sobre os homens e sobre as coisas” (RAFFESTIN, 1993, p. 58). A partir da perspectiva de Raffestin (1993), entendemos que todas as relações humanas são um lugar de poder, e que esse poder se manifesta por ocasião da relação. O poder está ligado à manipulação dos fluxos que perpassam as relações, como energia e informação (RAFFESTIN, 1993). Além de entender a dinâmica relacional do poder, alinhado aos preceitos de Foucault (2015 e 1995), Raffestin (1993) traz o elemento geopolítico para o debate, considerando que a população está na origem de todo o poder da sociedade, pois “nela residem as capacidades

virtuais de transformação; ela constitui o elemento dinâmico de onde procede a ação” (RAFFESTIN, 1993, p. 58).

Redes e poder são noções que estão intimamente relacionadas, assim como o poder e a comunicação, explica Raffestin (1993, p. 218): “todo indivíduo está preso a uma rede de comunicação, da mesma forma que todo grupo e toda sociedade”. O autor considera que todas as redes que interessam à comunicação de massa e à comunicação interpessoal são instrumentos de poder, controlados criteriosamente na maioria dos casos, “pois permitem encerrar uma população numa trama informacional que as superdetermina em relação às estratégias das organizações” (RAFFESTIN, 1993, p. 218). O autor fala sobre como o poder se articula por meio da comunicação:

O ideal do poder é ver sem ser visto. É o porquê de a comunicação ter adquirido uma tal importância na sociedade contemporânea: ela pode se dissimular. Nesse caso, o poder pode controlar, vigiar, interceptar, praticamente sem ser visto (...) O poder compreendeu que sua eficácia seria tanto maior quanto menos fosse visível. A verdadeira fonte do poder deve, portanto, ser procurada bem mais na comunicação que na circulação (RAFFESTIN, 1993, p. 202).

Entendemos que a comunicação atualmente está atrelada aos mecanismos de poder, sendo fundamental para seu exercício. De fato, a comunicação e o poder, sobretudo o econômico e o político, estão cada vez mais interligados. A partir da ideia de um cotidiano extremamente mediatizado, em que a experiência humana depende em grande parte da mediação das plataformas tecnológicas, entendemos que as relações de poder são construídas com base no gerenciamento dos processos comunicacionais.

Sendo assim, “o poder depende do controle da comunicação, assim como o contrapoder depende do rompimento desse controle” (CASTELLS, 2015, p. 21). Constatamos que o poder da comunicação está inscrito no alicerce e na dinâmica da sociedade atual, e que a comunicação de massa, que alcança uma grande fatia da população, “é moldada e administrada por relações de poder, tem raízes nos negócios da mídia e nas políticas do Estado” (CASTELLS, 2015, p. 21).

Amparados na teoria elaborada pelo sociólogo Manuel Castells (2015), entendemos que a forma definitiva de estabelecer e exercer o poder atualmente constitui-se a partir da capacidade de moldar a mente humana, construindo consentimento para que os indivíduos obedeçam às regras que governam as instituições e as organizações sociais. Castells (2015) defende que os conceitos de poder e de comunicação estão intimamente relacionados e que as relações de poder são construídas na mentalidade dos indivíduos por meio de processos comunicacionais.

Para Castells (2015, p. 80), “as relações de poder estão incrustadas na construção do espaço e do tempo, e são condicionadas pelas formações temporais e espaciais que caracterizam a sociedade”. Manuel Castells (2015, p. 82) aponta que “o espaço e o tempo são redefinidos tanto pela emergência de uma nova estrutura social quanto pelas lutas de poder sobre a forma e os programas dessa estrutura social”. Sendo assim, nesta perspectiva, o espaço e o tempo são noções que representam e expressam as relações de poder da sociedade em rede.

2.2 TERRITÓRIO, ESPAÇO E TERRITORIALIDADE INFORMACIONAL

O espaço e o tempo são categorias básicas da existência humana. Entendemos que é a partir das práticas e processos materiais, necessários para a reprodução da vida social, que as concepções de tempo e de espaço são criadas, quando “cada modo distinto de produção ou formação social incorpora um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e do espaço” (HARVEY, 2014, p. 189). Dentro de nossa pesquisa, consideramos de suma importância trabalhar essas noções, para entendermos como as práticas de grupos midiativistas, no caso em questão do coletivo Ninja ES, podem rearticular os vínculos territoriais no cotidiano midiaticado.

De uma forma geral, o capital continua a dominar a vida cotidiana, e consegue esse feito graças ao domínio superior do espaço e do tempo, como aponta David Harvey (2014), que usa a expressão “compressão do tempo-espaço” para relatar processos que forçaram as pessoas a alterarem suas maneiras de representação do mundo. Harvey (2014) acredita que há fortes indícios de que a história do capitalismo “tem se caracterizado pela aceleração do ritmo da vida, ao mesmo tempo em que venceu as barreiras espaciais em tal grau que por vezes o mundo parece encolher sobre nós” (HARVEY, 2014, p. 219).

Dessa forma, os indivíduos sentem que o espaço está encolhendo, formando uma “aldeia global” amparada nas telecomunicações e uma “espaçonave terra” de interdependência ecológica e econômica. O horizonte temporal acaba reduzido ao presente, com os indivíduos tendo que repensar suas existências, com essa compressão dos mundos espacial e temporal (HARVEY, 2014).

O poder e o espaço estão intrinsecamente conectados, quando “a hegemonia ideológica e política em toda sociedade depende da capacidade de controlar o contexto material da experiência pessoal e social” (HARVEY, 2014, p. 207). Entendemos que o conceito de aldeia global — com o fim das fronteiras entre as nações — representa um

processo de aniquilação do espaço por meio do tempo que sempre esteve no centro da dinâmica capitalista. Mas, apesar disso, “a queda de barreiras espaciais não implica o decréscimo da significação do espaço” (HARVEY, 2014, p. 265).

Dentro dessa ficção pós-moderna, em que há efemeridade, fragmentação e dispersão no pensamento filosófico e social, é possível enxergar uma reação oposta, que “pode ser resumida como a busca de uma identidade coletiva ou pessoal, a procura de comportamentos seguros num mundo cambiante” (HARVEY, 2014, p. 272).

O espaço, em vez de perder importância, ganha novas significações na contemporaneidade. E um de seus desdobramentos é o território (RAFFESTIN, 1993), que “é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático em qualquer nível” (RAFFESTIN, 1993, p. 143). Esse ator territorializa o espaço. Adotamos a concepção de Raffestin (1993, p. 144), que estabelece que o território “é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a ‘prisão original’, o território é a prisão que os homens constroem para si”. Sack (2013) afirma que, de fato, os territórios são resultados de estratégias eficazes de afetar, influenciar e controlar pessoas, fenômenos e relações.

O território é construído de forma coletiva e multidimensional, com múltiplas territorialidades. “Território significa articulações sociais, conflitos, cooperações, concorrências e coesões” (SAQUET, 2015, p. 84). Sack (2013) enuncia que muitos territórios tendem a ser fixos no espaço geográfico, mas alguns podem deslocar-se. Ou seja, os “territórios podem ocorrer em níveis” (SACK, 2013, p. 78).

Já Milton Santos considera que “cada pessoa, grupo, firma, instituição realiza o mundo à sua maneira” (2012, p. 115). Ele define o conceito de território como sendo:

Não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato, e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi (SANTOS, 2012, p. 96).

Sendo assim, a noção de território surge de uma perspectiva relacional, com uma construção pelos próprios indivíduos, com base em suas vivências. “A apropriação e o uso de um espaço por parte dos atores promovem processos de territorialização” (REIS E ZANETTI, 2017, p. 10). Portanto não é correto falar do fim dos territórios na contemporaneidade, com a emergência de uma “aldeia global” amparada nas telecomunicações. Autores como Rogério Haesbaert (2011) apontam que a ideia de

desterritorialização — que representa o fim dos territórios na contemporaneidade — é um mito construído pelo senso comum, sobretudo com base na mídia hegemônica. Pelo contrário, há atualmente uma “intensificação da territorialização no sentido de uma ‘multiterritorialidade’, um processo concomitante de destruição e construção de territórios mesclando diferentes modalidades territoriais” (HAESBAERT, 2011, p. 32).

Também seguindo uma perspectiva relacional, Robert David Sack (2013, p. 76) estabelece que territorialidade “envolve a tentativa por parte de um indivíduo ou grupo de influenciar ou afetar as ações de outros” (2013, p. 76).

A territorialidade estaria então ligada às relações de poder que são empreendidas no território: a territorialidade representa a “tentativa, por indivíduo ou grupo, de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos e relações, ao delimitar e assegurar seu controle sobre certa área geográfica (território)” (SACK, 2013, p. 76). Desenvolvidas em meio às relações de poder, as relações humanas empreendidas na territorialidade não são neutras, pois são resultados de influência e poder. “Territorialidade é a forma espacial primária que o poder assume” (SACK, 2013, p. 88).

A relação entre o tempo e o território está se desdobrando em novas territorialidades, como aponta Marcos Aurelio Saquet (2015). Para o autor, “vivemos diferentes temporalidades e territorialidades, em processo constante de desterritorialização e reterritorialização que gera sempre novas territorialidades e novos territórios” (SAQUET, 2015, p. 78). Nessa perspectiva, “os territórios e as territorialidades humanas são múltiplos, históricos e relacionais” (SAQUET, 2015, p. 83). Sobre o tema, o autor diz:

Há, em cada território, tempos históricos e tempos coexistentes (ritmos) presentes, em unidade, a mesma unidade da relação espaço-tempo e da relação ideia-matéria. Pela nossa concepção, há rompimento das delimitações e áreas; sobreposições; uma miríade de atores e redes sociais; movimento do e no território; movimento entre os territórios; transtemporalidade e transescalaridade; unidade entre sociedade e natureza. Unidade que se traduz, sucintamente, na vida, na atuação e na territorialização dos homens (SAQUET, 2015, p. 83).

Novas territorialidades vão sendo criadas pelos indivíduos, por meio dos usos e apropriações do espaço. Uma das novas modalidades, que é fundamental para nosso estudo, é a territorialidade informacional. André Lemos (2007, p. 14) trabalha o conceito de territórios informacionais, que são “áreas de controle do fluxo informacional digital em uma zona de intersecção entre o ciberespaço e o espaço urbano. O acesso e o controle informacional realizam-se a partir de dispositivos móveis e redes sem fio”. Esse território

informacional não é propriamente o ciberespaço, “mas o espaço movente, híbrido, formado pela relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico” (LEMOS, 2007, p. 14).

Dependente dos espaços físico e eletrônico aos quais se relaciona, o território informacional cria um lugar, que “se configura por atividades sociais que criam pertencimentos (simbólico, econômico, afetivo, informacional)” (LEMOS, 2007, p. 15). Lemos estabelece que:

A ideia de território informacional está vinculada a essa forma identitária, criando um “lugar informacional” que se diferencia do espaço abstrato. Os territórios informacionais são lugares onde se exercem controles do fluxo de informação na ciberurbe marcada, como vimos, pela imbricação dos espaços eletrônico e físico (LEMOS, 2007, p. 15).

Esse novo lugar informacional, dependente dos espaços eletrônico e físico, constitui uma verdadeira territorialidade, na qual os indivíduos e organizações mais poderosos controlam os fluxos informacionais, exercendo sua influência sobre os demais membros da sociedade.

Entendemos, então, que os internautas são capazes de estabelecer um novo território, por meio de seus usos e apropriações do espaço. No caso específico deste estudo, tratamos da territorialidade informacional, que traz elementos das vivências presenciais e mediadas pelos dispositivos eletrônicos de vários indivíduos, constituindo um novo espaço para trocas simbólicas, além de compartilhamento de dados, cooperação, construção de lutas, constituição de reputação e de afetos, dentro de uma dinâmica interacional com regras próprias, relações de poder e regimes de visibilidade acordados entre os participantes.

2.3 BIPODER E BIOPOLÍTICA

Em nosso percurso, consideramos que é fundamental tratar de conceitos como biopoder e biopolíticas, por isso nos voltamos até a origem desse estudo, cuja gênese é foucaultiana. Ao estabelecer um estudo sobre as tramas do poder, Foucault (*apud* SANTAELLA, 2016) desenvolveu o conceito de biopoder, uma nova mecânica do poder, incompatível com as relações estabelecidas por meio da soberania. Neste fenômeno da sociedade industrial, o homem passa a ser apreendido a partir de sua condição humana, em uma ideia de “estatização do biológico” (FOUCAULT *apud* SIBILIA, 2015).

A origem do biopoder foi concebido a partir da passagem do feudalismo para os séculos XVII e XVIII. Na perspectiva foucaultiana, o biopoder constitui-se como uma mecânica que “incide sobre os corpos e o que eles fazem, o que permite extrair dos corpos tempo e trabalho” (SANTAELLA, 2016, p. 21).

Essa forma de poder se exerce por meio sobretudo da vigilância, com a dependência da realização de inspeções e de relatórios, além da organização de hierarquia, recursos que receberam o nome de tecnologia disciplinar do trabalho, que tem como consequência a docilização e disciplinarização dos corpos.

Por meio de uma vigilância contínua realizada pelos estados da era industrial, em uma trama repleta de coerções materiais, o corpo social tem sua coesão garantida. Esse novo modelo de poder tem como princípio “de que se deve ao mesmo tempo fazer que cresçam as forças sujeitadas e a força e eficácia daquilo que as sujeita” (FOUCAULT *apud* SANTAELLA, 2016, p. 21).

As técnicas, aplicadas e voltadas especificamente aos corpos, buscam aumentar a força e a capacidade útil por meio de treinos e exercícios. O corpo é enxergado como máquina. Há uma busca pelo adestramento dos corpos, pela ampliação de suas aptidões, pela extorsão de sua capacidade produtiva, para que o corpo seja útil e dócil.

A partir de metade do século XVIII, surge uma nova técnica de poder, que opera em uma outra escala, dirigida ao homem enquanto espécie, e não mais ao corpo. A nova técnica é destinada “à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida” (FOUCAULT *apud* SANTAELLA, 2016, p. 22), processos esses como, por exemplo, a morte, nascimento, doença, velhice. Esses processos tão corriqueiros da experiência humana “são assumidos mediante toda uma série de intervenções e controles reguladores: uma biopolítica das populações” (FOUCAULT *apud* SANTAELLA, 2016, p. 22-23).

Neste período, a medicina passou a ser introduzida com a função de higiene pública e controle das populações, por exemplo, entre outras medidas. É importante frisar que essas duas técnicas coexistiram e complementaram-se, principalmente em meados do século XVIII, para planejar, regular e prevenir, com o propósito de “intervir nas condições de vida de suas populações para lhes impor certas normas e adaptá-las a um determinado projeto nacional” (SIBILIA, 2015, p. 180). Apesar de cada modelo ter uma abordagem diferente com seus dispositivos de poder, os dois tinham a mesma meta: “tornar úteis as

forças humanas com o propósito de expropriá-las para os fins nacionais e industriais daquele projeto sociopolítico e econômico” (SIBILIA, 2015, p. 181).

A partir da combinação dessas duas técnicas, surgiu a era do biopoder, um coadjuvante no desenvolvimento do capitalismo no século XVIII, quando houve o início da revolução industrial e a criação e o inchaço dos grandes centros urbanos. Entendemos que, no contexto sociocultural daquele período, o capitalismo dependia “da inserção controlada dos corpos nos aparelhos de produção por meio de ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos” (SANTAELLA, 2016, p. 24).

Em busca de uma melhor saúde para os trabalhadores, para assim conseguir um maior rendimento, o sistema capitalista precisava do investimento no corpo vivo, por meio de uma gestão de suas forças produtivas. Sendo assim, há três séculos, “biopoder e capital irmanaram-se para nunca mais se desligarem, mesmo que pesem as transformações que as revoluções tecnológicas do final do século XIX até os dias de hoje foram instaurando nessa aliança” (SANTAELLA, 2016, p. 24).

A biopolítica, na perspectiva foucaultiana, “situa-se nos poderes disciplinares instituídos pelas tecnologias e disciplinas de jurisdição científica para o governo da vida” (GENARO *apud* SANTAELLA, 2016, p. 24). A biopolítica representaria, nesta concepção, todo o aparato de dispositivos do poder destinado ao gerenciamento populacional, um “sequestro” da vida pelo estado realizado de forma gradual, mas de maneira sistemática e racional (SIBILIA, 2015).

O biopolítico seria a vida dos sujeitos colocada à disposição do trabalho e, portanto, “como política ativada para organizar as condições e o controle da exploração social na dimensão inteira da vida. Dizia-se em termos marxistas: o capital ‘subsumiu’ a sociedade inteira” (NEGRI, 2016, p. 93). Aos poucos, o biopolítico foi se tornando fundamental no discurso político, “quando a natureza da força de trabalho mudou e quando o trabalho industrial (como fonte de produtividade) foi substituído pela atividade social” (NEGRI, 2016, p. 93).

A produção biopolítica não é um modelo perfeito, sem falhas. Isso porque as redes de poder acabam, muitas vezes, pontuadas por resistências, movimentos de insurreição e desobediência que servem como linha de fuga do modelo. “Longe de ser onipotente, o biopoder possui certas fendas através das quais as forças vitais conseguem fugir e reagir” (SIBILIA, 2015, p. 192). Por causa disso, o biopoder está constantemente aprimorando novos saberes e técnicas para manter seus dispositivos eficazes, ou mesmo desenvolver novos artefatos, capazes de abocanhar novos espaços vitais dos indivíduos.

Os indivíduos, então, estão cada vez mais tomando suas vidas como objeto político, se voltando contra o sistema que tenta controlá-las. “A vida, muito mais do que o direito, tem-se tornado o objeto das lutas políticas, mesmo sendo estas últimas formuladas através de afirmações de direito” (MERÇON *apud* SANTAELLA, 2016, p. 25). Santaella (2016, p. 25) entende que os recentes movimentos sociais que eclodiram em todo o mundo nos últimos anos, apesar de suas diferenças e de seus distintos contextos socioeconômicos, “tinham como cerne de suas reivindicações as necessidades fundamentais da vida na concretude do seu viver”. A maneira como os focos dos novos movimentos sociais se articularam teve como base a criação de novas subjetividades, em uma forma de resistência ao poder instituído, como veremos a seguir.

2.4 MULTIDÃO, RESISTÊNCIA E MILITANTE

Ao longo das últimas décadas do século XX, Antonio Negri (2016) atualizou os conceitos de biopoder e biopolítica a partir do trabalho de Michel Foucault. É importante frisar que, em vez de serem ideias complementares, até mesmo equivalentes, como acontecia no estudo de Foucault, as noções de biopoder e biopolítica assumem a partir daqui uma rivalidade, um confronto, um embate de forças: “é antes uma dinâmica microfísica e molecular aquilo que o biopolítico exprime percorrendo e afrontando o biopoder” (NEGRI, 2016, p. 114). Sendo assim, o exercício do biopoder quer “resolver em si as diferenças do biopolítico, subsumir a singularidade dos seus atos, unificar os seus sujeitos” (NEGRI, 2016, p. 114).

Nesta perspectiva, o biopoder investe em todos os campos da vida, englobando todos os eventos que a constituem. Apresenta-se como uma forma de autoridade soberana, acima da sociedade, que transcende a tudo e impõe sua ordem. Ele é a “nova figura da soberania e do comando financeiro sobre o trabalho” (NEGRI, 2016, p. 94). É o poder que procura “dominar todas e cada uma das expressões vitais, procura se apresentar como dissolução do tecido biopolítico” (NEGRI, 2016, p. 114). O conceito de biopoder envolve as dimensões do econômico, do político e da consciência:

Biopoder é um conceito que representa a síntese do moderno enquanto racionalidade funcional do poder que investe a vida, enquanto racionalidade instrumental da ação econômica que determina uma progressão cada vez mais abrangente do domínio capitalista, e, enfim, enquanto ação comunicativa eficaz que afeta as consciências (NEGRI, 2016, p. 157).

A principal mudança promovida por Negri (2016) ao pensar essas dinâmicas diz respeito ao termo biopolítico, que passa a estar relacionado à potência, e não a uma estrutura física ou possibilidades corpóreas dos sujeitos, como acontecia na perspectiva foucaultiana. “O biopolítico, com potência, produz novas subjetividades” (NEGRI, 2016, p. 115). A biopolítica permite a criação de novas subjetividades, “apresentadas ao mesmo tempo como resistência e dessubjetivação” (HARDT E NEGRI, 2016, p. 76). Biopolítica é “o poder da vida de resistir e determinar uma produção alternativa de subjetividade” (HARDT E NEGRI, 2016, p. 74), uma verdadeira “experiência do existente”.

A biopolítica apresenta-se com um duplo movimento: “é o terreno no qual a força de trabalho exercitava, a um só tempo, tanto a sua capacidade produtiva quanto a sua resistência, onde sofria alienação mas ao tempo expressava novas maneiras de recusa ao trabalho sob a forma de ‘êxodos’” (NEGRI, 2016, p. 94).

O biopoder reifica o social. A biopolítica abre-se para a criatividade (SANTAELLA, 2016). Em oposição ao biopoder, estão as experiências constituídas durante as vivências dos sujeitos, que acabam por dar base ao campo de imanência biopolítico. Essas experiências vitais dão um reforço a dispositivos diferentes daqueles que o biopoder pretendia estabelecer, funcionando como resistência. Então não há uma oposição binária entre biopoder e biopolítico. Para Antonio Negri (2016, p. 114), trata-se “de infinitas linhas de fuga, cada uma tentando construir novas dimensões e territórios do ser biopolítico”.

O novo paradigma, trabalhado por Hardt e Negri (2001, p. 45), traz o poder como sendo uma alternativa, “não apenas entre obediência e desobediência, ou entre participação política formal e recusa, mas também em toda a esfera da vida e da morte, da fartura e da pobreza, da produção e da reprodução social”.

O corpo biopolítico coletivo, nesta nova configuração ontológica, se torna estrutura ao reconhecer a força produtiva original que o anima, em vez de negá-la, “torna-se linguagem (tanto científica quanto social) porque é uma multidão de corpos singulares e determinados que buscam relação” (HARDT E NEGRI, 2001, p. 49). É produção e reprodução, estrutura e superestrutura. “É vida no sentido mais pleno e política no sentido mais próprio” (HARDT E NEGRI, 2001, p. 49). Para Negri (2016):

A experiência biopolítica é inventada com toda a intensidade que o rebelar-se ‘dentro’ impõe: estar imersos na extensão geográfica e temporal que a globalidade dos biopoderes determina, e por isso mesmo estar conscientes, todavia, de que não há mais margens a partir das quais é possível defender aleatoriamente nossas almas, nem mais evasões

possíveis para os nossos corpos. O ‘dentro’ do biopoder tem um ‘coração’: lutar contra o biopoder só é possível se, de tal coração, suspendermos todo alimento e toda circulação. Porque o poder não nos interessa; nós aprendemos a dissimetria entre o desejo biopolítico de democracia e os exercícios de biopoder; porque o ‘dentro’ do campo de imanência biopolítico eventualmente deixará de ter um centro. Deixará de ter um ‘coração’, terá apenas ‘amor’ que circula com violência e constrói liberdade (NEGRI, 2016, p. 118).

A biopolítica, então, seria entendida como portadora de uma nova subjetividade emancipatória: a multidão. Por um lado, o capital nega a potência da vida, com o desenvolvimento do biopoder. De outro, a multidão surge como uma força contrária, que busca resgatar essa potência. A multidão é definida como sendo uma rede de relações humanas, de caráter heterogêneo, com cooperação entre seus membros.

Apresenta-se como uma rede aberta e em expansão, “na qual todas as diferenças podem ser expressas livre e igualitariamente, uma rede que proporciona os meios da convergência para que possamos trabalhar e viver em comum” (HARDT E NEGRI, 2014, p. 12). É um grupo repleto de singularidades. A multidão é capaz de se fortalecer por ter uma multiplicidade de vozes, “contra qualquer possibilidade de definir o político como transcendência” (NEGRI, 2016, p. 167).

A multidão não é uma massa com sujeitos indiferenciados, um povo ou mesmo uma classe operária. Pelo contrário, a multidão é múltipla, com um conjunto de singularidades, “composta de inúmeras diferenças internas que nunca poderão ser reduzidas a uma unidade ou identidade única” (HARDT E NEGRI, 2014, p. 12). O desafio da multidão é ter toda essa multiplicidade de integrantes agindo e se comunicando de maneira em comum, apesar de manter suas diferenças internas.

A multidão se apresenta, ao mesmo tempo, “como capacidade produtiva, como poder constituinte e como determinação de excedente produtivo e social” (NEGRI, 2016, p. 167), como uma rede de singularidades que cooperam. Para existir, ela não requer uma unidade de seus integrantes. Apesar disso, a multidão é produtiva e potência. Afinal, a reunião de indivíduos e de atividades dá origem a um sujeito criativo, que é a multidão. “Cada corpo é uma multidão, todavia a multidão não é um corpo, mas um conjunto de corpos — um conjunto de liberdades” (NEGRI, 2016, p. 117).

Surge uma nova forma de resistência, que é o poder constituinte da multidão, que luta contra o novo poder hegemônico mundial, que é o Império. Nesse sentido, “o poder é pensado como criador de relações e instituições sociais para uma nova sociedade, na sua política global de fluxos desterritorializados de um mundo liso, distinto do

estriamento das fronteiras estatais” (NEGRI *apud* SANTAELLA, 2016, p. 55). A política não é mais um partido. Nesta concepção, a política se torna uma atividade rizomática, uma “democracia da potência, realizada por novos monstros” (NEGRI *apud* SANTAELLA, 2016, p. 56), capaz de desafiar o poder hegemônico e promover uma mudança radical na sociedade capitalista.

A potência da multidão dá forma ao poder constituinte, que só pode realizar-se momentaneamente, através de insurreições, turbilhões, se assemelhando a um estado permanente de crise. “Sendo desmesurado, a única medida para o poder constituinte é o ilimitado da multidão” (SANTAELLA, 2016, p. 57). Esse poder constituinte vai se construindo “no entrecruzamento de paixões e instituições, de interesses e de capacidades, mostrando sua natureza sempre aberta” (QUINTAR *apud* SANTAELLA, 2016, p. 57). O resultado que emerge desse processo é a ideia de uma democracia absoluta do poder constituinte, que serve como alternativa à soberania do capitalismo.

Hardt e Negri (2014) analisam que a multidão precisa descobrir e produzir seu “comum”, elemento capaz de permitir a comunicação, a cooperação e a ação entre seus indivíduos. “Esta produção do comum tende atualmente a ser central a todas as formas de produção social, por mais acentuado que seja seu caráter local, constituindo na realidade a característica básica das novas formas dominantes do trabalho hoje” (HARDT E NEGRI, 2014, p. 14). O próprio trabalho costuma criar redes de cooperação e comunicação, passando a funcionar dentro delas. Afinal, todos que trabalham precisam do conhecimento comum, que chega a partir dos outros, e acabam criando e replicando outros conhecimentos comuns, sobretudo as formas de trabalho que criam projetos imateriais, como ideias, relações, afetos. Este modelo que envolve a produção de bens materiais e que afeta outras facetas da vida social é conhecido como “produção biopolítica” (HARDT E NEGRI, 2014).

A produção biopolítica é imanente à sociedade, capaz de estabelecer formas sociais por meio de formas colaborativas de trabalho. A produção biopolítica e a extensão desse “comum”, elemento que une a multidão, são os principais “pilares em que se assenta hoje a possibilidade de democracia global” (HARDT E NEGRI, 2014, p. 15). A transformação e a libertação social só podem ser conduzidas atualmente com base na multidão. Para Hardt e Negri (2014):

A produção biopolítica da multidão tende a mobilizar o que compartilha em comum e o que produz em comum contra o poder imperial do capital global. Com o tempo, desenvolvendo sua forma produtiva baseada no

comum, a multidão pode mover-se pelo Império e sair do outro lado, para se expressar autonomamente e governar a si mesma (HARDT E NEGRI, 2014, p. 142).

Outra característica importante da multidão é sua organização política em busca de alcançar uma sociedade mais democrática, baseada em um modelo decisório mais democrático, com relações em níveis horizontais, em vez de um modelo hierárquico vertical. Hardt e Negri (2014) explicam que os movimentos de libertação e resistências contemporâneos têm pautado uma luta contra a desigualdade, por sociedades mais democráticas. O desejo de conquistar a democracia é o que tem movimentado a multidão.

A figura que melhor expressa a vida da multidão é o militante, que surge como um verdadeiro agente de produção biopolítica e de resistência ao Império (HARDT E NEGRI, 2001, p. 435), que tem sua origem nas marchas da emancipação do trabalho dos séculos XIX e XX, em um movimento coletivo surgido com a luta da classe operária. Após anos de lutas e resistência contra as instâncias do capitalismo e contra autoridades fascistas, o sentido de militância atualmente está renovado, sem repetir as fórmulas da velha classe operária revolucionária.

Atualmente o militante “não pode sequer fingir ser um representante, mesmo das necessidades humanas fundamentais dos explorados” (HARDT E NEGRI, 2001, p. 436). A militância política revolucionária contemporânea precisa se reinventar, redescobrando a sua forma própria original: atividade não representativa, mas constituinte (HARDT E NEGRI, 2001). A militância contemporânea desenvolve uma atividade de resistência criativa, com um aspecto inovador, positivo e construtivo, extremamente colaborativo. “Essa é a forma pela qual nós e todos aqueles que se revoltam contra o domínio do capital nos reconhecemos como militantes” (HARDT E NEGRI, 2001, p. 436-437).

A nova resistência está ligada ao investimento nas formas constitutivas da produção biopolítica e à elaboração de dinâmicas e dispositivos colaborativos, que permitam uma cooperação em comunidade, reunindo vários sujeitos. A militância atual “repete as virtudes da ação insurrecional de duzentos anos de experiência subversiva, mas ao mesmo tempo está ligada a um novo mundo, um mundo que não conhece lado de fora” (HARDT E NEGRI, 2001, p. 437).

Essa nova resistência só conhece o lado de dentro, no qual há uma participação fundamental dos indivíduos nas estruturas sociais, com uma profunda cooperação da intelectualidade e das redes afetivas dos sujeitos que formam a multidão, ou seja: é a produtividade da biopolítica neste período de pós-modernidade. “Essa militância faz da

resistência um contrapoder e da rebelião um projeto de amor” (HARDT E NEGRI, 2001, p. 437). Por meio de sua força produtiva biopolítica, a multidão consegue criar mecanismos de insurreição e resistência, agora em um novo contexto, em um cenário cotidiano mediatizado.

2.5 MOBILIZAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS CONECTADOS

A partir do final do século XX, observou-se processos socioeconômicos importantes, entre eles a rearticulação das formas de dominação e novas práticas sociais em um mundo cada vez mais moldado pela complexidade, como apontam Gohn e Bringel (2014). Houve uma reestruturação das práticas organizacionais das ações coletivas e dos atos dos movimentos sociais nas últimas décadas, com elementos e dinâmicas específicos, como apontam Gohn e Bringel (2014): ativismo internacional e transnacional multiescalar; renovação dos atores sociais; alargamento do campo participativo-institucional; mudanças significativas nos cenários internacional e regional; e uma crescente articulação de críticas ao eurocentrismo e ao “ocidentocentrismo”. “Estes e outros fatores têm repercutido, direta e indiretamente, nas interpretações contemporâneas sobre os movimentos sociais”. (GOHN E BRINGEL, 2014, p. 9).

No cenário cotidiano mediatizado contemporâneo, os movimentos sociais seguem desempenhando um protagonismo dos processos e dinâmicas de protestos e luta por mudanças e justiça social. “Os movimentos sociais podem ser entendidos como objeto/sujeito privilegiado de atores e práticas sociais que, assim como as identidades, estão em contínua reinvenção” (GOHN E BRINGEL, 2014, p. 12).

Os movimentos sociais têm um perfil inovador, como lumes que apontam para uma mudança social, ou o pulsar do coração da sociedade (TOURAINE *apud* GOHN, 2014). Para Gohn (2014, p. 20), os movimentos sociais “transitam, fluem e acontecem em espaços não consolidados das estruturas e organizações sociais. Na maioria das vezes eles estão questionando essas estruturas e propondo novas formas de organização à sociedade política”. Os movimentos são “parte da realidade social na qual as relações sociais ainda não estão cristalizadas em estruturas, onde a ação é portadora imediata da tessitura relacional da sociedade e do seu sentido” (MELUCCI *apud* GOHN, 2014, p. 20).

Com o novo cenário sociopolítico e econômico, registrado a partir dos anos 1990, houve uma alteração no quadro das mobilizações sociais, e consequentemente na abordagem dos estudiosos. Com a chegada do século XXI, os pesquisadores passaram a

se preocupar com as redes sociais digitais, desenvolvendo abordagens “que as tomam como processos em andamento e busca construir metodologias para captar as conexões entre o global e o local, suas interações cognitivas a partir de rastros dados pela comunicação e mídias digitais” (GOHN, 2014, p. 25), em um trabalho cognitivo e político, no sentido de fazer um rastreamento para construir cartografias de processos sociais em desenvolvimento, e não já prontos e acabados, para enxergar os embates coletivos (LATOUR *apud* GOHN, 2014). Essa é a nossa proposta de trabalho, ao encarar a forma de mobilização e atuação dos coletivos de mídia conectados.

As novas dimensões do poder, agora em um modelo de sociedade de controle, requerem novas dimensões de resistência (HARDT E NEGRI, 2014), como pudemos constatar em nossa investigação. A multidão, que resgata a potência da vida, se transforma no poder constituinte, que é exercido através de insurreições, criando um estado permanente de crise perante o Império. Esse poder constituinte “é a capacidade de constituição do sujeito como força que transforma todas as condições históricas nas quais vive e tem sido formado” (QUINTAR *apud* SANTAELLA, 2016, p. 57). De fato, a natureza política da vida social é um pressuposto para as lutas e resistências na pós-modernidade, e é um elemento chave de todos os movimentos (HARDT E NEGRI, 2014).

A ideia de resistência possui pontos importantes, como apontam Hardt e Negri (2014). Em primeiro lugar, é fundamental resistir à guerra, que é a forma como a ordem global busca legitimação. Em segundo lugar, é resistir à autoridade e ao comando do capital, que depende da vida e da produção biopolítica da multidão. “No corpo a corpo que une a multidão e o Império no campo biopolítico, quando o Império recorre à guerra para se legitimar, a multidão recorre à democracia e a sua fundamentação política” (HARDT E NEGRI, 2014, p. 130).

Apesar do conceito de multidão de Hardt e Negri (2014) ter uma premissa um tanto quanto utópica, ao conceber uma potência emancipatória da vida humana por parte da multidão, é o que consideramos mais adequado para caracterizar as mobilizações registradas desde o final do século XX, tendo a internet como estratégia de mobilização, divulgação, coordenação e/ou confronto político. Entendemos que os movimentos sociais conectados do final do século XX e do início do século XXI colocaram em cena o conceito de multidão, com a união de uma pluralidade de indivíduos unidos por uma pauta em comum, progressista e em busca de ideais democráticos, como paz, justiça social, redução de desigualdades e fim da corrupção e impunidade de agentes públicos.

A primeira insurreição da multidão conectada aconteceu durante o encontro da Organização Mundial do Comércio em Seattle, Estados Unidos, em 1999. O episódio, que ficou conhecido como a Batalha de Seattle, teve uma ação de resistência pacífica com táticas de não violência de ativistas de direitos humanos e ecologistas, ancorada no deslocamento, no enxameamento (bloqueios de vias com grupos de pessoas), na afluência e na contaminação (sobretudo na internet, com centros de mídia independentes). “Seattle inaugura um tipo de movimento em que se tem uma convocação internacional” (MALINI E ANTOUN, 2013, p. 25). Neste primeiro e emblemático movimento, vários atores, de diferentes contextos, mas unidos por um objetivo em comum, se uniram em Seattle, criando narrativas midiáticas para lutar contra nações e grandes corporações multinacionais, inspirando e/ou dando início a toda uma gama de protestos conectados (ou grupos de resistência com uso de mídia digital) que se seguiram nos próximos anos, como ações de grupos de ativismo hacker (sobretudo o Anonymous), cracker, além de anarquistas, ciberpunks, ativistas do Movimento do Software Livre (Richard Stallman), Cultura Livre e do Copyleft (Napster e Emule, entre outros), blogs e ativismo com vazamento de dados (WikiLeaks), como apontam Malini e Antoun (2013).

Porém, nos últimos anos, identificamos um outro tipo de movimento conectado, surgido a partir do modelo de internet 2.0, com um novo ciclo de lutas que se alastrou por contágio rapidamente pelo mundo, de uma maneira viral, com difusão de imagens e de ideias. O início das insurreições foi em nações tão diferentes entre si, como Tunísia e Islândia (2009-2011), tornando-se referência para movimentos sociais: no Egito (2011); em nações árabes, em uma insurreição conhecida como Primavera Árabe (Argélia, Líbano, Jordânia, Mauritânia, Sudão, Omã, Iêmen, Síria, Marrocos, entre outros países, em 2011); na Espanha, com a revolução chamada de Indignados ou 15-M (2011); nos Estados Unidos, no evento Occupy Wall Street, que tomou espaços no centro econômico de Nova Iorque em 2011, de acordo com Castells (2013). Essas insurreições inspiraram inclusive as jornadas de junho de 2013 no Brasil, que começaram com o aumento das tarifas de transporte público, e foram ganhando novas reivindicações por parte de seus manifestantes (CASTELLS, 2013). Entendemos que essa dinâmica também inspirou o movimento estudantil capixaba em 2016, quando os estudantes ocuparam as escolas públicas do Espírito Santo durante a Primavera Secundarista.

Para Castells (2013), esses movimentos têm em comum uma sensação de empoderamento por parte dos participantes, que desprezavam seus governos e classe política. Todas as ações foram estimuladas “pela indignação provocada pela

cumplicidade percebida entre as elites financeira e política” (CASTELLS, 2013, p. 27). Além disso, os protestos foram iniciados com a elevação emocional da multidão a partir de alguma situação insuportável, tendo sido possíveis “pela superação do medo, mediante a proximidade construída nas redes do ciberespaço e nas comunidades do espaço urbano” (CASTELLS, 2013, p. 28).

Esses movimentos não tinham liderança e rejeitavam organização formal, esnobaram partidos políticos, desconfiaram da mídia hegemônica, “sustentando-se na internet e em assembleias locais para o debate coletivo e a tomada de decisões” (CASTELLS, 2013, p. 13). Outras características em comum desses movimentos mais recentes são: conexão em rede de múltiplas plataformas; ocupação do espaço urbano; espontaneidade; elementos locais e globais; viralidade; desencadeamento por alguma indignação; forte poder das imagens; cooperação, solidariedade e companheirismo; ausência de violência, com desobediência civil pacífica.

Esse movimento tem um caráter inusitado, porque faz um apelo aos acampamentos. Os manifestantes passam a acampar em praças, em ruas, ocupando os espaços públicos. A ocupação é a sua força, diferentemente das outras ações de resistência registradas anteriormente, como a Batalha de Seattle por exemplo. Em comum, os novos e os antigos movimentos conectados trazem “o poder da verdade como fonte da libertação política” (MALINI E ANTOUN, 2013, p. 174), que começou com o vazamento de documentos oficiais, por parte do WikiLeaks, com a guerra de atenção dos Anonymous. “Da Praça Tahrir egípcia ao Acampamento do Sol espanhol, as lutas de libertação renascem impulsionadas pelo combustível da verdade. Os anônimos fazem parte desta profunda transformação da política do século XXI” (MALINI E ANTOUN, 2013, p. 174).

Entendemos que, ao utilizar a mídia digital, os movimentos sociais conectados conseguiram inverter a lógica da comunicação, e passaram a estabelecer uma nova narrativa. Para Castells (2013), que trabalha a ideia de movimentos sociais tendo como base as concepções de Alain Touraine, os movimentos sociais são as alavancas da mudança social:

Ao longo da história, os movimentos sociais são produtores de novos valores e objetivos em torno dos quais as instituições da sociedade se transformaram a fim de representar esses valores criando novas normas para organizar a vida social. Os movimentos sociais exercem o contrapoder construindo-se, em primeiro lugar, mediante um processo de comunicação autônoma, livre do controle dos que detêm o poder institucional. Como os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas de mídia, na

sociedade em rede a autonomia de comunicação é basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida (CASTELLS, 2013, p. 18).

Malini e Antoun (2013) também consideram que os movimentos sociais conectados contemporâneos conseguem se expressar sem intermediários, por meios dos aparatos tecnológicos. “A Internet se revelou um megaspaço público onde qualquer um tem voz e pode falar por si mesmo. A verdade do enunciante se liberta da servidão do enunciado e da escravidão performática dos dispositivos de enunciação” (MALINI E ANTOUN, 2013, p. 174).

Acreditamos que esses movimentos sociais contemporâneos trazem a marca de sua época, ou seja, com indivíduos engajados virtualmente e com pleno uso das plataformas digitais, tão presentes no cenário cotidiano midiático. Com base em ferramentas tecnológicas, os indivíduos acabam encontrando seus pares. Mesmo sendo diferentes, esses sujeitos encontram pontos em comum de indignação, e passam a se mobilizar, tendo como facilitador, estratégia de organização e divulgação, a internet e as redes sociais. Nesses canais, os novos atores da mudança social criam narrativas de suas reivindicações e ações, como veremos no próximo capítulo.

3 MEDIATIVISMO E PERSPECTIVISMOS EM REDE

A difusão das redes de comunicação digitais modificou drasticamente a prática de poder em várias dimensões institucionais e sociais, permitindo que atores sociopolíticos não institucionais, excluídos da enunciação comunicacional, ganhassem uma maior influência, impactando na forma e na dinâmica das relações de poder até então estabelecidas. Apesar de apresentar dispositivos de controle dos indivíduos, a internet preserva um certo caráter emancipatório em seu DNA, que permite a construção de uma parcela de autonomia por parte dos sujeitos, que conseguem estabelecer laços fracos múltiplos, com desconhecidos, porém em um modelo muitas vezes igualitário de socialização e colaboração (CASTELLS, 2013). Novos sujeitos têm chance de se organizar, criar conteúdo e compartilhar narrativas no ciberespaço, por meio das ferramentas tecnológicas. Entendemos que a tecnologia maximizou as chances para expressão e mobilização de projetos alternativos (PERUZZO, 2018), quando uma multidão conectada passou a desafiar as instâncias do poder. Muitos movimentos sociais surgiram, unificando ações nas redes e nas ruas, dentro de um modelo colaborativo e mais democrático.

3.1 REDES SOCIAIS, ATORES E TEORIA ATOR-REDE (TAR)

Os sites de redes sociais representam um espaço fundamental de trocas e interações que determinam a sociabilidade contemporânea, no qual os indivíduos realizam processos de participação e discussão de temas relacionados às suas vivências individuais e coletivas. Constituem-se em verdadeiros espaços vivos, capazes de conectar todas as dimensões da vida das pessoas (CASTELLS, 2013). Essas ferramentas são, atualmente, uma tendência importante para a sociedade, pois deram as condições necessárias para uma verdadeira transformação na cultura contemporânea ao induzir ao compartilhamento. São nestes ambientes que os indivíduos produzem e publicam conteúdos como textos, imagens e vídeos, ao mesmo tempo em que estabelecem vínculos com os demais usuários e conectam práticas (CASTELLS, 2013).

A sociedade em rede tem uma estrutura social “construída em torno de redes ativadas por tecnologias de comunicação e de informação processadas digitalmente e baseadas na microeletrônica” (CASTELLS, 2015, p. 71). As redes são a base da experiência humana, por isso entendemos que as funções e os processos dominantes na

era da informação estão cada vez mais organizados em torno de redes. Devido ao desenvolvimento de novos arranjos tecnológicos, as sociedades estão se transformando, abandonando formatos defasados de participação e modos de produção burocráticos e verticalizados para abrigar estruturas reticulares, que representam um novo viés comunicativo e produtivo, em que o acesso às redes e à possibilidade de troca de informações tornaram-se fatores determinantes para a participação em sociedade e as interações sociais (CASTELLS *apud* DI FELICE, 2017).

De fato, as redes “tornaram-se ao uma espécie de paradigma e de personagem principal das mudanças em curso justo no momento em que as tecnologias de comunicação e de informação passaram a exercer um papel estruturante na nova ordem mundial” (PARENTE, 2010, p. 92). Entendemos que, atualmente, todos os âmbitos da sociedade são definidos em termos de redes: “nada parece escapar às redes, nem mesmo o espaço, o tempo e a subjetividade” (PARENTE, 2010, p. 92).

As redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades. Neste cenário, a informação tornou-se protagonista e as redes telemáticas passaram a constituir a base material da transformação da sociedade e da reestruturação dos modos produtivos (CASTELLS, 1999). Nos últimos anos, a comunicação em ampla escala atravessa uma profunda transformação tecnológica e organizacional, com a emergência dos coletivos conectados em rede. A revolução tecnológica permitiu que novos atores passassem a participar da produção de conteúdo, fornecendo os dispositivos eletrônicos e o acesso à internet para que os indivíduos comunicantes tivessem uma maior autonomia em relação aos grandes conglomerados de comunicação. Neste cenário, “os usuários passam a ser tantos emissores quanto receptores de mensagens” (CASTELLS, 2015, p. 22).

A internet impactou na sociedade como um todo, seja na ampliação das possibilidades de comunicação, seja na redução de tempo e de distâncias para resolver simples tarefas que, até então, dependiam de processos complexos, como trocar mensagens com os amigos e familiares, por exemplo. O advento e a popularização da internet permitiram uma mudança significativa nas possibilidades de expressão e sociabilização por meio das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (RECUERO, 2014b). Essas ferramentas “proporcionaram que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais” (RECUERO, 2014b, p. 24).

Raquel Recuero (2014a e 2014b) estabelece que o conceito de rede social é focado na descrição e na compreensão das estruturas sociais. Para ela, a ideia de rede “trata-se de uma metáfora para observar essas estruturas, cujo foco principal está nos modos de conexão entre os atores sociais” (RECUERO, 2014a, p. 403). Sendo assim, uma rede social é definida como sendo um conjunto de atores (pessoas ou instituições) e suas conexões (laços sociais que unem os agrupamentos).

Portanto, as redes sociais são entendidas como estruturas que representam processos de conversação, fluxos de informações e seus reflexos no campo social (RECUERO, 2014a). Esses espaços abrangem elementos dinâmicos, “que são comportamentos que alteram sua estrutura no tempo, por isso chamados dinâmicos. Esses comportamentos são gerados pelas interações entre os atores, que podem ser cooperativas, competitivas e de conflito” (RECUERO, 2014a, p. 407). As relações cooperativas são as mais relevantes em nosso estudo, para entender como os indivíduos se reúnem nas plataformas de redes sociais para criar conteúdo em um modelo colaborativo e participativo.

Entendemos que o social vai sendo formado a partir das associações, de maneira dinâmica, inacabada. Bruno Latour (2012, p. 23) defende um novo conceito para o social, que considera que é estabelecido a partir de uma série de associações entre elementos heterogêneos: “o adjetivo ‘social’ não designa uma coisa entre outras, como um carneiro negro entre carneiros brancos, e sim um tipo de conexão entre coisas que não são, em si mesmas, sociais”. A partir da observação dos padrões de interação, podemos definir uma relação social que envolve dois ou mais agentes ou indivíduos comunicantes. “As tecnologias da informação nos permitem rastrear associações de um modo antes impensável: tornam visível o que antes só existia virtualmente” (LATOUR, 2012, p. 299). Compreendemos as redes a partir do conceito de rizoma, formulado por Deleuze e Guattari (2011) e aplicado à tecnologia de forma empírica por meio da ideia de redes de transformação de Bruno Latour (2012) para explicar a lógica das redes hipertextuais. A partir da ideia de rizoma, entendemos que a rede não possui uma unidade orgânica, estática, estável e definida, mas sim um modelo em movimento associativo, gerando ações e controvérsias, com as conexões sendo formadas e desmontadas pelos diversos elementos participantes, humanos ou não.

Na própria rede, surgem outras redes que atuam sem que nenhuma delas se sobreponha às outras. As redes rizomáticas são heterogêneas, em que qualquer ponto pode ser conectado a outro, com múltiplos processos, com idas e vindas sem quebra de fluxos

(DELEUZE E GUATTARI, 2011). A partir desse entendimento, podemos estabelecer cartografias para enxergar as conexões das redes com seus múltiplos atores.

Acreditamos que a melhor perspectiva para compreender a interação dos atores nos sites de redes sociais é a teoria ator-rede (TAR), conceito que tem o sociólogo Bruno Latour (2012) como um de seus idealizadores, que estabelece que não se deve entender os elementos humanos (indivíduos) e não-humanos (artefatos digitais) de maneira separada na comunicação, mas sim em um modelo híbrido, produzindo redes e associações (LATOURE, 2012).

A partir desse entendimento latouriano, consideramos que “o ator não é o indivíduo e a rede não é a sociedade. O ator é a rede e a rede é um ator, ambos são mediadores em uma associação” (LE MOS, 2013a, p. 23). Nesta perspectiva teórica, são identificadas as associações entre atores, “vistos como mediadores ou intermediários, destacando as redes que se formam com a circulação da ação entre eles” (LE MOS, 2013a, p. 24). Lemos (2013a) estabelece que:

Para compreendermos a complexidade da cultura digital, torna-se imperativo ir além da separação entre sujeitos autônomos e objetos inertes, passivos e obedientes, simples intermediários. Eles são também mediadores e a mídia é mais do que uma externalidade do humano, uma extensão do homem. Ela é parte da rede que o constitui (LE MOS, 2013a, p. 23)

A teoria ator-rede seria capaz de nos ajudar a entender as relações que surgem e que levam ao desenvolvimento da sociedade conectada, com o movimento dos fluxos e das associações dos diversos atores em rede. Os teóricos da TAR entendem que é possível “rastrear relações mais sólidas e descobrir padrões mais reveladores quando se encontra um meio de registrar os vínculos entre quadros de referência instáveis e mutáveis, em vez de tentar estabilizar um deles” (LATOURE, 2012, p. 45).

A perspectiva teórica supera algumas premissas dos estudos mais tradicionais da sociologia, como “a visão indivíduo/coletivo, micro/macro, geral/particular, local/global, totalidade/singularidade, pares tradicionais da teoria social, que conformam uma visão atômica das interações sociais” (MALINI, 2017, p. 85).

Associado ao conceito de mônada trabalhado por Gabriel Tarde, Bruno Latour (*apud* MALINI, 2017) propõe um modelo que substitui essas dicotomias para concentrar-se em pontos de vista sobre os elementos de uma rede, para que possamos rastrear as interações dos diversos atores envolvidos. “O ponto de vista, na acepção tardiana, pode ser entendido como fluxos em conexão e conjugações sociais, que fazem movimentar

tanto uma micropolítica dos atores, quanto uma composição de aglomerações de segmentos sociais” (MALINI, 2017, p. 85).

Um dos destaques da TAR é a possibilidade de analisar o fluxo de controvérsias e polêmicas. “Controvérsias proporcionam ao analista os recursos necessários para rastrear as conexões sociais” (LATOUR, 2012, p. 53). Dentro dessa perspectiva específica, “rede é o movimento da associação, do social em formação” (LEMOS, 2013a, p. 35). A TAR tem como finalidade mostrar como o social se desenvolve em meio ao progresso das ciências e das técnicas, optando-se por rastrear “as associações entre elementos heterogêneos (humanos e não-humanos) onde as traduções se fazem por inscrições as mais diversas” (LEMOS, 2013a, p. 35). Dentro da ideia da TAR, “mais do que explicar os fenômenos tendo como causa a sociedade ou o social, o social será aquilo que emerge das associações, das redes” (LEMOS, 2013a, p. 36).

Nessa teoria, os atores (humanos e não-humanos) são entendidos como *actantes* (LATOUR *apud* LEMOS, 2013a), verdadeiras entidades que criam redes sociotécnicas heterogêneas, por meio de mediação, tradução e delegação. “As tecnologias da informação nos permitem acompanhar o trabalho de construção do ator” (LATOUR, 2012, p. 300). Ao trabalhar com a TAR, é preciso considerar que o ator não é um sujeito dotado de interioridade primordial, mas acompanhar como “um corpo anônimo e genérico pode ser construído a fim de se tornar uma pessoa: quanto mais subjetividades se oferecem, mais interioridade se obtém” (LATOUR, 2012, p. 300). Esse ator representa um reagrupamento artificial e rastreável. “Um ator-rede consiste naquilo que é induzido a agir por uma vasta rede, em forma de estrela, de mediadores que entram e saem” (LATOUR, 2012, p. 312).

Em uma verdadeira sociologia das associações, por meio do movimento dos atores, muitas vezes com aspectos controversos, “pode-se compreender a ciência e as demais formas associativas que compõem o social” (LEMOS, 2013a, p. 37). Sendo assim, consideramos que a teoria é a mais eficaz para estabelecer uma cartografia dos sentidos da enunciação dos “ninjas” durante os dias de ocupação escolares.

A perspectiva da TAR de Latour (2012) “contribui para entender as manifestações do midiativismo dos movimentos sociais, em razão da multiplicidade de atores que ajudam a configurar a presença nos *media*, incluindo os sites e redes sociais na Internet” (PERUZZO, 2018, p. 49). Entendemos que não é necessário explicitar uma certa linearidade na dispersão textual dos midiativistas, mas entender seus sentidos, seus movimentos, seu léxico e emoções.

3.2 CIBERCULTURA, CONVERGÊNCIA E COMPARTILHAMENTO

No cenário midiaticizado atual, a construção das narrativas informacionais apresenta-se mais complexa, na medida em que as leituras resvalam do campo simbólico para a materialidade da navegação. A experimentação na rede digital transfigura, e pode, de certa maneira, estender a especificidade dos registros em fotos e vídeos em sites de redes sociais como o Facebook, que passam a compor simultaneamente narrativas hipertextuais.

O ciberespaço estabelece-se como sendo “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 2010, p. 94). O ciberespaço é o meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, significando não apenas a infraestrutura da comunicação, como também o universo de informações que ela abriga (LÉVY, 2010). Nesse cenário, emerge a cibercultura, também conhecida como a cultura técnica contemporânea, caracterizada pela constituição de uma sociedade estruturada por meio de uma conectividade generalizada, quando o potencial comunicativo é expandido (LEMOS, 2013b).

A cibercultura representa um verdadeiro conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 2010). Forma-se, precisamente, “da convergência entre o social e o tecnológico, sendo através da inclusão da socialidade na prática diária da tecnologia que ela adquire seus contornos mais nítidos” (LEMOS, 2013b, p. 90). Nesse sentido, “a cibercultura está sincronizada com a dinâmica da sociedade contemporânea, podendo mesmo ser caracterizada como uma cibernsocialidade” (LEMOS, 2013b, p. 81).

A partir desse cenário de conexão generalizada, estabeleceu-se uma inteligência da coletividade capaz de construir significado a partir das ferramentas dispostas pelo ciberespaço (LÉVY, 2010). A inteligência coletiva é um termo que diz respeito a um princípio no qual as inteligências individuais são somadas e compartilhadas por toda a sociedade, sendo potencializadas a partir do surgimento de novas tecnologias de comunicação como a internet, por exemplo.

A inteligência coletiva possibilita o compartilhamento da memória, da imaginação e da percepção, o que resulta na aprendizagem coletiva, a troca de conhecimentos, entre outras possibilidades (LÉVY, 2010), como por exemplo a produção de conteúdos de forma colaborativa nos sites de redes sociais.

Ao interagir com o mundo virtual, por meio de seus dispositivos, os usuários o exploram e o atualizam simultaneamente. Quando as interações podem enriquecer ou modificar o modelo, o mundo virtual torna-se um vetor de inteligência e criações coletivas (LÉVY, 2010). Dessa forma, os novos dispositivos informacionais (mundos virtuais, informação em fluxo) e comunicacionais (comunicação todos-todos) são os maiores portadores de transformações culturais.

O cenário cotidiano, em que atores dotados de dispositivos móveis, capazes de produzir vídeos, fotos e textos, com acesso à internet, conseguem, simultaneamente, se comunicar com outros indivíduos e criar conteúdo, experimenta a cultura da convergência, em que as velhas e novas mídias entram em choque, quando “a mídia corporativa e a mídia alternativa se cruzam, o poder do produtor e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2009, p. 343).

Jenkins (2009) estabelece que convergência representa, ao mesmo tempo, o fluxo de conteúdos que circula por meio de múltiplas plataformas conectadas à internet, em meio às práticas de cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação.

Nesse cenário, a participação ativa dos indivíduos é fundamental, para que haja uma circulação de conteúdos por meio de diferentes sistemas de mídia. Sendo assim, a convergência representa uma verdadeira transformação cultural, “à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (JENKINS, 2009, p. 30).

Os novos atores em cena estabelecem uma narrativa transmidiática, uma estrutura particular de narrativa que “se expande através de diferentes linguagens (verbal, icônica) e mídias (cinema, quadrinhos, televisão, videogames)” (SCOLARI, 2015, p. 8). A variedade de linguagens serve para estabelecer uma história contada por meio de múltiplas mídias, sem necessariamente ter uma linearidade, mas todo um contexto em comum. Essa dispersão textual “é uma das fontes mais importantes da complexidade na cultura popular contemporânea” (SCOLARI, 2015, p. 8).

Ao entendermos esse cenário de convergência, percebemos uma mudança fundamental, que é a maneira como os indivíduos passam a lidar com a mídia. Para Jenkins (2009), a convergência dos meios de comunicação representa um impacto importante na maneira como passamos a consumir esses meios. É necessário observar que, dentro dessa perspectiva de convergência, aconteceu uma verdadeira transformação

“tanto na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação” (JENKINS, 2009, p. 44).

Nos últimos anos, os indivíduos passaram a usar as ferramentas de mídia digital, e as distinções limítrofes tradicionais entre mídia de comunicação (telefone, fax, correspondências) e mídia de transmissão (televisão, rádio, cinema) ficaram borradas, e atualmente há dificuldade de diferenciar uma função da outra. Para Shirky (2012), os dois padrões passam a se confundir, e a maneira que pequenos e grandes grupos se comunicam tornou-se um verdadeiro ecossistema.

A capacidade dos indivíduos de misturar consumo, produção de conteúdo e compartilhamento, conectando-se uns aos outros, causou uma verdadeira transformação na ideia de mídia, quando o conceito passou “de um determinado setor da economia em mecanismo barato e globalmente disponível para o compartilhamento organizado” (SHIRKY, 2011, p. 29).

As ferramentas de mídia são cada vez mais presentes na vida das pessoas, tornando-se “os instrumentos coordenadores de eventos no mundo físico” (SHIRKY, 2011, p. 37). O acesso aos aparatos tecnológicos deu origem à cultura da participação (SHIRKY, 2011), quando os atos criativos feitos por amadores se tornam também atos sociais, com um compartilhamento generalizado.

Na mesma plataforma em que grandes grupos divulgam seus produtos, serviços ou notícias, os sujeitos, como é o caso do Facebook, anônimos e anteriormente atores inexpressivos, conectam-se com seus familiares e amigos em tempo real, postam fotos das férias na praia, vídeos dos primeiros passos dos filhos ou outras banalidades do dia a dia, que comercialmente não possuem valor, mas que disputam o espaço no *feed* de notícias com tantos outros empreendimentos varejistas e grandes corporações, muitas delas multinacionais.

De fato, entendemos que a relação dos indivíduos com os meios de comunicação mudou. Com a popularização dos aparatos tecnológicos com acesso à internet, dotados de recursos de produção de textos, imagens e vídeos, o público deixa o papel de consumidor passivo de informações, e passa a elaborar conteúdo (JENKINS, 2009). Além disso, “as pessoas assumem o controle das mídias” (JENKINS, 2009, p. 45). Esse novo público conectado, capaz de elaborar conteúdo, “que ganhou poder com as novas tecnologias e vem ocupando um espaço na intersecção entre os velhos e os novos meios de comunicação, está exigindo o direito de participar da cultura” (JENKINS, 2009, p. 53).

3.3 ATIVISMO, MÍDIA LIVRE E OPOSIÇÃO À IMPRENSA TRADICIONAL

Esses novos sujeitos comunicantes estabeleceram um fluxo de conteúdo, por meio de novas práticas de criação colaborativas, que deu origem a uma produção coletiva de significados na cultura, cuja existência alterou o funcionamento de vários setores, como religiões, educação, direito, política e publicidade (JENKINS, 2009). Surgem em cena novos atores políticos, capazes de criar engajamento no ciberespaço, compartilhando conteúdo a partir de redes colaborativas.

São os ativistas digitais, indivíduos que aproveitam os aparatos tecnológicos para estabelecer uma autocomunicação de massa (CASTELLS, 2007), capaz de oferecer as bases para a construção de sua autonomia e para o enfrentamento das instituições da sociedade em seus próprios termos e em torno de seus próprios projetos. Trabalhamos com o conceito de midiativismo (ativismo com o uso da mídia), que refere-se:

A um fenômeno social de múltiplas perspectivas, cujos “atores” são tanto do âmbito dos movimentos sociais e organizações não governamentais quanto grupos independentes, coletivos e cidadãos/cidadãs que desenvolvem ativismo mediático por meio de meios de comunicação, dentro deles e sobre eles, ou “através”, “nas” ou “sobre” as mídias, tomando emprestadas a terminologia de Alice Mattoni (2013) (PERUZZO, 2018, p. 58).

Como vimos no capítulo anterior, os movimentos sociais estão em contínua reinvenção (GOHN E BRINGEL, 2014), trazendo marcas de sua época. Os movimentos sociais, que ao longo do tempo tradicionalmente valiam-se de recursos de mídia para conseguir divulgar suas causas, migraram para os novos meios de comunicação, e encontraram nessas ferramentas sua forma organizacional mais decisiva, em uma ruptura com as formas tradicionais de organização de partidos, sindicatos e associações da sociedade industrial (CASTELLS, 2007).

O midiativismo não surgiu com a internet, como explica Cicilia Peruzzo (2018). O uso das tecnologias disponíveis em cada período histórico, de acordo com as condições econômicas de cada grupo, “perpassa a práxis dos movimentos sociais e de coletivos populares e demais grupos e organizações sem fins lucrativos” (PERUZZO, 2018, p. 51). Atualmente, não há uma obrigatoriedade de conexão para os movimentos sociais existirem. Porém, ao optarem pela plataforma conectada como um dos meios de militância, “as possibilidades participativas e de presença virtual dos movimentos sociais, coletivos e organizações não governamentais no mundo se amplificam, apesar do controle

econômico e político ideológico das grandes empresas e governos que dominam o setor” (PERUZZO, 2018, p. 51-52).

De fato, os movimentos sociais não surgiram por causa dos novos dispositivos tecnológicos, porém encontraram na internet uma plataforma essencial para o debate e uma maneira de atingir mais e mais interessados em suas causas. “A tecnologia é um vetor impulsionador das ações humanas, industriais, institucionais e mercadológicas e, tem, portanto, um papel importante nos processos de mudança das sociedades” (PERUZZO, 2018, p. 45). Na atualidade, entendemos que a internet representa a arma política mais potente dos ativistas (CASTELLS, 2007).

A possibilidade de gerar conteúdo de maneira independente e na contramão da mídia hegemônica no século XXI está mais acessível do que nas décadas passadas, porém esse modelo guarda uma contradição que deve ser registrada em nosso estudo: a tecnologia segue sendo restrita a quem possui mais recursos financeiros. No Brasil, 39% dos domicílios não possuem acesso à internet⁸, o que evidencia uma desigualdade grande, em que uma parcela considerável dos brasileiros está fora da arena midiática, apesar do avanço das tecnologias comunicacionais no país.

Também é importante ressaltar em nosso percurso que os dispositivos tecnológicos não foram responsáveis pela revolução midiática percebida atualmente, mas foram fundamentais para dar suporte às ações dos sujeitos, que se apropriaram dos meios comunicacionais contemporâneos para criar conteúdo. De fato, a tecnologia “não determina o processo e o resultado do processo de tomada de poder, mas ela também não é neutra, já que maximiza as chances para a expressão e mobilização de projetos alternativos” (CASTELLS, 2015, p. 35).

O ativismo midiático mais popular verificado atualmente recebeu o nome de midialivrismo — nomenclatura trabalhada por Bentes (2015) e Malini e Antoun (2013). O midialivrismo seria, então, um tipo de midiativismo, assim como o hacktivismo ou o ativismo de dados, por exemplo. O termo mídia livre “define formas autônomas de produção de mídia. Seus conteúdos recebem licenciamentos públicos, como o *Creative Commons*, e têm, geralmente, livre circulação” (BENTES, 2018, p. 158).

O midialivrismo surgiu a partir de duas correntes distintas, cujas origens são as mesmas: as lutas disciplinares dos anos 60 e 70 (MALINI E ANTOUN, 2013). Uma delas é o midialivrismo de massa, nascido dentro da política radical dos novos movimentos

⁸ Informação disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-07/mais-de-um-terco-dos-domicilios-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em 15/01/2019.

urbanos, como por exemplo dos estudantes, trabalhadores sem-terra, operários e sindicatos. Essa vertente, amparada pelos movimentos populares, produz mídias alternativas e comunitárias, em uma prática de antagonismo ao modo de produção de comunicação das grandes corporações midiáticas, que tradicionalmente controlam a opinião pública (MALINI E ANTOUN, 2013).

Já a segunda corrente de ativismo, na qual acreditamos que o coletivo Ninja ES se encaixa, é a chamada midialivrismo ciberativista (MALINI E ANTOUN, 2013) ou mídia-multidão (BENTES, 2018), entendida a partir de uma lógica de colaboração social em rede com base nas tecnologias informáticas, em que o objetivo é a “produção de um mundo sem intermediários da cultura, baseada na produção livre e incessante do comum” (MALINI E ANTOUN, 2013, p. 22). Sendo assim, temos, de um lado, o midialivrismo de massa que deseja se libertar do poder concentrador dos donos dos meios de comunicação, e o ciberativista, que ambiciona radicalizar os direitos fundamentais, principalmente a liberdade de expressão (MALINI E ANTOUN, 2013).

Esses dois formatos de midialivrismo andam de mãos dadas em um movimento para dar voz a enunciadores excluídos do tradicional modelo de radiodifusão, de formato concentrador e monopolista. Malini e Antoun (2013) classificam esse novo sujeito comunicante, o midialivrista que se apropria das ferramentas tecnológicas para estabelecer um canal de comunicação, como sendo um hacker das narrativas, “um tipo de sujeito que produz, continuamente, narrativas sobre acontecimentos sociais que destoam das visões editadas pelos jornais, canais de TV e emissoras de rádio de grandes conglomerados de comunicação” (MALINI E ANTOUN, 2013, p. 23).

Em sua rotina de trabalho, esses ciberativistas captam uma dimensão da notícia “para lhe dar um outro valor, um outro significado, uma outra percepção, que funcionam como ruídos do sentido originário da mensagem atribuído pelos meios de comunicação de massa” (MALINI E ANTOUN, 2013, p. 23).

Sendo assim, ao postar o conteúdo no ciberespaço, os ativistas geram um ruído “cujo principal valor é de dispor uma visão múltipla, conflitiva, subjetiva e perspectiva sobre o acontecimento passado e sobre os desdobramentos futuros de um fato” (MALINI E ANTOUN, 2013, p. 23). Dotados de dispositivos como celulares, tablets e câmeras digitais, os midialivristas fogem do modo de trabalho dos veículos de massa para “produzir uma comunicação em rede que faz alimentar novos gostos, novas agendas informativas e novos públicos, alargando assim o espaço público midiático” (MALINI E ANTOUN, 2013, p. 24).

Um dos principais marcos da atividade midialivrista é a capacidade “de entrar e sair das controvérsias construindo lugares comuns de lutas” (BENTES, 2015, p. 17). Entendemos que o midialivrista ciberativista “é um corpo da multidão e a comunicação é uma das formas de mobilizar e organizar, expressar, essa multidão” (BENTES, 2015, p. 14). Os midialivristas, ao contrário das equipes de reportagem a serviço das grandes corporações midiáticas, não participam de protestos para fazer registros dentro de uma relação de trabalho (BENTES, 2015). A autora diferencia os midialivristas e os profissionais de imprensa:

A principal diferença se dá entre uma mídia que monopoliza e controla a produção de mundos e os processos de subjetivação e outras práticas e conceitos que apontam para a emergência de uma ‘intelectualidade de massa’ e uma cultura popular digital, ou seja, a distribuição da inteligência humana, com as transformações na forma de sentir, ser e conhecer (BENTES, 2015, p. 16).

Outra diferença é que postagens de coletivos de mídia livre como o Ninja ES “funcionam muito mais como crônicas, parciais e subjetivas, do que textos informativos” (BENTES, 2015, p. 16). Sendo assim, cada publicação dos midialivristas é capaz de promover uma causa, um afeto, um horizonte de mundos em torno do fato propriamente enunciado (BENTES, 2015). Muitas vezes o midialivrista vai na contramão das grandes corporações midiáticas ao noticiar fatos importantes ligados à sua causa, muitas vezes ignorados ou silenciados pela imprensa tradicional, que mostra-se cada vez mais comprometida com seus interesses comerciais.

Consideramos que o espaço público⁹, que deveria funcionar como um quarto poder da sociedade, tem sido dominado por um sistema midiático comprometido com os poderes econômico e político hegemônicos (RAMONET, 2013). Essa cumplicidade do até então chamado quarto poder “com os poderes dominantes faz com que ele deixe de funcionar como tal, o que representa um grave problema para a democracia, pois não é possível concebê-la sem o autêntico contrapoder da opinião pública” (RAMONET, 2013, p. 98). O autor considera que uma das especificidades dos sistemas democráticos está “na tensão permanente entre poder e contrapoder, cujo resultado é a versatilidade e a capacidade de adaptação do sistema” (RAMONET, 2013, p. 98).

⁹ “A democracia pressupõe a existência de um espaço público onde sejam debatidos, de forma contraditória, os grandes problemas do momento” (WOLTON, 1995, p. 167). Simbólico, o espaço público é “uma das condições estruturais do funcionamento da democracia” (WOLTON, 1995, p.167).

O sistema midiático atual “trata-se de um poder desmaterializado, penetrante, invasivo, livre de resistências físicas e territoriais, expandindo seus tentáculos para muito além da televisão, do rádio, dos meios impressos e do cinema” (MORAES, 2013, p.19). Sendo assim, o sistema midiático opera “para reproduzir a ordem do consumo e conservar hegemonias constituídas” (MORAES, 2013, p. 21).

As grandes empresas de mídia não só estariam comprometidas com o poder econômico, mas também representariam uma nova formação política, como defende Ivana Bentes (2018, p. 152): “os meios de comunicação corporativos funcionam como uma mídia-estado, rivalizando com governos e incidindo sobre políticas públicas”. Para a autora, no cenário contemporâneo brasileiro repleto de desigualdades sociais e econômicas, “o fortalecimento da capacidade de comunicação e disputa de narrativas da sociedade civil torna-se ainda mais urgente e decisivo” (BENTES, 2018, p. 152). Por isso, o campo da comunicação tem se tornado cada vez mais estratégico, sobretudo com os novos arranjos verificados na mídia tradicional e na digital.

Contra o discurso da mídia corporativa, surgem os midialivristas, que usam os recursos noticiosos (textos, imagens e vídeos) para contrapor-se à narrativa hegemônica, ou mesmo para criar uma agenda própria, para sua audiência nos sites de redes sociais. A narrativa noticiosa, “que sempre esteve atrelada àqueles que detinham a capacidade de irradiar informação, hoje está em todos os lugares virtuais” (MALINI E ANTOUN, 2013, p. 184). Para Malini e Antoun (2013, p. 58), “as redes são uma forma própria de poder constituinte através da qual uma multidão inteligente armada pela comunicação distribuída em redes interativas estaria conquistando sua emancipação social”.

Acreditamos que os midialivristas são sujeitos comunicantes que narram dentro dos acontecimentos, movimentando as redes sociais a partir das ruas. Ivana Bentes (2015) relaciona os coletivos de mídia livre à multidão, considerando que atualmente é possível constatar nas ruas uma multidão “capaz de se autogovernar a partir de ações e proposições policêntricas, atravessadas por poderes e potências muitas vezes em violento conflito, mas que constituem uma esfera pública em rede, autônoma em relação aos sistemas midiáticos e políticos tradicionais” (BENTES, 2015, p. 21).

Tascón e Quintana (2012) também consideram que novos atores estão se apropriando das plataformas móveis digitais para estabelecer uma nova dinâmica comunicacional, ponderando que “as multidões conectadas arrebataram das elites narradoras (meios de comunicação) os mecanismos (canais e códigos) de construção da realidade e afetaram a legitimidade dos poderes políticos e econômicos” (TASCÓN E

QUINTANA, 2012, p. 253, tradução nossa). A multidão, dispondo das plataformas digitais móveis conectadas à internet, torna-se então capaz de assumir uma postura de ativismo midiático, indo na contramão dos bloqueios da expressão pública.

3.4 NARRATIVA, ACONTECIMENTO E FALA FRANCA

A capacidade de estabelecer narrativas é uma das estratégias de sedução da audiência. Entendemos que o texto narrativo “será aquele em que um agente relate uma história” (SODRÉ, 2012, p. 203). Muniz Sodré (2012) cita Paul Ricoeur para estabelecer que narrativa articula o tempo do mundo à experiência humana e à linguagem, proporcionando, dessa maneira, que a audiência vivencie os acontecimentos relatados à sua maneira, acionando dispositivos imaginativos próprios. Narrar, no fim das contas, significa contar uma história. Nesse sentido, “um acontecimento é a transição de um estado a outro” (SODRÉ, 2012, p. 203), dois conceitos que caminham juntos.

As narrativas trazem acontecimentos, uma espécie de recorte da realidade, uma “modalidade clara e visível de tratamento do fato” (SODRÉ, 2012, p. 36). Portanto, partimos da ideia de que o acontecimento “é uma construção ou uma produção de real, atravessada pelas representações da vicissitude da vida social” (SODRÉ, 2012, p. 37).

Os midiativistas produzem uma profusão de relatos, imagens e vídeos, portanto entendemos que esses fragmentos, muitas vezes não lineares e interativos, estão estabelecendo uma forma *sui generis* de narração. Nesta perspectiva, “o fluxo textual em convergência técnica pode ser descrito como uma forma de experiência em que a visão e o acontecimento assumem a dominância” (SODRÉ, 2012, p. 188). Apesar da falta de uma linearidade na enunciação, com uma sequência cronológica e crescente dos eventos relatados, os net-ativistas conseguem estabelecer uma narrativa. Isso porque, “o que realmente integra temporalmente os acontecimentos no relato é o pano de fundo constituído pelo enredo” (SODRÉ, 2012, p. 189).

Em oposição às narrativas, está o estilo jornalístico empreendido atualmente nas redações jornalísticas brasileiras, amparado por uma prática profissional formalmente estabelecida, que se diferencia da narrativa por, entre outros elementos, ter um espírito de concisão e síntese, além de “fluência, clareza, objetividade, correção gramatical, sem asperezas linguísticas” (SODRÉ, 2012, p. 208). O texto informativo suprime consideravelmente o caráter testemunhal e emotivo das narrativas, “em benefício de uma comunicabilidade indistinta” (SODRÉ, 2012, p. 207). Ou seja, a linguagem se distancia

da dos grupos sociais e ganha um rigor da norma padrão vigente na sociedade. Em síntese, consideramos que o midiativismo narra com o acontecimento, postando conteúdo com um aspecto sobretudo testemunhal e emotivo, enquanto a reportagem tem uma estética mais sóbria, limpa, em que os excessos são aparados em busca de uma clareza.

Nesse sentido, entendemos que os midiativistas postam conteúdos testemunhais sobre temas variados, porém dentro de uma temática social com um viés mais contestador, denunciativo. Dotados de plataformas móveis com acesso à internet, esses sujeitos compartilham narrativas e imagens com sentido muitas vezes contra-hegemônico ao que é veiculado na mídia tradicional, ampliando assim o espaço público midiático, ao alimentar novas agendas informativas e estabelecer uma nova audiência.

Consideramos que a ideia desse acontecimento denunciativo, empreendido pelo midiativismo on-line, se associa ao sentido do conceito de *parresía*, palavra grega cujo significado original é “dizer tudo” (FOUCAULT, 2010), mas que possui traduções para o francês como *le dire-vrai* ou para o português como fala franca ou franco falar. O conceito está ligado ao dever e à virtude de estabelecer uma fala franca ou dotada de verdade sobre determinados assuntos. Porém, dentro de nossa análise, devemos ter em mente que a *parresía* também é uma técnica, que deve nortear o trabalho de quem “dirige a consciência dos outros e os ajuda a constituir sua relação consigo” (FOUCAULT, 2010, p. 43).

No entanto, o conceito de *parresía* não deve ser entendido como uma estratégia discursiva. De fato, o franco falar não deve ser observado a partir da estrutura interna do discurso nem de sua finalidade, mas sim a partir da percepção do risco que o ato de dizer a verdade pode causar para o próprio enunciador (FOUCAULT, 2010). Os sujeitos, também conhecidos como *parresiastas* (FOUCAULT, 2010), que voluntariamente se dispõem a fazer uso da fala franca aceitam que esse ato poderia lhes custar sua própria existência. Ou seja, assumir uma postura de fala franca implica riscos, e os *parresiastas* estão dispostos a assumi-los.

A noção de *parresía* é, fundamentalmente, uma noção política (FOUCAULT, 2011). Mas não é todo ato de enunciação, sobretudo jornalístico, que pode ser considerado como sendo um franco falar. Para que essa relação de *parresía* se estabeleça, são necessárias duas condições principais: uma ligação estreita entre o que é dito e o pensamento de quem fala; e um questionamento sobre a ligação existente entre os dois interlocutores. A fala franca pode representar um risco não só para o enunciador, mas

também para quem recebe a mensagem. Sendo assim, é preciso ter coragem para encarar essa verdade, tanto para enuncia-la como para ouvi-la (FOUCAULT, 2011).

A partir desses conceitos, entendemos que o midiativismo se assemelha à *parresía* por possuir um formato típico de jogo parresiástico, quando o midiativista diz sua verdade, contra tudo e contra todos, disposto a correr riscos por sua atividade de enunciação, e a audiência, por outro lado, aceita o risco de conhecer a verdade. A partir daí, estabelece-se um tipo de pacto, entre o indivíduo que corre o risco de dizer a verdade e aquele que está disposto a ouvir (FOUCAULT, 2011).

3.5 ATOS DE JORNALISMO, COLABORAÇÃO E DISPUTA NARRATIVA

Apesar das narrativas terem suas peculiaridades em relação aos textos propriamente jornalísticos, que são elaborados dentro de uma lógica mercadológica e de uma rotina produtiva específica, os esforços de veicular narrativas com sentido contra-hegemônico nos sites de redes sociais, como é o caso do coletivo Ninja ES, podem ser considerados atos de jornalismo, feitos por amadores, que se apropriam das ferramentas tecnológicas para criar conteúdo em busca de engajamento no Facebook.

Consideramos que a produção narrativa biopolítica dos midiativistas, focada em relatos testemunhais, além de se relacionar intimamente com a fala franca dos parresíastas, traz uma ligação direta com algumas das atividades entendidas como próprias da atividade jornalística, porém exercidas, neste caso específico do coletivo Ninja ES, por amadores que desconhecem grande parte das normas formais e práticas da deontologia profissional.

A atuação dos midiativistas acontece em um cenário de convergência em que as velhas e novas mídias colidem (JENKINS, 2009). Com as fronteiras sendo superadas, a mídia ganha um novo sentido, mais focado em seus usos do que propriamente em seus propósitos mercadológicos. Acreditamos que, no cenário midiaticizado, houve uma mudança fundamental na relação dos indivíduos com a mídia (JENKINS, 2009).

A mídia tornou-se o “tecido conjuntivo da sociedade” (SHIRKY, 2011, p. 52), quando os indivíduos deixaram de apenas consumir mídia, passando a produzir conteúdo livremente. Nessa perspectiva, “a mídia corporativa e a mídia alternativa se cruzam, o poder do produtor e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2009, p. 343).

A própria relação dos indivíduos com a mídia mudou: hoje, ela não é algo que as pessoas consomem, mas algo que as pessoas usam para se comunicar uns com os outros, compartilhando conteúdos variados. Shirky (2011) explica que, anteriormente, havia uma divisão em mídia pública (como comunicação visual e impressa feita por um pequeno grupo de profissionais) e mídia pessoal (como cartas e telefonemas, feitos por cidadãos comuns). Neste cenário cotidiano, “essas duas formas estão fundidas” (SHIRKY, 2011, p. 53). Para Jenkins (2009, p. 44), “a convergência dos meios de comunicação impacta o modo como consumimos esses meios”. A convergência representa “uma transformação tanto na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação”.

Clay Shirky (2012) estabelece que, neste novo contexto midiático, os atos de jornalismo se popularizam, tornando comum as narrativas multitudinárias para além da cultura profissional da imprensa. O autor pondera que “nossas ferramentas sociais removem obstáculos mais antigos à expressão pública, eliminando assim os gargalos que caracterizavam os meios de comunicação de massa” (SHIRKY, 2012, p. 51). Sendo assim, “o resultado é a amadorização em massa de esforços antes reservados a profissionais de mídia” (SHIRKY, 2012, p. 51).

Surge então uma nova revolução, ocasionada com a inclusão de amadores na produção de conteúdo na mídia, quando os indivíduos não precisam mais “pedir ajuda ou permissão a profissionais para dizer as coisas em público” (SHIRKY, 2011, p. 50).

A revolução acontece em um cenário propício, com novas ferramentas tecnológicas que permitem a expressão dos indivíduos sem a interferência de um moderador, por assim dizer, capaz de decidir o que pode ser publicado ou não, como acontecia anteriormente nas mídias tradicionais. Os usuários dos dispositivos tornam-se editores quando decidem publicar algo ou não nos sites de redes sociais. Dessa forma surge a revolução, quando a sociedade adota novos comportamentos, proporcionados pela tecnologia, mas não determinados especificamente por ela (SHIRKY, 2012).

Sendo assim, todo mundo transforma-se em um veículo de comunicação (SHIRKY, 2012), quando constatamos que qualquer indivíduo pode publicar qualquer coisa em qualquer momento, “e no mesmo instante o material publicado torna-se globalmente disponível e facilmente encontrável. Se qualquer um pode ser editor, qualquer um pode ser jornalista” (SHIRKY, 2012, p. 64). Neste cenário, qualquer indivíduo dotado de um aparato com câmera e teclado, com acesso à internet, torna-se uma empresa sem fins lucrativos de uma só pessoa, precarizada, e “a publicação independente passou a ser a norma” (SHIRKY, 2012, p. 69).

A notícia, que até então era entendida como sendo o produto de uma rotina produtiva jornalística específica, com seus próprios valores-notícia e critérios de noticiabilidade institucionalizados, passa a ser aquilo que ecoa nos sites de redes sociais, em um formato essencialmente colaborativo, quando as pessoas podem compartilhar suas experiências com os demais indivíduos.

A partir dessa constatação, percebemos que a notícia “deixa de ser uma prerrogativa institucional para ser parte de um ecossistema de comunicações, ocupando por uma mistura de organizações formais, coletivos informais e indivíduos” (SHIRKY, 2012, p. 60). Sendo assim, os veículos de comunicação tradicionais estão a cada dia mais perdendo a exclusividade de emissão de textos noticiosos para a sociedade, dando espaço para o até então consumidor de informação, que deixa sua posição passiva de receptor e torna-se também emissor, atuante na criação de conteúdo por meio das plataformas digitais conectadas à internet.

Dentro de uma lógica colaborativa, amadores estão agindo em grupos de estrutura frouxa e informal, “operando sem direção gerencial e sem o motivo do lucro” (SHIRKY, 2012, p. 44). Grupos colaborativos, de todas as proporções, espalhados por todo o planeta, estão se mobilizando em torno de seus interesses, e essa lógica já pode ser percebida em muitos campos do conhecimento, transformando processos. Isso porque “a ação grupal confere à sociedade humana seu caráter particular, e tudo que altere a maneira como grupos fazem coisas afetará a sociedade como um todo” (SHIRKY, 2012, p. 25).

A criação colaborativa é uma forma mais dedicada de cooperação do que em outros formatos, “pois aumenta a tensão entre os objetivos do indivíduo e do grupo” (SHIRKY, 2012, p. 47). Nesse tipo de trabalho, há um princípio fundamental de que ninguém pode receber crédito individual pelo resultado final do trabalho, e o projeto não pode deslanchar sem a colaboração de muitos.

Shirky (2011) trabalha com o conceito de excedente cognitivo para falar sobre como as pessoas dedicam sua atenção e tempo livre a atividades do dia a dia, quando não estão trabalhando ou estudando, por exemplo. O autor comenta que, anteriormente, as pessoas se dedicavam sobretudo à televisão. Hoje em dia, houve um deslocamento neste eixo, com um direcionamento do excedente cognitivo para as ferramentas de mídias sociais, permitindo que as pessoas possam se comportar de forma generosa, pública e social, em comparação com seu estado anterior, acomodadas e consumindo informações.

As mudanças na produção de conteúdo na internet aconteceram por uma associação entre o excedente cognitivo, que é um maior tempo livre dos usuários para

criar material noticioso, e as ferramentas que ofereceram oportunidades para isso. A cultura da participação verificada atualmente não foi causada pelos novos aparatos tecnológicos, mas facilitada, pois “uma mídia flexível, barata e inclusiva nos oferece agora oportunidades de fazer todo tipo de coisas que não fazíamos antes” (SHIRKY, 2011, p. 61).

O fluxo da participação colaborativa de amadores conectados segue crescendo em todo o mundo “porque a mídia social recompensa nossos desejos intrínsecos tanto de participação quanto de compartilhamento” (SHIRKY, 2011, p. 82). O desejo de indivíduos por conexão pode ser aumentado por meio da satisfação de sentimentos ao participar e compartilhar, e a consequência direta é o aumento da expressão de sujeitos comunicantes por meio de dispositivos tecnológicos. O que faz as pessoas participarem podem ser motivações intrínsecas, fortes o bastante para que os indivíduos gravitem em torno de experiências conectadas que os recompensem (SHIRKY, 2011). A motivação do amador se diferencia da dos profissionais. Para Shirky (2011, p. 78), “a essência do amadorismo é a motivação intrínseca: ser um amador é fazer uma coisa por amor”.

A massa de amadores conectados, produzindo conteúdo em um formato colaborativo, muitas vezes entra em choque com a mídia de massa irradiada, capaz de falar com muitos de uma só vez. Os processos de narração coletiva dos acontecimentos públicos tornaram-se laboratórios da disputa enunciativa entre o público e os grandes conglomerados midiáticos (MALINI E ANTOUN, 2013), em dois processos antagônicos identificados como *infowar* e *netwar*.

A *infowar*, ou guerra de informação, acontece quando as grandes corporações utilizam seus meios massivos para causar a impressão de realidade sobre algum tipo de acontecimento (MALINI E ANTOUN, 2013). Por meio dessa estratégia, a informação “é usada para produzir efeitos de percepção ou efeitos afetivos sobre alguma população ou grupo social, visando tanto promover ou inibir sua própria ação enquanto grupo, quanto inibir ou promover algum tipo de ação social sobre esta população” (MALINI E ANTOUN, 2013, p. 159). Dessa forma, através dessa estratégia, um determinado tipo de narrativa ganha ares de verdade em meio à opinião pública, passando a amparar todas as discussões sobre determinado tema na sociedade.

Já a *netwar*, ou guerra em rede, caracteriza-se pelo uso intensivo das ferramentas conectadas via internet para tentar emplacar uma verdade narrativa sobre algum tipo de acontecimento ou ainda disseminar narrativas que não são amparadas pela mídia corporativa (MALINI E ANTOUN, 2013). Por meio desse movimento revolucionário,

atores não estatais e movimentos sociais entram na disputa pela construção narrativa de acontecimentos com estados e instituições, ao acionar toda sua rede de comentaristas e grupos de discussão (MALINI E ANTOUN, 2013).

Nesse embate entre grupos na internet e os conglomerados de mídia, “a narrativa vitoriosa será aquela que obtiver a confiança da opinião pública” (MALINI E ANTOUN, 2013, p. 159). Isso porque, apesar dos dois processos serem distintos, eles “pressupõem a primazia do valor afetivo da comunicação e o mútuo monitoramento dos dois tipos de mídia por seu público em uma disputa ativa pela primazia em algum tipo de narração social e coletiva” (MALINI E ANTOUN, 2013, p. 159).

De fato, Arquilla e Ronfeldt (2001) entendem que um nível narrativo eficaz é fundamental para o sucesso de uma estratégia de *netwar*, além de outros elementos como: design organizacional; estratégias e métodos colaborativos; além dos sistemas de informação e dos laços pessoais entre os envolvidos. Narrar de maneira eficaz pode ser determinante para ser vitorioso em uma disputa narrativa, é um elemento que faz toda a diferença no processo de guerra em rede.

Nesta perspectiva, as redes, assim como outras formas de organização, permanecem unidas por meio das narrativas, ou histórias, que os participantes contam. Essas narrativas expressam um senso de identidade e pertencimento do grupo, e ainda comunicam um senso de causa, propósito e missão (ARQUILLA E RONFELDT, 2001). É por meio das narrativas que os grupos expressam seus objetivos e seus métodos: o que acreditam e o que querem dizer. Portanto, estabelecer uma narrativa que cause engajamento é algo que todos os participantes de uma guerra em rede almejam.

4 OCUPAÇÕES ESCOLARES E COLETIVO NINJA ES

Neste capítulo, tratamos do contexto das ocupações escolares e de como ganhou força o movimento estudantil no Espírito Santo, como um reflexo das propostas do governo federal de reforma do currículo do ensino médio e da criação de um teto de gastos com educação e saúde. Estabelecemos uma linha do tempo das ações dos secundaristas, com base em reportagens da imprensa e entrevista com um dos midiativistas do Ninja ES, evidenciando toda a dinâmica de publicações nas redes, por meio dos alunos e dos midiativistas, em uma rede colaborativa para construção de narrativas biopolíticas. A partir desse capítulo, apresentaremos a parte empírica da pesquisa, construída a partir da modelagem e sistematização dos dados coletados no Facebook. Explicaremos o passo a passo de nossa abordagem metodológica e descreveremos os resultados encontrados e os desafios de construção desse conhecimento.

4.1 PRIMAVERA SECUNDARISTA E AÇÕES ESTUDANTIS NO #OCUPAES

Durante os anos de 2015 e de 2016, foram realizadas manifestações estudantis por todo o Brasil, envolvendo sobretudo estudantes de escolas públicas, do ensino fundamental, médio, técnico e universitário, em um movimento que ficou conhecido como Primavera Secundarista¹⁰. Em 2015, os primeiros protestos e ocupações foram registrados nas escolas estaduais em São Paulo, como reação a algumas medidas anunciadas pelo governador Geraldo Alckmin, como a reestruturação da rede escolar do estado de São Paulo, na qual estava previsto o fechamento de 93 escolas¹¹.

Também em 2015, começou a tramitar, na Câmara dos Deputados, o Projeto de Lei 867/2015, de autoria do deputado federal Izalci Ferreira (PSDB-DF), que trazia a proposta que ficou conhecida como Escola sem Partido por seus defensores, e como Lei da Mordada por seus opositores. Entre os pontos previstos pelo PL, estavam regras de conduta consideradas polêmicas para professores de instituições públicas em sala de aula, entre elas: o professor não poderá fazer propaganda político-partidária nem incitar os alunos a participar de manifestações e atos públicos; e o professor não poderá se

¹⁰ Informação obtida em <http://ubes.org.br/2017/os-frutos-da-primavera-secundarista/>. Acesso em 24/03/2019.

¹¹ Informação obtida em <http://g1.globo.com/sao-paulo/escolas-ocupadas/noticia/2015/12/ocupacoes-atos-e-polemicas-veja-historico-da-reorganizacao-escolar.html>. Acesso em 24/03/2019.

aproveitar da audiência cativa para promover seus interesses, opiniões, ou preferências ideológicas, religiosas e partidárias¹². Após inúmeras discussões dentro de uma comissão especial na Câmara dos Deputados, com tentativas fracassadas de votação do parecer do relator, o deputado Flavinho (PSC-SP), o projeto acabou arquivado no final de 2018¹³, com o fim da legislatura e a realização de novas eleições para a nova legislatura.

Em 2016, as principais movimentações estudantis aconteceram no segundo semestre, quando o presidente Michel Temer, recém-empossado após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff em agosto de 2016¹⁴, anunciou algumas ações para a área de educação, sendo dois principais tópicos: uma reforma do ensino médio, por meio da Medida Provisória (MP) 746/2016, encaminhada em 22 de setembro de 2016, que previa a obrigatoriedade apenas de Matemática e de Língua Portuguesa nos três anos do Ensino Médio, tornando facultativo o ensino de outros conteúdos como Sociologia e Filosofia, entre outras medidas¹⁵; e a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) conhecida como Teto de Gastos Públicos (PEC 55 no Senado e PEC 241 na Câmara), que delimitava um teto aos gastos públicos em saúde e educação pelos próximos 20 anos. A PEC foi aprovada em votação nas duas casas legislativas federais¹⁶.

As ações não foram recebidas de maneira positiva por estudantes e profissionais de educação em todo o país, resultando em um movimento de ocupações escolares em vários estados brasileiros¹⁷. No Espírito Santo, mais de 60 escolas públicas foram ocupadas, entre municipais, estaduais e federais¹⁸. No Brasil, a estimativa é de que mais de mil escolas foram ocupadas durante a Primavera Secundarista¹⁹, cujo epicentro foi o estado do Paraná, que concentrava a maioria das ocupações. O movimento capixaba ficou conhecido como #OcupaES, com a *hashtag* específica sendo replicada pelos participantes e apoiadores do movimento nas redes sociais, sobretudo no Facebook.

¹² Informação obtida em <https://www.programaescolasempartido.org/>. Acesso em 04/04/2019.

¹³ Informação obtida em <http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/escola-sem-partido-e-arquivado-e-tramitacao-fica-para-o-ano-que-vem/>. Acesso em 04/04/2019.

¹⁴ Informação obtida em <http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/08/senado-aprova-impeachment-dilma-perde-mandato-e-temer-assume.html>. Acesso em 24/03/2019.

¹⁵ Informação obtida em <http://www.ebc.com.br/educacao/2016/10/entenda-reforma-do-ensino-medio>. Acesso em 24/03/2019.

¹⁶ Informação obtida em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-12/saiba-o-que-muda-com-aprovacao-final-da-pec-do-teto-dos-gastos-publicos>. Acesso em 24/03/2019.

¹⁷ Informação obtida em <http://ubes.org.br/2017/os-frutos-da-primavera-secundarista/>. Acesso em 24/03/2019.

¹⁸ Informação obtida em <https://www.folhavoria.com.br/geral/noticia/2016/10/sobe-para-60-numero-de-escolas-ocupadas-por-manifestantes-no-espírito-santo.html>. Acesso em 24/03/2019.

¹⁹ Informação obtida em <https://www.brasildefato.com.br/2016/10/21/com-mais-de-mil-escolas-ocupadas-movimento-de-secundaristas-nao-para-de-crescer/>. Acesso 04/04/2019.

As ocupações de 2015 e 2016 estão sendo estudadas atualmente pela comunidade científica brasileira, sendo que duas dissertações de mestrado apresentadas em 2018 trouxeram o tema Primavera Secundarista, conforme constatamos a partir de uma pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Uma delas investiga os novíssimos movimentos sociais, com as ocupações dentro do contexto da Primavera Secundarista (PAGANI JUNIOR, 2018). A outra traz a perspectiva das ocupações no contexto da capital capixaba (REAL, 2018), analisando o engajamento dos secundaristas durante os dias de ocupação em Vitória (ES).

Apesar de haver amplo conteúdo nos sites jornalísticos sobre as ocupações escolares no Espírito Santo em 2016, optamos por construir uma linha do tempo com base em reportagens publicadas no Jornal A Tribuna, impresso sediado em Vitória (ES), que tem expressiva circulação estadual, e é líder de mercado no Espírito Santo²⁰. Após consulta a exemplares do período das ocupações (outubro, novembro e dezembro de 2016), estabelecemos uma cronologia da Primavera Secundarista capixaba.

As ocupações capixabas começaram em outubro nas unidades do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) em São Mateus, no norte capixaba, e em Cachoeiro de Itapemirim, no sul capixaba, e passaram a ganhar a atenção da mídia quando passaram a ser realizadas nas instituições de ensino da Região Metropolitana da Grande Vitória. O movimento obteve notoriedade quando as escolas estaduais Almirante Barroso, em Vitória, e Professor Agenor Roris, em Vila Velha, foram ocupadas pelos estudantes em 21 de outubro de 2016 (A TRIBUNA, 2016). Na ocasião, 150 alunos ocuparam a escola de Vila Velha, após terem feito um protesto na porta da instituição. Já na escola de Vitória, cerca de 100 alunos colocaram correntes e cadeados bloqueando o acesso ao local.

No dia 24 de outubro de 2016, cerca de cinco mil estudantes fizeram um protesto em Vitória, fechando as ruas por pelo menos duas horas, saindo da praça de Jucutuquara em direção ao Palácio Anchieta, sede do governo estadual, que fica no centro de Vitória. Participaram alunos das 21 unidades do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), mais os estudantes das escolas estaduais Professor Fernando Duarte Rabelo, Maria Ortiz, Irmã Maria Horta e Colégio Estadual (ATRIBUNA, 2016). Na ocasião, estavam ocupadas as escolas estaduais Almirante Barroso e Colégio Estadual, em Vitória; Francelina Carneiro Setúbal e Professor Agenor Roris, em Vila Velha; e Professora Maria Penedo, em

²⁰ Informação obtida em <https://tribunaonline.com.br/p/rede-tribuna-institucional>. Acesso em 06/04/2019.

Cariacica. No mesmo dia do protesto, a reitoria da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) foi ocupada por manifestantes (A TRIBUNA, 2016).

Figura 1 – Início das ocupações nas escolas da Região Metropolitana de Vitória e protesto nas ruas de Vitória



Fonte: Jornal A Tribuna (22/10/2016 e 25/10/2016)

A Primavera Secundarista ganhou notoriedade por meio da imprensa capixaba na ocasião, porque as ocupações foram realizadas no mesmo período do segundo turno das eleições municipais de 2016 e nas datas de aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Como muitas escolas públicas capixabas ocupadas eram locais de votação, houve um impasse entre os estudantes e o Tribunal Regional Eleitoral para a realização do segundo turno de votação em 30 de outubro de 2016 (A TRIBUNA, 2016).

Sendo assim, 82 mil eleitores tiveram seus locais de votação alterados, ou votaram em espaços que estavam ocupados pelos secundaristas. Na ocasião, 44 instituições de ensino estaduais estavam ocupadas, prédios da Universidade Federal do Espírito Santo e a unidade de São Mateus do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes).

Após a realização do segundo turno das eleições, em 30 de outubro de 2016, os jornais capixabas passaram a dar um maior espaço ao movimento de oposição à Primavera Secundarista capixaba, que queria a desocupação dos espaços públicos e a retomada do cronograma de aulas (A TRIBUNA, 2016).

Figura 2 – Votação durante as ocupações e movimento de oposição à Primavera Secundarista no Espírito Santo



Fonte: Jornal A Tribuna (30/10/2016 e 01/11/2016)

Além disso, a aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) também era uma preocupação por parte de uma parcela da sociedade, rendendo muitas pautas em grande parte da imprensa capixaba. Como muitas escolas públicas estavam ocupadas pelos estudantes, e a aplicação do Enem exige a disponibilização destes espaços, a prova de alguns candidatos, que seria nos dias 5 e 6 de novembro de 2016, foi adiada para 3 e 4 de dezembro de 2016 (A TRIBUNA, 2016).

Houve uma tentativa de suspensão de aplicação do Enem nos dias 5 e 6 de novembro em todo o País, mas o adiamento de uma parte das provas foi mantido no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), autarquia federal responsável pelo exame.

Figura 4 – Ações judiciais durante as ocupações nas escolas capixabas



Fonte: Jornal A Tribuna (05/11/2016 e 08/11/2016)

Para pressionar o movimento estudantil a desocupar os espaços, a Justiça estadual estabeleceu multa de até 20 salários mínimos para as famílias dos estudantes envolvidos nas ocupações. A notícia fortaleceu os movimentos de oposição às ocupações (A TRIBUNA, 2016). Em meio à pressão para as desocupações, houve um novo ato de protesto, realizado no dia 11 de novembro de 2016, que uniu os estudantes e trabalhadores, que eram contra a votação da PEC do Teto de Gastos Públicos (PEC 55 no Senado e PEC 241 na Câmara). O ato unificado contou com a participação de cerca de 5 mil pessoas, que se reuniram em dois pontos distintos de Vitória, e saíram caminhando em direção ao Palácio Anchieta, sede do governo estadual, no centro de Vitória.

Figura 5 – Multas para as famílias e ato durante as ocupações nas escolas capixabas



Fonte: Jornal A Tribuna (10/11/2016 e 12/11/2016)

Na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), houve confronto entre os grupos favoráveis às ocupações e os grupos contrários ao movimento, no dia 16 de novembro de 2016, com a intervenção da Polícia Militar para separar os manifestantes (A TRIBUNA, 2016). No dia 17 de novembro de 2016, o movimento estudantil estava perdendo força nas instituições de ensino ao mesmo tempo em que o fim do semestre letivo reduzia o tempo para um engajamento mais massificado nas ruas. A Sedu contabilizou, no dia 16 de novembro de 2016, que 49 escolas estaduais já haviam sido desocupadas pelos manifestantes, outras 14 escolas ocupadas estavam retomando as aulas, apesar das manifestações do espaço. No dia 17 de novembro de 2016, 54 escolas estaduais já haviam sido desocupadas, de acordo com informações da própria Sedu.

Sendo assim, um grupo de estudantes ocupou a Secretaria de Estado da Educação (Sedu), localizada na avenida César Hilal, em Vitória. A ocupação da Sedu aconteceu na noite do dia 17 de novembro de 2016. Na ocasião, um grupo com cerca de 40 estudantes de várias instituições de ensino ocuparam o gramado da instituição, porque a Polícia Militar fez uma barreira, impedindo a ocupação do prédio público (A TRIBUNA, 2016). Os secundaristas colocaram faixas nos portões do prédio identificando o espaço como sendo ocupado pelo movimento de estudantil.

Figura 6 – Conflito entre grupos e ocupação da Sedu durante a Primavera Secundarista no Espírito Santo



Fonte: Jornal A Tribuna (17/11/2016 e 18/11/2016)

A Superintendência Regional de Educação de São Mateus, no norte do Espírito Santo, também foi ocupada por manifestantes durante os dias de manifestação na Sedu, em Vitória (A TRIBUNA, 2016). A ocupação no prédio da Sedu em Vitória foi um dos últimos momentos da Primavera Secundarista no Espírito Santo, durou oito dias, com os estudantes desocupando a Sedu no dia 25 de novembro de 2016, quando os manifestantes receberam o pedido de reintegração de posse²¹.

Enquanto os secundaristas permaneciam no local debatendo pautas educacionais de interesse dos estudantes, as demais instituições de ensino públicas iam sendo desocupadas. No dia 21 de novembro de 2016, apenas quatro escolas estaduais seguiam sem aulas, por conta das ocupações. Já na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), 43 cursos estavam paralisados, com a ocupação de 16 prédios nos campi de Goiabeiras, Maruípe e Alegre, região sul do Espírito Santo (A TRIBUNA, 2016).

A última reportagem sobre as ocupações foi publicada no dia 23 de novembro de 2016, quando o movimento estava enfraquecendo, ou mesmo obtendo uma menor notoriedade por parte da mídia hegemônica capixaba, considerando que as eleições e a

²¹ Informação obtida por meio da página do Ocupa Sedu no Facebook, no endereço eletrônico: <https://www.facebook.com/ocupasedu/photos/a.377620902575068/381497882187370/?type=3&theater>. Acesso em 06/04/2019.

aplicação do Enem já haviam passado, e outros movimentos passaram a dominar a pauta jornalística capixaba, como uma paralisação dos rodoviários no dia 28 de novembro de 2016 e a queda do avião da Chapecoense na madrugada do dia 29 de novembro de 2016.

Figura 7 – Ocupação da Sedu durante a Primavera Secundarista no Espírito Santo



Fonte: Jornal A Tribuna (19/11/2016 e 23/11/2016)

Frisamos que a escolha do Jornal A Tribuna foi apenas uma escolha metodológica para documentar a cronologia do movimento, não para endossar uma narrativa de depreciação sobre o movimento, muito pelo contrário. Nesta pesquisa, buscamos mostrar as narrativas dos estudantes, a construção de sentidos por meio do midiativismo no Facebook. Embora muitas vezes a imprensa tenha criminalizado a Primavera Secundarista, esse embate entre midiativistas e a mídia tradicional também é fundamental para entender as dinâmicas narrativas criadas durante as ocupações escolares.

4.2 NINJA ES: CRIAÇÃO, EDIÇÃO E COLABORAÇÃO

O presente trabalho traz uma análise das postagens do coletivo Mídia Ninja ES durante as ocupações secundaristas realizadas em 2016, período que ficou conhecido como Primavera Secundarista. Sediado na Grande Vitória (ES), o coletivo, que dá ampla divulgação às lutas das ruas em sua página no Facebook, possui 36.895 seguidores e

36.483 curtidas²². O grupo tem como objetivo “fazer circular as informações que vem dos gritos da rua, dos movimentos sociais, dos coletivos, das lutas”, buscando “denunciar, fiscalizar e cobrar”²³. Os ciberativistas explicam que fazem “cobertura com narrativas e fotos atualizadas em tempo real conforme os ocorridos e transmissões *streamming* ao vivo” de eventos com forte teor social²⁴. A página foi criada em 7 de setembro de 2013²⁵, com o objetivo de ser uma mídia independente com denúncias e investigação.

O grupo capixaba surgiu inspirado no coletivo Mídia Ninja nacional, instituído a partir das jornadas de junho de 2013²⁶. Apesar de remeter à tradicional arte marcial oriental, a sigla Ninja significa Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação, e seus ativistas são chamados de “ninjas”²⁷. Desde o começo de sua atuação, o Ninja ES acompanhou várias lutas nas ruas, como os protestos contra o pedágio da Terceira Ponte em 2013 e 2014, o Ocupa Secult em 2015 e o movimento dos capixabas contra o golpe em 2016. No segundo semestre de 2016, o coletivo acompanhou de perto os protestos dos estudantes contra as propostas do governo federal, que buscava realizar uma reforma no ensino médio e viabilizar a PEC do Teto de Gastos Públicos, que seria votada na Câmara e no Senado. Como vimos anteriormente, esses dois principais temas, além do debate a respeito do projeto de lei conhecido como Escola sem Partido, deram início a uma onda de indignação estudantil, culminando com as ocupações secundaristas realizadas em todo o Brasil em 2016, evento que ficou popularizado como sendo a Primavera Secundarista.

Para saber mais sobre o envolvimento do coletivo Ninja ES com os estudantes, e para entender com uma maior propriedade como aconteceu a ação do coletivo durante a Primavera Secundarista capixaba, fizemos uma entrevista estruturada com um dos participantes do grupo. A entrevista foi realizada presencialmente no dia 19/06/2019, gravada, com um roteiro preparado previamente. Para evitar possíveis represálias ao coletivo de mídia, optamos por não identificar o integrante que respondeu ao questionário, que pode ser conferido na íntegra no final do trabalho, como um item anexo ao nosso estudo. Como os dados obtidos nessa entrevista serão usados de maneira complementar ao nosso estudo, com o objetivo de explicar com um maior embasamento o trabalho do

²² Informação obtida na página <https://www.facebook.com/ESNINJAES>. Acesso em 23/06/2019.

²³ Informação obtida na página <https://www.facebook.com/ESNINJAES>. Acesso em 23/06/2019.

²⁴ Informação obtida na página <https://www.facebook.com/ESNINJAES>. Acesso em 23/06/2019.

²⁵ Informação obtida na página <https://www.facebook.com/ESNINJAES>. Acesso em 23/06/2019.

²⁶ Informação obtida na página <https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-14113-midia-ninja-um-fenomeno-de-jornalismo-alternativo-que-emergiu-dos-protestos-no-rio-de->. Acesso em 23/06/2019.

²⁷ Informação obtida na página <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/>. Acesso em 23/06/2019.

Ninja ES durante as ocupações, entendemos que a não-identificação do integrante do coletivo não afetará o desenvolvimento do nosso estudo.

De acordo com nosso entrevistado, o coletivo Ninja ES participou ativamente da Primavera Secundarista, antes mesmo do início das ocupações. A fonte explicou que os alunos procuraram o grupo alguns dias antes de realizar a primeira ocupação. Os estudantes queriam sensibilizar a sociedade sobre o tema e lutar pela pauta da educação pública e de qualidade, por isso decidiram se mobilizar, explicou nosso entrevistado. A Primavera Secundarista capixaba começou em uma escola, duas, três, até que se espalhou. Em nosso levantamento, com base nas publicações do Mídia Ninja ES, nas reportagens da mídia hegemônica e na pesquisa de Real (2018), identificamos que a quantidade de escolas ocupadas no Espírito Santo foi em torno de 60 a 65 instituições, em espaços de ensino municipal, estadual e federal, na Grande Vitória e no interior do Espírito Santo.

Durante todo o período das ocupações secundaristas, em outubro e novembro de 2016, os midiativistas do Ninja ES cobriram as ocupações e os atos estudantis, postando conteúdo em sua página no Facebook. Além disso, eles publicaram conteúdos enviados pelos próprios estudantes, formando uma rede colaborativa de postagens em tempo real. De acordo com nosso entrevistado, a princípio o coletivo pedia imagens e vídeos das ações nas escolas para os alunos, mas, em um segundo momento, os jovens passaram a fazer os registros por conta própria, enviando para os midiativistas do Mídia Ninja ES diretamente, ou postando em outras páginas no Facebook, específicas sobre os movimentos de ocupação no Estado.

É importante frisar que, durante os dias de ocupação, formou-se uma grande rede de ocupas no Facebook, com os alunos relatando o dia a dia de suas escolas nas redes sociais, em movimentos que ficaram conhecidos como #OcupaAgenor, #OcupaEstadual, #OcupaPenedo, #OcupaAlmirante, #OcupaFlorentino, #OcupaMaria Horta, #OcupaSedu, #OcupaAflordízio, #OcupaEscolaViva, #OcupaCBM, #OcupaPaesBarreto, #OcupaFrancelina e #OcupaArnulpho, entre outras ações espalhadas pelo Espírito Santo. Cada ocupa tinha um comando específico, com os estudantes daquela determinada unidade de ensino, mas que se comunicavam na luta com os demais colegas.

Os midiativistas estiveram presentes em algumas escolas da Grande Vitória, registrando a movimentação. Porém os membros do Mídia Ninja ES também publicaram muito material enviando por estudantes, que estavam preocupados em documentar e registrar seu movimento, criando sua própria narrativa midiática. Para nosso entrevistado, o Ninja ES e os estudantes formaram uma parceria, em uma rede conectada atraindo uma

audiência provenientes de comunidades populares, tornando-se assim o principal *hub* de distribuição noticiosa sobre o que ocorria dentro da dinâmica do movimento social, o que deu a essa cooperação a exclusividade, num primeiro momento, da direção do agendamento midiático das manifestações. A partir da divulgação das ações dos grupos, que eram exibidas no Facebook, houve um impulsionamento da Primavera Secundarista, com outros alunos se sentindo motivados a entrar na luta pela educação pública, como explicou nossa fonte.

De acordo com nossa fonte, os estudantes sempre foram muito organizados no movimento deles. Havia toda uma rotina para registrar e divulgar as ações que estavam sendo realizadas. Por meio das páginas do Facebook, os secundaristas conseguiram coordenar suas ações, criando grupos de Whatsapp, combinando ações. Nosso entrevistado explicou que os alunos se organizaram sozinhos para documentar o movimento estudantil, mas em união com o trabalho do Ninja ES. Durante o período das ocupações, houve muita união entre os estudantes, como explica nosso entrevistado. Apesar da tensão do começo da ocupação, em que há uma cobertura da mídia nem sempre positiva e um debate político, os alunos acabam fazendo amizade, fortalecendo laços, realizando ações culturais envolvendo a comunidade.

Além de tratar sobre o contexto do movimento estudantil e do trabalho registrando as ações dos secundaristas, conversamos com nossa fonte do Mídia Ninja ES sobre como a audiência conectada reagia ao conteúdo do coletivo durante a Primavera Secundarista. O entrevistado explicou que tem como hábito ler todos os comentários das postagens do coletivo, para tentar entender o que as pessoas estão sentindo. Na ocasião das ocupações, ele identificou que havia uma parte da população apoiando o movimento e havia uma outra parte que não apoiava. Além disso, ainda existia um terceiro grupo mais exaltado que ficava pedindo para a polícia ir às ocupações e usar violência para expulsar os estudantes. Mas nossa fonte entende que as mensagens de apoio se sobressaíam.

Para nosso entrevistado, as ocupações tiveram um saldo positivo, por terem chamado a atenção da sociedade para a pauta da educação pública de qualidade. Ele entende que a internet ajudou o movimento estudantil como um todo, por dar a possibilidade de os secundaristas criarem uma narrativa. Isso porque, se não fossem as redes sociais, a mídia faria uma cobertura criticando os estudantes e a polícia acabaria intervindo para desocupar os espaços públicos. As ocupações tiveram uma sobrevida maior, resistindo às críticas e ao debate político, e consequentemente um maior engajamento da comunidade por causa das informações postadas pelos alunos nas redes

sociais, acredita nossa fonte do Mídia Ninja ES. Para nosso entrevistado, a internet ajudou a Primavera Secundarista capixaba, mas foi o trabalho dos estudantes que foi decisivo para o #OcupaES: “O mérito é todo dos alunos, que fizeram o movimento. Mas a internet ajudou bastante a manter o movimento, a passar a informação, mostrar que o movimento estava forte, a desmentir a mídia, que dizia que as escolas estavam sendo desocupadas”, explicou a fonte.

A partir dessas constatações, pudemos compreender minimamente como foi o *modus operandi* do Mídia Ninja ES durante o período da Primavera Secundarista em 2016. Ao analisar o conteúdo da entrevista com um dos integrantes do coletivo de mídia, entendemos que a prática colaborativa foi uma constante no trabalho, que mobilizou uma série de estudantes capixabas para a criação de uma rede de informações sobre as ocupações. Ao longo do nosso trabalho, vamos avaliar como se deu o protagonismo do Mídia Ninja ES durante os dias de ocupações estudantis no Espírito Santo.

4.3 METODOLOGIA DE COLETA E PRIMEIRA ANÁLISE DOS DADOS

No presente trabalho, propomos uma abordagem metodológica mista, ao mesmo quantitativa e qualitativa para empreender uma análise de conteúdo a partir de um grande volume de dados, com o objetivo de compreender as emoções geradas na audiência por meio das narrativas postadas no perfil do coletivo de mídia Ninja ES no Facebook. Os estudos contemporâneos que trabalham com grandes volumes de dados oriundos de redes sociais digitais geralmente trabalham com diferentes técnicas metodológicas.

Em um primeiro momento, nos voltamos para o conteúdo das publicações do Mídia Ninja ES que tratam sobre a Primavera Secundarista. Exploramos essas publicações para entender o que estava sendo dito, até aprofundar nossa compreensão sobre a lógica enunciativa do coletivo. Em um segundo momento, passamos a nos debruçar sobre os comentários das postagens do coletivo, para que pudéssemos compreender as emoções e comportamentos despertados na audiência do Mídia Ninja ES. Nesse desdobramento, usamos os dados extraídos do Facebook para gerar grafos de palavras, que permitem obter uma compreensão mais clara dos enunciados produzidos pelos internautas. Por meio dos grafos, poderemos enxergar como os internautas opinaram sobre os conteúdos postados pelo Ninja ES, e os embates semânticos travados nas redes sociais sobre a Primavera Secundarista.

As postagens analisadas são relacionadas à ocupação das escolas públicas capixabas e da sede da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo (Sedu) pelos secundaristas. Partimos do pressuposto de que os midiativistas se apropriaram das ferramentas tecnológicas e estabeleceram um *hub* midiático, dirigindo uma agenda midiática, durante os dias da Primavera Secundarista no Espírito Santo, com base em material narrativo (fotos, vídeos, textos) enviados por vários colaboradores anônimos, que compartilharam suas narrativas com o coletivo de mídia, criando pertencimento na territorialidade informacional, além de uma agenda de luta comum do movimento estudantil capixaba.

Em nosso percurso, queremos entender a produção de sentidos dos midiativistas durante a Primavera Secundarista, estabelecendo as emoções e os comportamentos acionados na audiência digital a partir dessas narrativas publicadas pelo Ninja ES. Nossa proposta é estabelecer, em um primeiro momento, uma categorização das postagens do coletivo Ninja ES, evidenciando o respectivo desenvolvimento temático, a partir de uma lógica enunciativa amparada pela autocomunicação de massa (CASTELLS, 2013), quando amadores podem empreender atos de jornalismo. Além disso, buscamos, em um segundo momento, analisar os comentários das postagens a partir de uma lógica emocional e comportamental.

A coleta de dados do Facebook foi empreendida no dia 22 de junho de 2017, por meio do *script* Ford, tecnologia de mineração de dados desenvolvida pelos pesquisadores do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), localizado na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), que extrai os dados de perfis de redes sociais e disponibiliza automaticamente para download as planilhas com diversas informações sobre os *posts*. Ao longo de nosso estudo, vamos explorar vários elementos obtidos por meio da coleta realizada por meio do Ford, que nos ajudarão a entender a dinâmica midiativista e sua produção de sentidos, além do engajamento dos internautas.

O levantamento de material abrange o período de 17 de outubro a 5 de dezembro de 2016, quando foram gerados 941 *posts* veiculados pelo perfil do coletivo de mídia Ninja ES no Facebook. As postagens do Ninja ES receberam um total de 14.552 curtidas, 4.511 comentários e 2.382 usuários comentando, alguns comentaram apenas uma vez, outros comentaram mais de uma vez. Ao todo foram registrados 52.627 compartilhamentos, que resultaram em um total de interações com 120.355 *likes* (média de 134,47 por postagem) e 8.108 *comments* (9,06 por publicação).

Entre as 941 publicações feitas pelo perfil do coletivo Ninja ES durante o período considerado para análise, há cinco tipos de conteúdo veiculado pelos midiativistas: vídeo, link, evento, foto e *status*. A distribuição pode ser conferida na tabela abaixo:

Tabela 1 – Distribuição das postagens pelo tipo de conteúdo e seus respectivos percentuais

Tipo de post	Quantidade	Percentual
Status	92	9,78%
Evento	47	4,99%
Vídeo	180	19,13%
Link	145	15,41%
Foto	477	50,69%

Fonte: Coleta realizada por meio do Ford/Labic

O conteúdo que recebeu mais comentários foi vídeo, com 3.756 *comments*, representando 46,32% do total de *comments* recebidos pelo perfil do coletivo de mídia Ninja ES no período analisado. Consideramos que esse dado está intimamente correlacionado a um certo padrão do ativista midialivista: a enunciação videográfica do “ao vivo”, ou seja, da geração de *video live streaming* de dentro de marchas, atos e manifestações de rua. Em segundo lugar estão as fotos, com 3.021 *comments* e 37,26% do total de *comments* recebidos no período. Essa preferência se inverte quando analisamos os conteúdos postados que mais obtiveram curtidas: as fotos receberam 68.514 *likes* (56,93%) e os vídeos receberam 20.910 *likes* (17,37%). Isso revela um duplo significado. O primeiro, a plataforma da narrativa midiativista, intimamente dependente do Facebook e de suas respectivas formas de dar mais visibilidade algorítmica a determinados formatos, no caso, aos vídeos, à medida que os empurra mais intensamente para a audiência, notificando a todos que determinada página está ao vivo, estimulando a conversação nos comentários do *live*, que se tornam um espaço disputado por agregar múltiplos pontos de vistas num fio amplo de comentários e contra-argumentos. O segundo, a intensidade de *likes* deriva da ação cotidiana de acumular impacto com a geração contínua de imagens que somam engajamento via curtidas recebidas, um modo mais simples de mostrar aceitação por parte do usuário. De modo conclusivo, um menor número de vídeos gera mais conversação; enquanto um volume alto de imagens gera

proporcionalmente um grande número de *likes*. Os dados com todas as informações das interações podem ser conferidos na tabela abaixo:

Tabela 2 – Distribuição de acordo com os tipos de interações recebidas pelas postagens

Tipo	Likes	Likes %	Comentários	Comentários %	Share	Share %
Vídeo	20.910	17,37	3.756	46,32	12.611	23,96
Link	14.244	11,83	607	7,49	8.893	16,90
Evento	6.957	5,78	163	2,01	2	0,00
Foto	68.514	56,93	3.021	37,26	29.449	55,96
Status	9.730	8,08	561	6,92	1.672	3,18

Fonte: Coleta realizada por meio do Ford/Labic

Identificamos inicialmente neste trabalho uma dimensão do midiativismo, que foi realizada durante as ocupações secundaristas: a grande presença de imagens (fotos e vídeos) nas publicações veiculadas pelo Ninja ES. Constatamos que o conteúdo de quase 70% das postagens dos midiativistas no perfil do Ninja ES é composto de imagens, que mostravam as ações dos alunos durante os dias de ocupações das escolas e da sede da Secretaria de Estado da Educação (Sedu).

Há imagens de protestos, de oficinas de arte e música, de equipes fazendo mutirão de limpeza, de cartazes nas fachadas das escolas, de estudantes interagindo com a comunidade. São 477 postagens, em um universo de 941 publicações, que traziam cenas dessas ações. Acreditamos, de fato, que as imagens foram um ponto alto das ações para conquistar mais engajamento na rede, visto que, entre as 941 publicações, também foi verificada a existência de 180 vídeos. Juntos, fotos e vídeos representam 69,82% do conteúdo postado pelos ativistas, um número bem expressivo. Isso revela que a narrativa midiativista do Ninja ES tem em seu DNA um aspecto resultante de um hipermovimento cuja estética transmidiática está no centro do seu modo de operação comunicacional.

Confirmando os números iniciais obtidos, fizemos uma nova coleta no Facebook e extraímos os dados de outras páginas com conteúdo sobre as ocupações e visualizamos todas as curtidas dos perfis do Facebook em publicações das páginas sobre as ocupações (o que incluem aí canais dos próprios movimentos escolares, além do Ninja ES). Após a coleta, o Ford libera arquivos em formato .gdf e permite a análise e visualização dos dados extraídos a partir do aplicativo Gephi, que permite, por sua vez, gerar a visualização dos

escolares, assumindo um protagonismo ao compartilhar narrativas do movimento estudantil. Além do trabalho do próprio grupo de midiativistas, que fez transmissões ao vivo durante as ações dos estudantes, grande parte do nosso *corpus* trouxe conteúdo enviado por colaboradores, ativistas que estavam nos locais de ação e que fizeram registros importantes dos atos dos alunos que participaram das ocupações das mais de 60 escolas em todo o Espírito Santo.

4.4 ANÁLISE DAS POSTAGENS DO NINJA ES

O nosso *dataset*²⁸ bruto, obtido a partir da extração dos dados do Facebook com o uso do *script* Ford, desenvolvido pelos pesquisadores do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura da Ufes, trouxe um total de 941 publicações no perfil do Ninja ES, postadas no período de 17 de outubro a 5 de dezembro de 2016. Alguns períodos concentraram mais postagens do que outros, o que é normal na prática enunciativa. Há mais publicações quando há mais fatos a serem relatados. Um dos resultados disponibilizados pelo Ford diz respeito à quantidade de postagens de acordo com a data, então selecionamos os dez dias com mais postagens, dado que pode ser conferido na tabela abaixo, em ordem decrescente:

Tabela 3 – Dez dias com mais postagens no perfil Ninja ES

Data	Postagens	Data	Postagens
28/10/2016	58	26/10/2016	34
31/10/2016	47	11/11/2016	34
24/10/2016	44	21/11/2016	32
27/10/2016	41	29/10/2016	29
04/11/2016	35	23/10/2016	28

Fonte: Coleta realizada por meio do Ford/Labic

Ao analisar esses dados, constatamos que os dias que mais concentraram postagens foram aqueles no período do segundo turno das eleições municipais de 2016,

²⁸ Trabalhamos com o termo *dataset* para nos referirmos a “um conjunto de dados que consiste em uma série de registros tabulados (em formato de tabelas). Cada coluna representa uma variável particular e cada linha corresponde a um determinado elemento do conjunto de dados em questão” (CANCIAN E MALINI, 2017, p. 10).

ocorrido no dia 30 de outubro de 2016. O dia 28 de outubro concentrou 58 postagens, foi a ocasião com a maior quantidade de *posts* no Ninja ES. Outros acontecimentos que podem ter sido decisivos para a quantidade de publicações foram o protesto estudantil de 24 de outubro de 2016, a aplicação do Enem em 5 e 6 de novembro de 2016 e o ato unificado de 11 de novembro de 2016, que reuniu estudantes e trabalhadores protestando contra a PEC do Teto de Gastos nas ruas de Vitória.

Após considerar essas informações, verificamos as palavras mais recorrentes das postagens dentro de nosso *corpus*: em primeiro lugar está a palavra “escola”, que apareceu 645 vezes, seguida respectivamente de “estudantes” (608 vezes), “PEC” (261 vezes), “ocupa” (256 vezes) e “educação” (204 vezes). A tabela com a relação das 20 palavras mais recorrentes pode ser conferida abaixo:

Tabela 4 – Vinte palavras mais usadas nas postagens

Palavra	Ocorrências	Palavra	Ocorrências
Escola	645	Sedu	147
Estudantes	608	Ocupada	143
Ocupação	372	Alunos	133
PEC	261	Espírito Santo	129
Ocupa	256	EEEFM	125
Educação	204	Informações	120
Ninja	191	Luta	119
Vitória	164	Estadual	113
Direitos	159	Ufes	105
Movimento	151	Secundaristas	103

Fonte: Coleta realizada por meio do Ford/Labic

As palavras registradas com variações de número foram agrupadas no mesmo termo, como é o caso de “escola”, que teve ocorrências no singular e no plural. O mesmo aconteceu com “ocupação”. Optamos por manter palavras bem semelhantes, como “ocupação”, “ocupa” e “ocupada” separadas, por terem, isoladamente, sentidos próprios. “Ocupa”, por exemplo, é um tempo verbal. “Ocupação” é um substantivo. “Ocupada” é um adjetivo.

Também identificamos as *hashtags* mais recorrentes: em primeiro lugar, está #ocupatudo, com 212 menções nas postagens, seguida respectivamente por #ocupaes (148 menções), #primaverasecundarista (90 menções), #contrapec241 (74 menções) e #pecdofimdomundo (50 menções). Na tabela abaixo, listamos as 20 *hashtags* mais usadas pelos ciberativistas no período considerado para a coleta de dados.

Tabela 5 – Vinte *hashtags* mais usadas nas postagens

Hashtags	Ocorrências	Hashtags	Ocorrências
#ocupatudo	212	#vilavelha	30
#ocupaes	148	#es	23
#primaverasecundarista	90	#grevegeral	21
#contrapec241	74	#aovivo	21
#pecdofimdomundo	50	#ocupaalmirante	17
#ocupatudoes	47	#ocupacao	13
#foratemer	38	#atencao	12
#ocupaagenor	37	#ocupar	12
#urgente	35	#resistir	11
#ocupasedu	35	#contrapec55	11

Fonte: Coleta realizada por meio do Ford/Labic

Mesmo tendo postagens variadas em nossa coleta, que foi realizada com o critério de data, e não com separação por eventos, o destaque foi para o conteúdo que envolve as ações das ocupações. Isso foi evidenciado com a quantidade de menções de termos como “escola”, “estudantes” e “ocupa”, além das *hashtags* mais recorrentes dentro de nossa amostra, como #ocupatudo, #ocupaes e #primaverasecundarista. Notamos uma predominância das três *hashtags* mais recorrentes, em comparação com o número de ocorrências com as outras. Entendemos que o movimento estava mais atrelado a essas expressões em geral, como “Ocupa Tudo”, “Ocupa ES” e “Primavera Secundarista”.

Algumas ocupações mais expressivas, como a das escolas Almirante Barroso de Vitória, e Professor Agenor Roris de Vila Velha, também surgiram na nossa amostra de *hashtags*, por serem o epicentro das ocupações da Grande Vitória (REAL, 2018) e por terem redes de informações mais atuantes e com maior repercussão. O Ocupa Sedu, que aconteceu de 17 a 25 de novembro de 2016, também teve uma *hashtag* de impacto nas

postagens, em consequência do volume de informações sobre esse evento em particular na linha do tempo das ocupações estudantis. A *hashtag* #ForaTemer, uma crítica direta ao então presidente da República Michel Temer teve espaço nas reivindicações dos secundaristas, que lutavam por melhores condições para o ensino brasileiro.

Esta intensidade vocabular dos temas das ocupações denotam que a dinâmica do midialivrismo do Ninja ES resulta de uma intensidade de mobilização social. Ou seja, o Ninja ES não reivindica uma identidade cuja gênese se encontra na produção de reportagens contínuas sobre um mosaico de ações que ocorrem na sociedade, mas, em sentido inverso, é parte de um mosaico de ações sociais que não se repete, mas acontece e tensiona o tecido social amplificando a pressão política sobre as autoridades.

Ainda em uma primeira aproximação com o conteúdo dos *posts* do período escolhido para nosso estudo, analisamos as cinco postagens com maior número de engajamentos (soma das curtidas, compartilhamentos e comentários registrados) dentro do período delimitado em nossa coleta. Identificamos as cinco postagens e verificamos o conteúdo de cada uma delas. São elas, em ordem decrescente:

Figura 9 – Postagem com o maior engajamento durante as ocupações



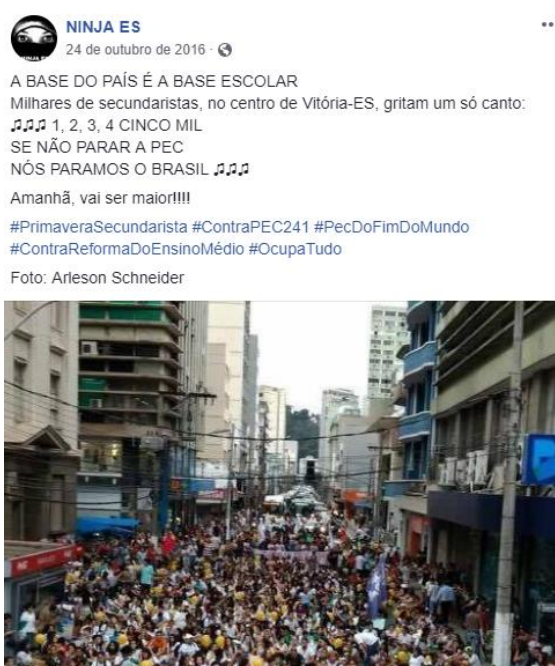
Fonte: Coleta realizada por meio do Ford e perfil do Ninja ES no Facebook

A postagem com maior número de engajamentos (18.155 no total) é da categoria foto. O post, publicado no dia 1º de novembro de 2016, obteve 7.802 curtidas, 341 comentários e 10.012 compartilhamentos. Enviado por uma colaboradora, o registro mostra policiais militares acompanhando os estudantes dentro de uma escola ocupada, tocando violão. A legenda da foto brinca que, enquanto muitas pessoas da sociedade civil

estavam torcendo por violência policial na repressão do movimento, isso não estava acontecendo de fato. Não há uma identificação da autoria da imagem, nem a identificação da escola na qual teria sido realizada a fotografia. É interessante ressaltar que, das cinco postagens com maior engajamento, essa é a única que foi realizada em novembro de 2016. Todas as outras quatro postagens do Ninja ES são de 24 de outubro de 2016, quando foi realizado um grande protesto na Grande Vitória, reunindo vários estudantes, como veremos a seguir.

Ao longo de nossa pesquisa, constatamos que essa imagem viralizou nacionalmente, conforme nosso entrevistado do Ninja ES revelou. Isso porque esse registro mostra uma contradição importante: os policiais estão acompanhando os estudantes em uma das ocupações, tocando violão e relaxando, em vez de reprimindo o movimento estudantil, como era esperado por uma parte da sociedade capixaba, que repudiava a Primavera Secundarista. Entendemos que essa foto teve uma importância muito grande para o Ninja ES e para o movimento estudantil, provando que havia quem considerasse importante a luta por uma educação pública de qualidade, no caso as próprias autoridades policiais. Além disso, os agentes de segurança também evidenciaram, com esse clique, que não são truculentos nem agressivos com os estudantes, adotando uma postura de igualdade com os jovens.

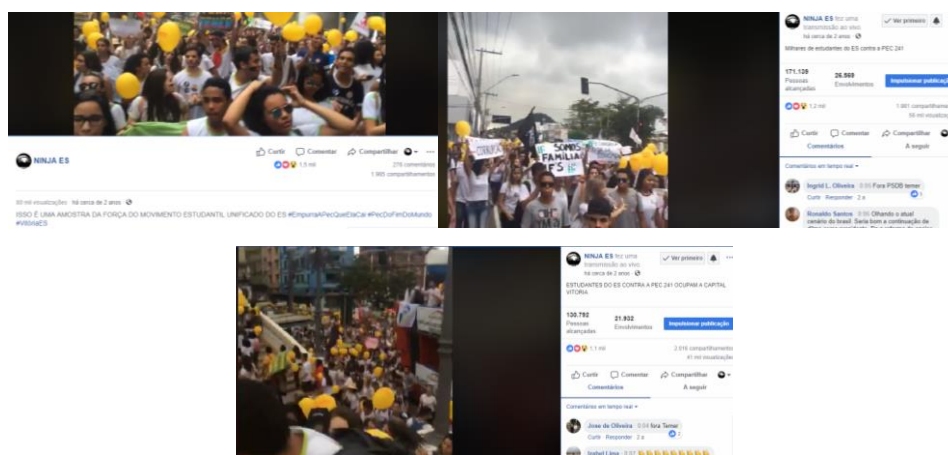
Figura 10 – Postagem com o segundo maior engajamento durante as ocupações



Fonte: Coleta realizada por meio do Ford e perfil do Ninja ES no Facebook

A segunda publicação com maior número de engajamentos (3.970 total) dentro do período de análise também é da categoria foto. O registro conquistou ao todo 1.748 curtidas, 126 comentários e 2.096 compartilhamentos. A imagem traz um mar de estudantes nas ruas de Vitória, durante um protesto que mobilizou um grande número de secundaristas pelas ruas da capital do Espírito Santo, inclusive alunos de escolas do interior, que se deslocaram até a cidade para protestar. A legenda do post diz que a “base do país é a base escolar: se não parar a PEC, nós paramos o Brasil”. O autor do registro, postado no dia 24 de outubro de 2016, é identificado.

Figura 11 – Postagens com o terceiro, quarto e quinto maior engajamentos durante as ocupações (esquerda, direita e abaixo, respectivamente)



Fonte: Coleta realizada por meio do Ford e perfil do Ninja ES no Facebook

Por se tratar de vídeos com a mesma temática, gravados e postados no mesmo dia, agrupamos acima, em ordem decrescente, as postagens com o terceiro, quarto e quinto maior engajamentos. Os três vídeos possuem duração diferente: um tem 50 segundos, outro tem oito minutos e quarenta segundos e o último possui 14 minutos. Foram transmitidos ao vivo das ruas durante as ocupações, apresentando comentários em diferentes momentos de exibição. Os três foram registrados no dia 24 de outubro de 2016, data em que aconteceu o ato unificado do movimento estudantil contra a PEC do Teto de Gastos. As postagens conquistaram um engajamento total de 3.542, 3.486 e 3.412, respectivamente.

O vídeo com o terceiro maior engajamento traz como legenda: “isso é uma amostra da força do movimento estudantil unificado do ES”. Obteve 1.321 *likes*, 151 *comments* e 2070 *shares*. Já a postagem com o quarto maior engajamento tem como legenda: “milhares de estudantes do ES contra a PEC 241”. Alcançou 883 *likes*, 559 *comments* e 2.044 *shares*. O quinto e último vídeo com o maior engajamento no período considerado para a análise tem como legenda: “estudantes do ES contra a PEC 241 ocupam a capital Vitória”. Conquistou 782 curtidas, 573 comentários e 2.057 compartilhamentos.

A partir desses primeiros resultados de nosso *dataset*, podemos inferir que a narrativa imagética teve uma grande importância na dinâmica midiativista do Ninja ES, quando mais da metade das publicações (em torno de 70% do conteúdo) é composto de fotos e vídeos. Das 941 publicações realizadas dentro do nosso período temporal considerado para a análise, cinco obtiveram um maior engajamento, sendo fotos e vídeos exibidos ao vivo pelos “ninjas”. Uma foto, dentro do *dataset*, teve um alcance maior e viralizou nas redes sociais, conquistando um engajamento superior a 18 mil (incluindo o número de curtidas, comentários e compartilhamentos). Então, a partir dessa percepção, entendemos que a prática midiativista tem como um de seus principais repertórios de luta virtual (ou *infowar*) o uso de imagens, que podem servir para aumentar o engajamento de um movimento conectado ao comprovar a dimensão da ação, validar algum posicionamento ou mesmo provar algo sendo realizado pelos atores envolvidos.

4.4.1 Tipologias e categorias das postagens

Para empreender esta fase da pesquisa, fizemos uma análise do *dataset* completo com todas as 941 publicações realizadas no período de 17 de outubro a 5 de dezembro de 2016, recorte temporal estabelecido inicialmente para nosso estudo. Parte das postagens do Mídia Ninja ES foi descartada neste processo de categorização por trazer conteúdo diverso, não se referindo especificamente às ocupações nem ao movimento gerado para contestar a votação da PEC do Teto de Gastos. Após a leitura do *dataset* completo, passamos a trabalhar com uma amostra composta por 701 postagens, constituindo nosso *corpus* de estudo nesta fase de estabelecimento de uma tipologia dos *posts*. Consideramos que, metodologicamente, essa foi a melhor decisão para dar um tratamento adequado ao conjunto das postagens do Ninja ES.

Realizamos duas leituras distintas do conjunto total do *dataset*, constituindo duas fases de categorização do material. Na primeira leitura, identificamos os recursos enunciativos mais frequentes nas publicações dos midiativistas, evidenciando o respectivo desenvolvimento temático para, então, elencar e refletir sobre as categorias de notícia emergentes durante os dias de ocupação. Logo na primeira fase identificamos as principais categorias dos *posts*, de uma maneira geral, e excluimos as postagens de assuntos que não se referiam à Primavera Secundarista.

Na segunda leitura, passamos a identificar postagem por postagem em uma planilha específica para o levantamento, de acordo com as categorias identificadas anteriormente. Ao final da segunda etapa, confirmamos algumas categorias identificadas inicialmente, outras foram criadas. O resultado da categorização pode ser conferido na tabela abaixo:

Tabela 6 – Principais categorias dos *posts* do Mídia Ninja ES

Categoria	Nº de posts	Percentual
Cobertura das ocupações escolares capixabas	484	69,04%
Cobertura de protestos sobre a PEC 55	115	16,40%
Viralização de temas nacionais	58	8,27%
Desdobramentos das ocupações	20	2,85%
Greve na Ufes	14	1,99%
Outros	10	1,42%
Total	701	100%

Fonte: Coleta realizada por meio do Ford/Labic

Nossa primeira constatação, ao analisar essa tabela com as categorias dos *posts*, é que uma temática se sobressaiu no nosso *dataset*, que foi a cobertura do dia a dia das ocupações estudantis no Espírito Santo. O percentual de publicações (69,04%) dessa categoria se sobressai em relação aos demais temas abordados pelos “ninjas”, portanto entendemos que mostrar o clima cotidiano das mais de 60 escolas ocupadas era uma preocupação do Mídia Ninja ES, para evidenciar para a audiência conectada que o espaço público estava realmente ocupado, que os estudantes não estava depredando o patrimônio, que atividades culturais e mutirões de limpeza e alimentação estavam acontecendo nas instituições de ensino e que havia apoio da comunidade estudantil, inclusive dos

moradores dos bairros nos quais as escolas se localizam. O Ninja ES, portanto, era um *hub* que colaborava em dirigir uma narrativa do cuidado com o comum, revelando o estado afetivo de preservação da propriedade coletiva conduzida pelos estudantes ocupados.

Entendemos que o Mídia Ninja ES tinha uma preocupação em mostrar o que de fato estava acontecendo nos espaços públicos, criando uma narrativa autônoma em relação às informações veiculadas pela mídia capixaba, que muitas vezes criticou o movimento estudantil, ao mesmo tempo que não conseguia ter acesso a este. Ao cobrir o dia a dia das ocupações, criando conteúdo próprio ou republicando material enviado por estudantes colaboradores, o Mídia Ninja ES ajudou dar uma sobrevida maior à Primavera Estudantil. Isso porque, ao mostrar a ação dos alunos nos espaços ocupados, o coletivo ajudou a divulgar o movimento, a unir os estudantes de todo o Estado que estavam compartilhando a mesma luta pela educação pública, organizando as pautas sociais em um só espaço, que era o perfil do grupo.

Nesta fase da análise identificamos que o Ninja ES não só se preocupou em veicular conteúdo produzido por colaboradores no Espírito Santo, mas também compartilhou narrativas de outras ações pelo Brasil afora, como ocupações em escolas paranaenses e atos contra a PEC 55 em Brasília, por exemplo. Portanto, neste momento da análise, vamos nos concentrar a avaliar as postagens do Mídia Ninja ES de acordo com cada categoria, como veremos a seguir.

4.4.1.1 Cobertura das ocupações escolares capixabas

Uma parte consistente do *dataset* analisado abrangeu a cobertura das ocupações escolares capixabas. Foram 484 publicações na página do Mídia Ninja sobre essa temática, representando 69,04% do total de *posts* sobre a Primavera Estudantil. Do total de 484 *posts* dessa categoria, podemos dividir o conteúdo em atualização de *status*, links, fotos, vídeos ou eventos, conforme a tabela abaixo:

Tabela 7 – Tipos de postagem na categoria cobertura das ocupações escolares capixabas

Tipo	Quantidade	Percentual
Foto	282	58,26%
Vídeo	70	14,46%

Status	67	13,84%
Link	42	8,67%
Evento	23	4,75%

Fonte: Coleta realizada por meio do Ford/Labic

A partir da tabela acima, entendemos que grande parte das postagens dessa categoria (mais de 70%) trazia imagens. Apenas 13,84% das publicações eram compostas de apenas texto, então consideramos que o coletivo utilizou as imagens com muita ênfase para cobrir o dia a dia das ocupações.

Assim como alguns veículos informativos tradicionalmente fazem durante a cobertura de algum acontecimento noticioso, os midiativistas do Ninja ES estiveram presencialmente em alguns espaços que estavam sendo administrados pelos alunos, sobretudo na Grande Vitória, cobrindo as ações e fazendo registros como fotos, textos e vídeos. Eles acompanharam ações de entretenimento, oficinas culturais, aulas e debates com voluntários, assim como atos propriamente da organização do movimento, com mutirões para limpeza e alimentação.

Em algumas ocasiões, os midiativistas cobriram ações policiais nas escolas, inclusive quando a polícia fez uma barreira para evitar que os manifestantes ocupassem o prédio da Sedu²⁹ ou quando religiosos fizeram uma vigília em frente da Escola Viva, de São Pedro, bairro da periferia de Vitória (ES), para apoiar a ação dos estudantes³⁰. Nesse sentido, a cobertura das ocupações foi um momento importante do trabalho dos midiativistas para mostrar o dia a dia de quem participou do movimento, as tentativas de negociação com as autoridades e a forma como os alunos envolveram a comunidade nas atividades. Em grande parte das ocupações, a vizinhança das escolas foi convidada a participar das ações estudantis, para reforçar, na visão dos estudantes, que a escola não é da administração pública, mas sim da comunidade. No lugar de uma cobertura do sentido da ocupação para as fontes (geralmente as autoridades) — o que tem demarcado o jornalismo local —, o Ninja ES se concentrou em produzir suas co-narrativas seu principal valor ao visibilizar o movimento das ocupações.

²⁹Informações disponíveis no endereço eletrônico <http://g1.globo.com/espirito-santo/educacao/noticia/2016/11/estudantes-mantem-ocupacao-no-patio-da-sedu-no-es.html>. Acesso em 24/06/2019.

³⁰ Informações disponíveis no site <http://g1.globo.com/espirito-santo/educacao/noticia/2016/11/padre-faz-vigilia-favor-de-estudantes-nas-ocupacoes-no-es.html>. Acesso em 24/06/2019.

Entre as ações mostradas pelos midiativistas, nesta categoria especificamente, estavam pedidos de doação de materiais de higiene e limpeza, além de alimentos. Além disso, o Ninja ES relatou fatos sobre a ocupação da sede da Secretaria de Estado da Educação (Sedu), quando, por exemplo, o secretário estadual de Direitos Humanos, Júlio Pompeu, participou de uma roda de conversa com os estudantes, para tentar ajudar nas negociações, após algumas desavenças entre os alunos e o secretário estadual de Educação, Haroldo Rocha, que não permitiu que os manifestantes tivessem acesso ao banheiro do prédio³¹.

Em muitas postagens dessa categoria, percebemos que manifestantes enviaram material para publicação no Ninja ES, em uma prática de construção colaborativa de narrativas. Como foram mais de 60 espaços ocupados, na Grande Vitória e no interior do Espírito Santo, não havia como a equipe do Ninja ES cobrir todos os acontecimentos do dia a dia, por isso um recurso para dar conta de tantos eventos simultâneos foi usar as narrativas enviadas por parceiros. Esse esforço deu origem a narrativas construídas de forma colaborativa, quando os manifestantes tinham chance de ganhar voz por meio do Ninja ES. Em boa parte dos casos de elaboração do material, os midiativistas do Ninja ES faziam postagens anonimizadas em sua página, sem informar quem era o autor do texto, foto ou vídeo, apenas informando que era conteúdo do Ninja ES. Sendo assim, consideramos que essa categoria teve um impulsionamento graças ao conteúdo enviado pelos colaboradores, espalhados por todo o Espírito Santo.

Dentro dessa categoria, está a postagem que conquistou o maior engajamento no período (um total de 18.155, entre curtidas e comentários), que é a foto do policial tocando violão com os estudantes, dentro de uma escola ocupada. A imagem teve um alcance muito grande, viralizando nacionalmente. De fato, essa categoria trouxe muito material a respeito do dia a dia das ocupações, como fotos, vídeos e textos.

Enxergamos, durante nossa categorização, que os conteúdos que traziam informes com atualização sobre as ocupações eram os mais recorrentes dentro dessa categoria temática. Então, a partir dessa constatação, consideramos que o Mídia Ninja ES constituiu uma importante fonte de notícias sobre o movimento estudantil, unindo estudantes capixabas de cidades diferentes, mas que compartilhavam a mesma luta. Entendemos que noticiar o que acontecia nos locais de ocupação foi um ponto fundamental da cobertura do Mídia Ninja ES na luta capixaba por uma educação pública e de qualidade.

³¹ Mais informações no site <http://g1.globo.com/espírito-santo/educacao/noticia/2016/11/defensoria-do-es-entra-com-acao-favor-de-alunos-que-ocupam-sedu.html>. Acesso em 24/06/2019.

4.4.1.2 Cobertura de protestos sobre a PEC 55

Apesar do protagonismo das postagens a respeito da cobertura das ocupações escolares, houve espaço para outros conteúdos na enunciação do coletivo Mídia Ninja ES, como a cobertura dos protestos sobre a PEC 55 (ou PEC 241), que ficou conhecida como Teto de Gastos Públicos. Identificamos em nosso *corpus* 115 postagens que versavam sobre esse tema, representando 16,40% do total das publicações do Mídia Ninja ES consideradas em nossa categorização. Essa categoria temática traz, basicamente, conteúdos relativos aos dois grandes protestos realizados na época da Primavera Secundarista: a manifestação estudantil realizada no dia 24 de outubro de 2016, reunindo estudantes de várias unidades do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) e alunos do ensino médio da rede estadual, e o ato unificado do dia 11 de novembro de 2016, com estudantes da rede estadual e federal lutando ao lado de trabalhadores, sindicatos e outras entidades ligadas a causas sociais.

Os dois protestos foram realizados nas ruas de Vitória, com os manifestantes fechando vias e se deslocando pela capital. Grande parte das postagens trazia imagens, para dar uma dimensão imagética ao movimento estudantil. Vários vídeos foram postados pelos midiativistas, inclusive muitos deles conquistaram um maior engajamento entre a audiência da página. Como vimos anteriormente, a segunda, a terceira, a quarta e a quinta postagens com maior quantidade de engajamentos (número de curtidas somado com o número de comentários), no período temporal considerado para nossa análise, foram veiculadas no dia 24 de outubro de 2016, trazendo imagens (foto ou vídeos) do protesto estudantil que saiu de Jucutuquara indo até a escadaria do Palácio Anchieta, sede do governo estadual do Espírito Santo. Nessa categoria temática também estão as transmissões ao vivo dos protestos que aconteceram em Vitória, as práticas conhecidas como *live*, realizadas pela equipe do Mídia Ninja ES para mostrar as ações dos manifestantes. Esse tipo de conteúdo foi fundamental para evidenciar a luta dos estudantes e tentar atrair mais participantes para os dois atos.

Apesar de ser em uma menor quantidade, há outros tipos de publicação dentro dessa categoria, como a cobertura de um protesto dos alunos das escolas Clotilde Rato, Maria Olinda, Rômulo Castelo e Francisco Nascimento, todas localizadas na Serra. Na ocasião, os estudantes se uniram para um ato unificado, fechando a BR-101 no município,

protestando contra a PEC 55 (ou PEC 241)³². Outra manifestação que também faz parte dessa categoria foi a dos estudantes da escola Juscelino Kubitschek de Oliveira, em Maria Ortiz, Vitória. Um grupo fez um protesto na frente da própria escola, e depois organizou uma caminhada pelas ruas do bairro, também protestando contra a PEC 55 (ou PEC 241).

Entendemos que os ativistas, ao cobrir os protestos dos estudantes, tentaram, ao mesmo tempo, documentar a ação dos alunos e conquistar apoio da sociedade civil para a causa. A constatação da importância das fotos e vídeos para obter mais curtidas, como evidenciamos acima, confirma a dimensão imagética do midiativismo, que, de uma forma geral, utiliza os recursos audiovisuais para construir uma narrativa e conquistar mais participantes em uma causa social, como é o caso da educação pública de qualidade, que é a pauta de luta da Primavera Secundarista.

4.4.1.3 Viralização de temas nacionais

Outra categoria de postagem identificada em nosso estudo foi a de viralização de temas nacionais. Identificamos em nosso *corpus* 58 *posts* sobre com essa temática, representando 8,27% do total das publicações consideradas em nossa análise. Nessa situação específica, os midiativistas compartilhavam notícias de portais jornalísticos e de outros coletivos de mídia independente sobre ocupações em outros locais do País, além de protestos em várias cidades contra a PEC 55. Essa estratégia alinhava o Ninja ES às outras ações nacionais, empreendidas em vários Estados, mas que tinham o mesmo objetivo: contestar a estipulação de um teto de gastos no orçamento público para áreas prioritárias, como educação e saúde.

4.4.1.4 Desdobramentos das ocupações

Outra categoria identificada em nosso *dataset* diz respeito aos desdobramentos das ocupações. Foram 20 publicações dentro desse tema, representando 2,85% do total de *posts*. Dentro dessa categoria, estão, por exemplo, as questões referentes aos processos de aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), cujas provas foram adiadas

³² Informações obtidas no site <http://g1.globo.com/espirito-santo/educacao/noticia/2016/10/protesto-de-estudantes-contrapec-241-bloqueia-br-101-na-serra-es.html>. Acesso em 24/06/2019.

para alguns participantes que tiveram seus locais de exame ocupados por estudantes³³. No mesmo período das ocupações, havia o segundo turno das eleições municipais, que também foi impactado pelas ocupações, com a transferência de alguns locais de votação para outros espaços³⁴.

Nessa categoria, também estão as repercussões jurídicas das ocupações, quando o Governo estadual entrou na Justiça para conseguir multar as famílias dos estudantes que estavam participando do movimento estudantil³⁵, ou mesmo quando a Defensoria Pública entrou com uma ação para apoiar o direito dos alunos de ocupar os espaços³⁶. Apesar de ter poucas postagens, e ter um menor impacto em nossa análise, essa categoria é importante por trazer um conteúdo que interessava a todos os estudantes.

4.4.1.5 Greve na Ufes

Durante a segunda leitura do *corpus* da pesquisa, identificamos uma quinta categoria temática, reunindo as postagens que dizem respeito à greve da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Foram 14 *posts*, que correspondem a 1,99% total de publicações. As publicações traziam informações sobre a greve dos professores e servidores técnicos-administrativos, em protesto contra a PEC 55, sobretudo a respeito de decisões das categorias profissionais votadas nas assembleias. É preciso frisar que os movimentos estudantis dentro da universidade foram tratados em outras categorias, com a ação dos universitários nas ocupações dos prédios e nos protestos realizados em Vitória.

4.4.1.6 Outros

A sexta e última categoria identificada em nosso levantamento traz algumas publicações que se conectam com as temáticas da Primavera Estudantil e com os protestos contra a PEC 55, mas que não cabem nas outras categorias discutidas anteriormente. São 10 postagens, que representam 1,42% do total de publicações. Entre elas, estão postagens

³³ Mais informações no site <http://g1.globo.com/espírito-santo/educacao/noticia/2016/11/enem-e-adiado-em-escolas-ocupadas-no-es-confira-lista.html>. Acesso em 24/06/2019.

³⁴ Mais informações no site https://www.gazetaonline.com.br/especiais/eleicoes_2016/2016/10/ocupacao-muda-locais-onde-44-mil-vao-votar-1013990856.html. Acesso em 24/06/2019.

³⁵ Mais informações no site <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2016/11/pais-de-alunos-que-ocuparem-as-escolas-podem-ser-multados-em-ate-20-salarios-1013992275.html>. Acesso em 24/06/2019.

³⁶ Mais informações no site <http://g1.globo.com/espírito-santo/educacao/noticia/2016/11/defensoria-do-es-entra-com-acao-favor-de-alunos-que-ocupam-sedu.html>. Acesso em 24/06/2019.

a respeito da ocupação da Câmara de Vereados de São Mateus, no Norte do Espírito Santo, por estudantes que protestavam contra o aumento no número de vereadores³⁷. Também há críticas sobre a cobertura da mídia hegemônica e sobre os gastos do governo federal. Entendemos que alguns *posts* dessa categoria se afastam do formato de cobertura noticiosa, que foi tão recorrente nas duas primeiras categorias temáticas, apresentando um caráter mais editorial, com a opinião dos midiativistas mais em destaque.

4.5 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS

A partir de nosso *dataset*, passamos a analisar o conteúdo dos comentários registrados nas postagens do coletivo Ninja ES no recorte temporal considerado para nosso estudo, que compreende o período de 17 de outubro a 5 de dezembro de 2016, quando foram gerados 941 *posts* veiculados pelo perfil do Ninja ES no Facebook. Como mencionamos anteriormente, as postagens do coletivo Ninja ES receberam um total de 14.552 curtidas e 4.511 comentários, com 2.382 usuários comentando.

Alguns usuários comentaram apenas uma vez, outros comentaram mais de uma vez, por isso temos em nossa coleta uma quantidade de comentários maior do que a quantidade de usuários comentando nas postagens. Sobre os comentários, o Ford entregou outros resultados em sua coleta, como uma estatística reunindo os comentários de acordo com a data de postagem. De acordo com o levantamento gerado pelo Ford, os dez dias que tiveram mais comentários foram, em ordem decrescente:

Tabela 8 – Dez dias com mais comentários nas postagens

Data	Comentários	Data	Comentários
24/10/2016	377	21/10/2016	254
27/10/2016	353	31/10/2016	176
26/10/2016	329	23/10/2016	158
28/10/2016	314	22/10/2016	150
25/10/2016	263	04/11/2016	139

Fonte: Coleta realizada por meio do Ford/Labic

³⁷ Mais informações no site <http://g1.globo.com/espírito-santo/estv-1edicao/videos/v/camara-de-vereadores-de-sao-mateus-e-ocupada-no-norte-do-es/5468961/>. Acesso em 24/06/2019.

Assim como percebemos ao analisar a estatística da quantidade de *posts* distribuídos por datas, entendemos que os comentários se concentraram nos dias em que foram realizadas mais ações no movimento estudantil, como na ocasião do protesto dos secundaristas em 24 de outubro de 2016 e do ato unificado de 11 de novembro de 2016. Além disso, muitos comentários foram registrados nos períodos de proximidade da aplicação do Enem (5 e 6 de novembro de 2016) e da realização do segundo turno das eleições municipais (30 de outubro de 2016). A partir da compreensão dessas informações, buscamos em nosso *dataset* as palavras que são mais recorrentes nos comentários das postagens do período das ocupações estudantis. As vinte palavras mais usadas nos comentários podem ser conferidas na tabela abaixo, em ordem decrescente:

Tabela 9 – Vinte palavras mais frequentes nos comentários

Palavra	Ocorrências	Palavra	Ocorrências
escola	426	galera	83
PEC	252	país	83
parabéns	194	Temer	82
alunos	189	ocupar	81
estudantes	170	Brasil	81
educação	169	estudar	80
ocupação	117	Dilma	78
luta	101	jovens	77
olha	92	orgulho	76
ocupa	88	polícia	76

Fonte: Coleta realizada por meio do Ford/Labic

Assim como aconteceu na análise das palavras mais recorrentes nas postagens, as palavras registradas com variações de número foram agrupadas no mesmo termo, como aconteceu novamente com o termo “escola”, que teve ocorrências no singular e no plural. Novamente optamos por manter palavras semelhantes como “ocupação”, “ocupa” e “ocupar” separadas, por terem, isoladamente, sentidos próprios. “Ocupa”, por exemplo, é um tempo verbal que indica uma ordem ou sugestão (imperativo), ou representa a terceira pessoa do singular do presente do indicativo. De qualquer forma, “ocupa” tem uma carga semântica diferente de “ocupar”, que é o verbo no infinitivo. Por sua vez,

“ocupação” é um substantivo. Temos na lista a palavra “pais”, termo que pode ter dois sentidos na enunciação dos internautas – referência a um núcleo familiar (pais) ou à pátria brasileira, de maneira geral (país).

Ao considerar as palavras isoladamente de seus contextos, percebemos que há um predomínio de temas como “escola”, “educação”, “PEC”, “estudantes”, “jovens” e “ocupação”, com variações de singular e plural, por exemplo. A relação traz palavras como “parabéns” (194 menções) entre as mais recorrentes, identificando que muitos comentários dos internautas foram de apoio ao movimento estudantil. Esse também é um termo recorrente em páginas políticas, definindo um campo identitário militante. Além disso, temos “polícia” e “orgulho” empatados, com 76 menções cada um, o que pode significar uma disputa semântica nos comentários. Apesar de descontextualizadas, as palavras trazem uma força discursiva muito grande, e expressam, em um primeiro contato, que a Primavera Secundarista realmente ganhou apoio nas postagens do Ninja ES.

Também identificamos nomes de políticos entre as palavras mais usadas nos comentários das postagens, como “Dilma”, a ex-presidenta que sofreu processo de impeachment em 2016, e “Temer”, o vice-presidente de Dilma que assumiu com o impeachment da ex-presidenta. Então consideramos que as palavras mais recorrentes dos comentários traziam uma dimensão política que não pode ser desprezada. Considerando que as ocupações aconteceram por causa de medidas adotadas no governo de Michel Temer, como vimos anteriormente, os usuários escreveram sobre esse contexto político ao comentar as postagens sobre a Primavera Secundarista.

A análise das palavras fora de contexto trouxe algumas compreensões a respeito da prática midiativista, como a dimensão política e de apoio dos usuários, que constituem uma verdadeira audiência, acompanhando a enunciação do Ninja ES durante os dias de ocupações das escolas públicas capixabas. Porém, neste momento de nosso estudo, decidimos focar nosso trabalho em outras abordagens, como a elaboração de grafos de palavras para compreender melhor a relação semântica entre os termos mais frequentes nos comentários dos usuários do Facebook, dentro das postagens do coletivo Ninja ES.

4.5.1 Grafos de palavras dos comentários

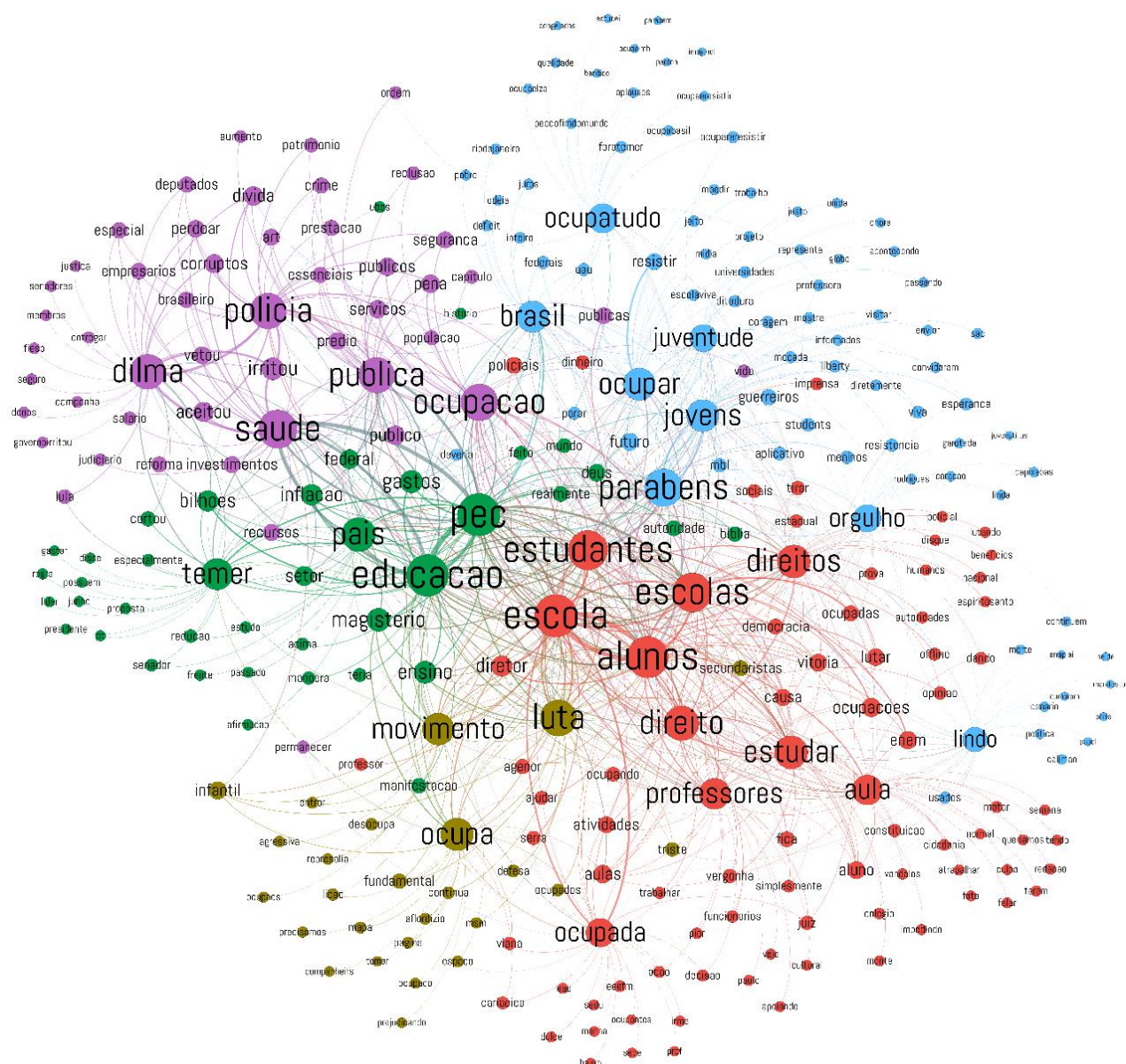
A partir do levantamento realizado pelo Ford, no qual foram coletadas as postagens do Ninja ES e seus respectivos comentários, de acordo com o período de tempo

estabelecido para nossa análise, buscamos extrair as palavras mais recorrentes para compreender a enunciação dos usuários nos 4.511 comentários registrados dentro de nosso *corpus* de pesquisa, composto de 941 publicações.

Trabalhar com os grafos foi uma escolha metodológica para realizar a interpretação de um grande volume de dados. Como tínhamos 4.511 comentários, um volume expressivo para ler e categorizar manualmente, optamos por usar os recursos de processamento e interpretação de dados disponíveis no Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic). A partir do processamento eletrônico, podemos entender quais foram os principais léxicos usados pelos internautas nos comentários das postagens, no sentido de se construir um embate de sentidos no Facebook.

O Ford nos deu os resultados com as palavras mais recorrentes nos comentários. Em seguida, juntamos os termos que formam uma só palavra nas ocorrências, como Rio de Janeiro, Espírito Santo e escola viva, entre outros. As palavras que foram excluídas da nossa amostra por não gerarem termos representativos são: “olha”, “galera”, “fazendo”, “maria”, “silva”, “pessoal”, “melhor”, “cara”, “ficar” e “dias”. Consideramos que esses termos não nos ajudam a entender os sentidos da enunciação dos usuários a respeito das ocupações, portando foram desprezados nesta etapa de nossa análise. Com esses dados, estabelecemos grafos de palavras para visualizar de maneira mais apropriada as associações formadas por esses termos nas enunciações dos usuários, nos comentários das postagens do coletivo Ninja ES.

Figura 12 – Grafo com as 30 palavras mais recorrentes nos comentários



Fonte: Coleta realizada por meio do Ford/Labic

Tabela 10 – Distribuição de perspectivas nos comentários das postagens do Ninja ES

Cor	Porcentagem	Palavras de referência
Azul	30,21%	“parabéns”; “jovens”; “orgulho”; “lindo”; “ocupar”
Vermelho	29,86%	“escolas”; “estudantes”; “direito”; “aula”; “estudar”
Roxo	17,01%	“polícia”; “Dilma”; “pública”; “saúde”; “ocupação”
Verde	13,89%	“educação”; “pec”; “Temer”; “pais”; “gastos”
Bege	9,03%	“movimento”; “luta”; “ocupa”; “secundaristas”; “infantil”

Fonte: Coleta realizada por meio do Ford/Labic

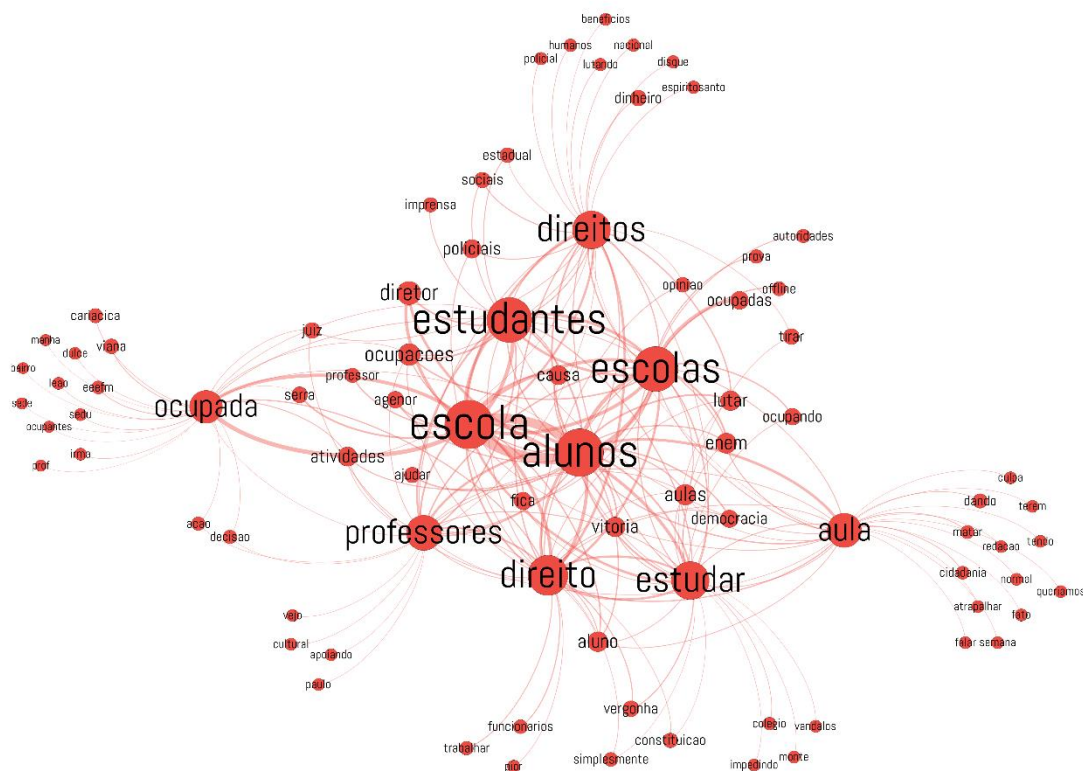
O grafo com as 30 palavras mais recorrentes nos comentários trouxe um total de 288 nós e 883 arestas ou conexões, dispostas na imagem acima. A partir do grafo de palavras, podemos visualizar que as palavras usadas pelos internautas nos comentários das postagens do coletivo Ninja ES formaram cinco principais blocos temáticos, ou perspectivas, ilustrados nas cores: vermelho, azul, verde, roxo e bege. Esse grafo de palavras evidencia, de uma maneira mais geral, como os principais termos (os mais recorrentes) se articularam com outros termos semelhantes, formando uma conexão própria, e com outros termos de outras redes, em um embate de sentidos. Podemos observar as conexões que surgiram entre as palavras, como elas se deram e se articularam, em que sentidos, com quais termos em evidência.

Entendemos, ao observar o grafo principal, que a rede vermelha assumiu uma centralidade, com os léxicos carregados de uma carga semântica ligada à luta e ao movimento estudantil, de forma mais geral, mesclando oposição e apoio ao movimento. Os nós são os maiores, com mais conexões, portanto há uma centralidade e um protagonismo dessa perspectiva. A rede azul, a que reúne mais nós, surge em contraposição à rede vermelha, no embate enunciativo também com as redes roxa e verde.

Ao observar todas as perspectivas unidas, entendemos que a vermelha teve mais força, com um maior espalhamento, aproximando-se das perspectivas azul, roxa e verde, mas ao mesmo tempo se afastando e mantendo uma posição contrária a esses sentidos. A maior oposição da rede azul seria a rede verde, como podemos observar. Apesar da centralidade da rede vermelha, que possui mais conexões, entendemos que a carga semântica da rede azul sobressaiu-se durante as ocupações, por ter mais nós. Veremos abaixo mais sobre cada rede abaixo, analisando as perspectivas de maneira mais aprofundada.

4.5.1.1 Rede vermelha

Figura 13 – Grafo com as palavras da perspectiva vermelha



Fonte: Coleta realizada por meio do Ford/Labic

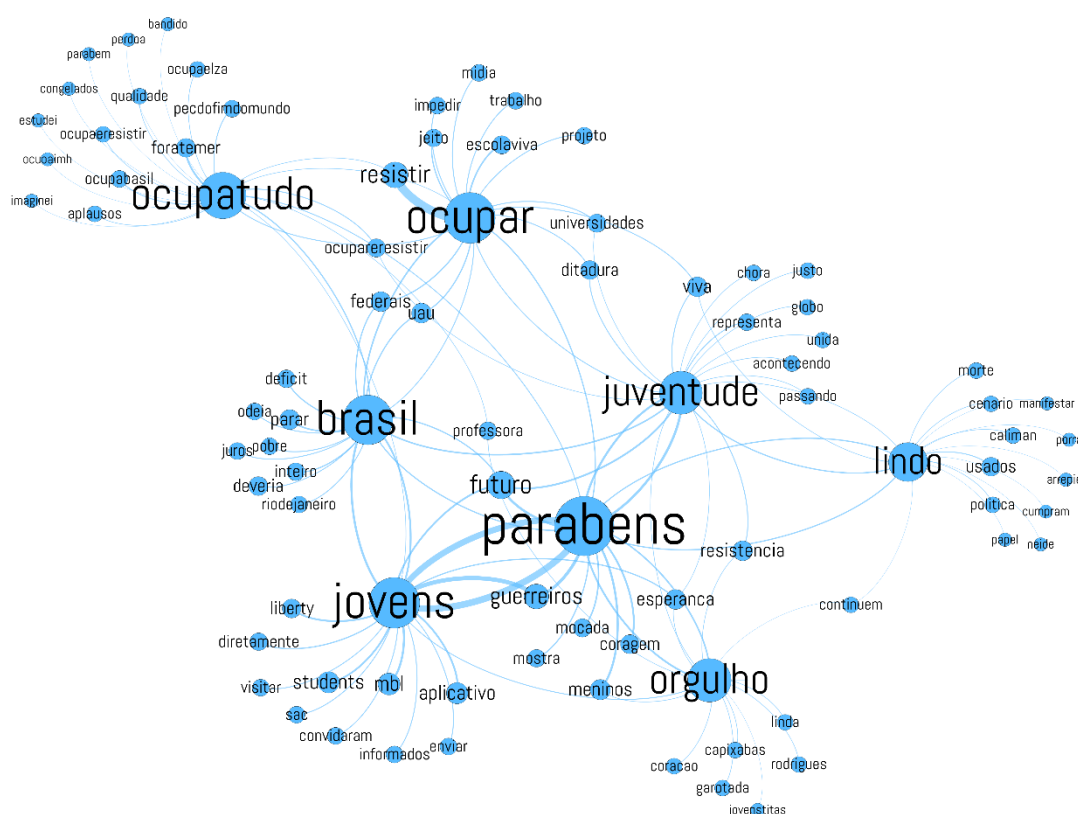
Esta é uma perspectiva de embate, de conflito. Os sentidos estão sendo negociados. Rede mais centralizada do grafo principal, a perspectiva vermelha traz muitos léxicos ligados ao movimento estudantil e à luta dos estudantes. Essa perspectiva possui 86 nós (29,86% do total) e 211 arestas (23,9% do total). Os principais nós trazem as palavras “direitos”, “estudantes”, “escolas”, “escola”, “alunos”, “direito”, “professores”, “aula”, “estudar”, “ocupada”, conectadas a nós com menos conexões, ou seja, uma menor influência e visibilidade no contexto geral enunciativo.

Conectado ao nó “estudar”, estão palavras de carga semântica importantes, como “vândalos”, “impedindo”, “aluno”, “vergonha”, mostrando que havia uma oposição ao movimento estudantil dentro desta perspectiva, algo frequente em páginas midiativistas, com seus frequentes *trolls* atacando os movimentos sociais. No nó “ocupada”, temos algumas palavras ligadas, indicando espaços ocupados pelos estudantes. O nó “aula” está ligado a palavras como “matar”, “cidadania”, “culpa”, “atrapalhar”, indicando que havia reclamações sobre a paralisação das aulas, sobretudo na proximidade do Enem, uma das palavras presentes neste grafo.

O nó “direitos” está ligado a palavras como “policial”, “lutando”, “dinheiro”, “benefícios”, “tirar” e “opinião”, mostrando que apesar das críticas, a perspectiva também traz uma carga de luta, com palavras como “lutar”, “lutando”, “ajudar” e “democracia” em destaque. Entendemos que essa perspectiva está mais ligada à centralidade do movimento, com os internautas disputando os sentidos em torno de apoio e críticas à Primavera Secundarista. Como os nós são bem grandes, entendemos que esses temas concentraram grande parte da discussão da audiência do Ninja ES.

4.5.1.2 Rede azul

Figura 14 – Grafo com as palavras da perspectiva azul



Fonte: Coleta realizada por meio do Ford/Labic

Com mais nós do que a perspectiva vermelha (são 87, com 30,21% do total), a perspectiva azul perde da vermelha na quantidade de conexões: são 130 arestas, ou 14,72% do total, contra 211 arestas da rede vermelha (23,9% do total, como vimos acima). Isso implica dizer que as palavras têm menor densidade, isto é, estão mais fracamente ligadas entre si em comparação com a perspectiva vermelha. Isso então resulta em tópicos

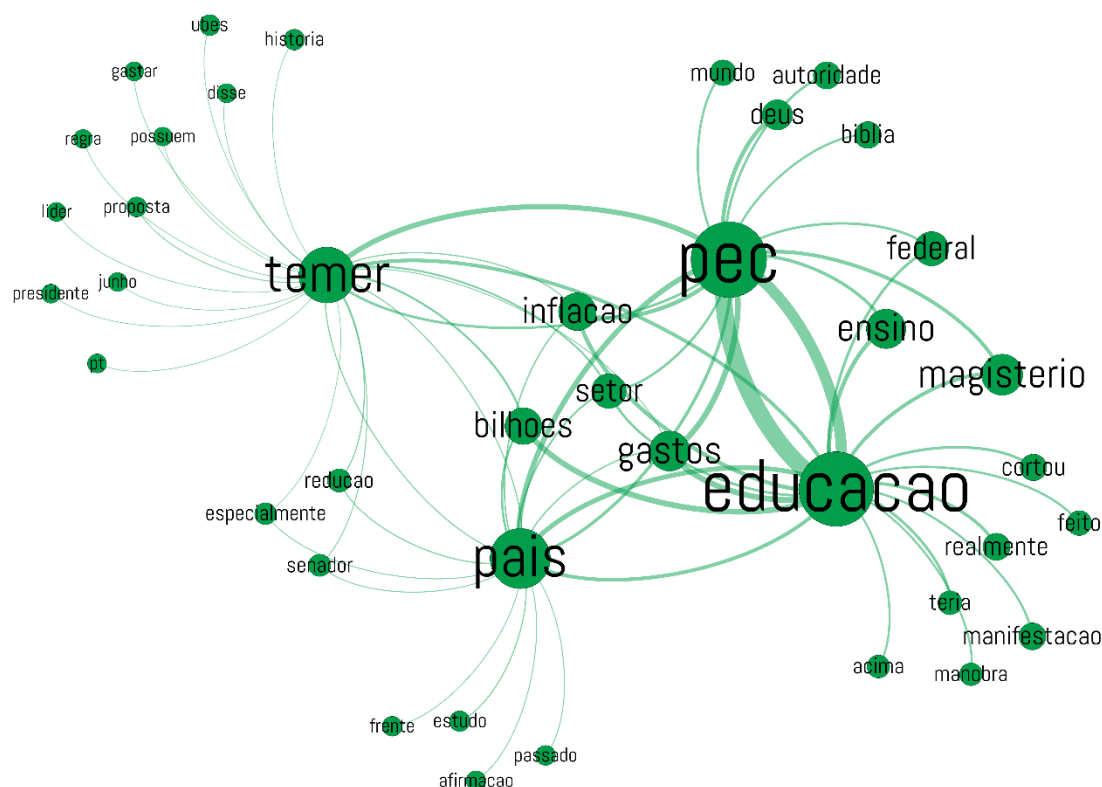
distintos — nesse caso, modos distintos de afirmar um apoio — dentro de um mesmo *cluster* enunciativo. É a rede que traz a carga semântica mais expressiva de apoio à Primavera Secundarista, como podemos perceber a partir dos principais nós: “orgulho”, “parabéns”, “jovens”, “lindo”, “juventude”, “Brasil”, “ocupar” e “ocupatudo”. O nó “orgulho” traz uma ligação com muitas palavras com carga emocional, como “linda”, “garotada”, “coração”, “capixabas” e “jovenstitãs”.

Já o nó “parabéns” está ligado a palavras como “resistência”, “guerreiros”, “esperança”, “coragem”, “meninos”, “mostra”, “futuro” e “moçada”, que corroboram a ideia de apoio emocional à Primavera Secundarista, quando a ação dos secundaristas de ocupar as escolas foi considerada uma grande ideia para lutar pelos direitos dos estudantes, apontando para um futuro de esperança e de coragem para não se calar diante das injustiças. Outras palavras, ligadas ao nó “ocupatudo”, enfatizam esse apoio ao movimento, como “aplausos”, “parabem” (uma grafia alternativa de parabéns) e “foratemer”. Além disso, um dos nós (“jovens”) traz uma aproximação do movimento estudantil com o Movimento Brasil Livre (MBL) e o Students for Liberty, organizações políticas ligadas à direita brasileira.

Porém, ao analisar os sentidos da perspectiva azul, entendemos que há um predomínio de uma carga emocional e de apoio à Primavera Secundarista, com léxicos que inegavelmente vibram com as ações dos secundaristas durante as ocupações. Entendemos que, como possui mais nós, esta perspectiva sobressaiu-se na disputa de sentidos com as demais perspectivas, apesar de ter menos centralidade no grafo e menos conexões (arestas). Mais nós aparecem porque o discurso de apoio é mais exclamativo, contabilizando um menor número de caracteres, menor número de parágrafos, muito diferente do discurso mais dialógico, em que argumentos amplos precisam ser fabricados textualmente. Isto significa que grande parte dos comentários das postagens do Mídia Ninja ES contou com mensagens de apoio do público conectado. Os termos “parabéns”, “orgulho” e “lindo” são muito importantes para o entendimento de que havia, por parte da audiência conectada pelo Facebook, um apoio ao movimento, apesar das paralisações das aulas e, conseqüentemente, do adiamento da aplicação do Enem e mudança dos locais de votação nas eleições de 2016.

4.5.1.3 Rede verde

Figura 15 – Grafo com as palavras da perspectiva verde



Fonte: Coleta realizada por meio do Ford/Labic

A perspectiva surge como uma transição de temas a partir da perspectiva vermelha, pois combina alguns termos típicos do movimento estudantil, como os nós “educação”, “pec” e “Temer”, com elementos mais conservadores e reacionários ao movimento. O nó “pec” está ligado a termos como “bíblia”, “Deus”, “autoridade” e “mundo”, então podemos concluir que há um elemento religioso presente neste eixo semântico, além de termos políticos. A partir dessa constatação, buscamos esses comentários com um teor mais religioso em nosso *dataset*, e identificamos um exemplo que ilustra bem essa conexão feita entre os termos “pec”, “Deus” e “bíblia”. No caso, uma mesma pessoa postou duas vezes a mesma mensagem, que pode ser conferida abaixo:

Tabela 11 – Exemplo de comentário com caráter religioso

Comentário	Datas	Publicações
Robert Balcacer comentou: Paz estamos vivendo tempos de guerras em escolas devido a pec 241 etc, oriento como a Bíblia nos orienta, a palavra de Deus toda autoridade e levantada por Deus e quem se	27/10/2016 10:03	https://www.facebook.com/562350287134234_1125910787444845

rebela contra as autoridades se rebela contra Deus. vamos orar para que a vontade de Deus se cumpra. TODOS QUE SE REVOLTAM ORAR DEUS VAI OPERAR. Deus os abençoe	27/10/2016 10:02	https://www.facebook.com/562350287134234_1125596570809600
---	---------------------	---

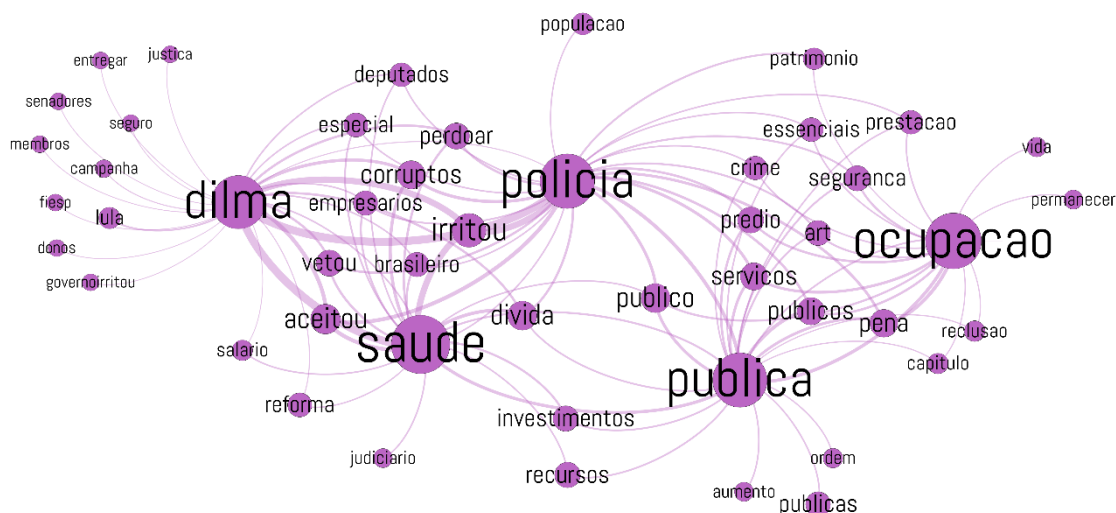
Fonte: Coleta realizada por meio do Ford/Labic

A partir desse exemplo, pudemos constatar que, entre a audiência do Ninja ES, havia quem fazia oposição ao movimento estudantil usando argumentos religiosos, apontando que a PEC 241 era o motivo de desavença nas escolas, e não o governo federal, e que os estudantes estavam errados em questionar as autoridades, porque “quem se rebela contra as autoridades se rebela contra Deus”.

Além disso, percebemos que o nó “Temer” relaciona-se com as palavras “PT”, “presidente”, “gastar”, “proposta”, “regra” e “líder”, o que nos faz acreditar que se trata de uma perspectiva que traz um apoio ao limite de gastos na educação, o que era previsto pela PEC 241 (PEC 55) mesmo sem defender o ex-presidente Michel Temer diretamente. Também entendemos isso ao verificar o nó “educação”, ligado a termos como “cortou”, “feito”, “manifestação” e “manobra”. A perspectiva verde trouxe 40 nós (13,89% do total), com 68 conexões (7,7% do total), representando um menor alcance de seus enunciados, dentro dos comentários das postagens do Mídia Ninja ES no Facebook.

4.5.1.4 Rede roxa

Figura 16 – Grafo com as palavras da perspectiva roxa



Fonte: Coleta realizada por meio do Ford/Labic

Com 49 nós (17,01%) e 108 conexões (12,23%), a perspectiva roxa traz uma carga semântica criticando a legitimidade da Primavera Secundarista e os políticos brasileiros, sobretudo a ex-presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT). Um dos principais nós, “ocupação” surge conectado com termos como “reclusão”, “pena”, “permanecer”, “vida”, “art.”, “capítulo”, “prestação” e “segurança”, o que nos faz inferir que há uma criminalização do movimento estudantil, principalmente quando as ocupações ocasionam o adiamento da aplicação do Enem e a mudança dos locais de votação nas eleições de 2016.

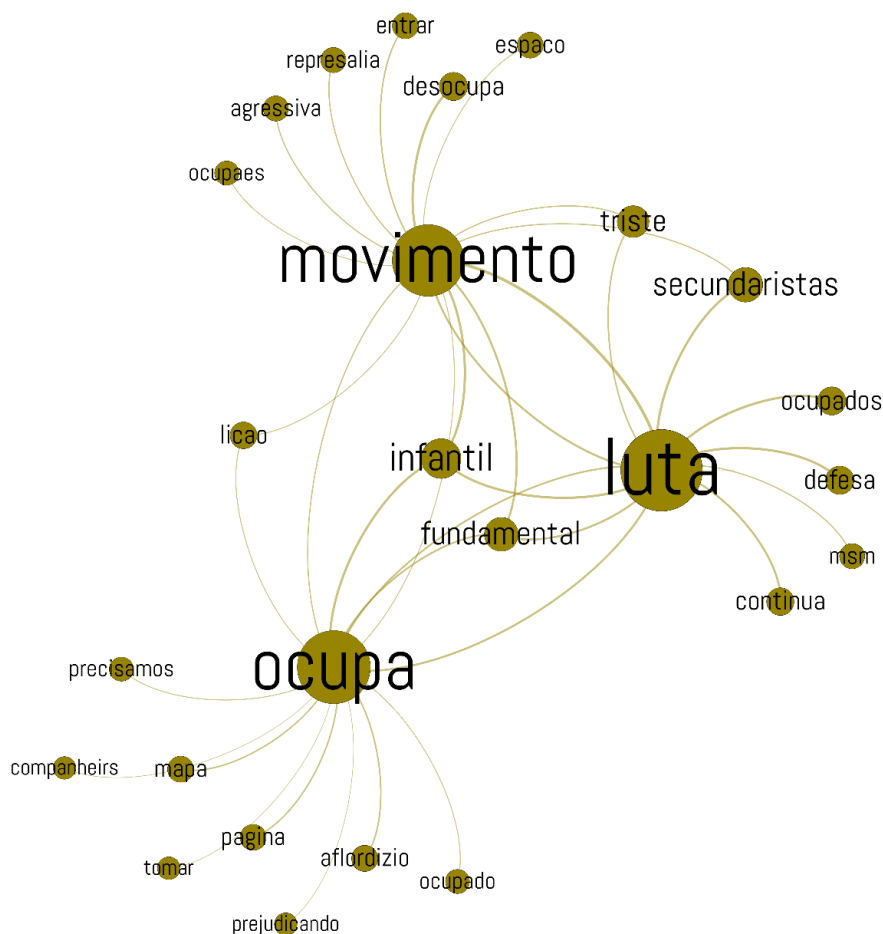
É a perspectiva dos *trolls*, o que demonstra a existência de ataques de adversários buscando criar instabilidade emocional entre os usuários das páginas. Mais amplamente aponta que a dinâmica midiativista tende a atrair a atenção daqueles que apoiam incondicionalmente o poder e, em geral, são pagos para defendê-lo, criando mentiras, criminalizando, ofendendo quem apoia um movimento social.

Outro nó fundamental para o entendimento desta perspectiva, “polícia” está ligado a palavras como “patrimônio”, “crime”, “prédio”, “dívida”, “público”, entre muitos outros. O nó “polícia” possui uma centralidade entre os temas, então ele está conectado a quase todos os desdobramentos desta perspectiva, o que corrobora nosso entendimento de que a rede roxa criminaliza o movimento estudantil e cobra a retomada das aulas por parte das instituições responsáveis.

Os dados nos apontam que há uma culpabilização da ex-presidenta Dilma, sobre a realização do corte de gastos na educação. Isso porque o nó “Dilma” está conectado com termos como “governo irritou”, “reforma”, “Lula”, “corruptos”, “vetou”, “deputados”, “perdoar”, “campanha”, “Fiesp” e “dívida”. Há um clima de insatisfação com a classe política, e a necessidade de ajustes em investimentos e de reformas para melhor utilização de recursos, como apontam os léxicos presentes nesta perspectiva.

4.5.1.5 Rede bege

Figura 17 – Grafo com as palavras da perspectiva bege



Fonte: Coleta realizada por meio do Ford/Labic

A menor perspectiva apreendida a partir das 30 palavras mais recorrentes nos comentários das postagens do coletivo Ninja ES possui 26 nós (9,03%) e 39 arestas (4,42%). A perspectiva traz um embate latente entre a luta dos estudantes, que queriam melhores condições para a educação pública brasileira, e as pessoas que eram contra o movimento estudantil. Verificamos que há três nós principais: “ocupa”, “luta” e “movimento”. O nó “luta” surge conectado a termos de apoio ao movimento, como “secundaristas”, “ocupados”, “defesa”, “mesmo” e “continua”. Entendemos que esse nó ainda carrega um sentido de apoio, porém os demais surgem com muitas críticas.

O nó “movimento” está ligado a palavras com tom de crítica como “triste”, “agressiva”, “represália”, “entrar”, “desocupa” e “espaço”, então esses léxicos

correspondem às críticas recebidas nas postagens. Já o nó “ocupa” está ligado ao termo “prejudicando”, o que vem ao encontro das demais críticas registradas. Apesar de estarem em menor quantidade em relação à rede azul, por exemplo, essas críticas foram contundentes, indicando que o movimento estudantil não contava com o apoio de toda a sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise das publicações realizadas pelo coletivo Ninja ES no Facebook, e de seus respectivos comentários, entendemos que os conteúdos veiculados pelos midiativistas durante os dias de Primavera Secundarista no Espírito Santo tinham as imagens (fotos e vídeos) como um de seus principais recursos noticiosos, visto que 69,82% do conteúdo eram compostos por fotos (50,69%) e vídeos (19,13%). Também identificamos que as cinco postagens com maior engajamento por parte da audiência são fotos ou vídeos. Além disso, a categoria temática com o maior número de postagens, a que reúne conteúdos que se referem à cobertura das ocupações escolares capixabas (484 publicações, representando 69,04% do total de 701 *posts* considerados para a categorização), trazia uma quantidade expressiva de imagens: 282 fotos (58,26%) e 70 vídeos (14,46%). Esses números atestam a dimensão imagética da Primavera Secundarista capixaba, noticiada pelo coletivo Ninja ES, e a forma como os coletivos midiativistas estão sob o impacto da algoritmização das plataformas digitais, a saber: a hipervalorização da estética que o Facebook estimula, ao dar mais abrangência a essas formas de conteúdo (fotos e vídeos) por entender que são mais engajadores, fazendo com que seus usuários gastem mais tempo utilizando o site.

Com essas constatações, podemos inferir que construir uma narrativa imagética é fundamental para a prática midiativista, seja para documentar o movimento social, seja para conquistar engajamento nas plataformas digitais, seja para comprovar que determinadas ações de ativistas aconteceram ou não. Entendemos que usar imagens, como fotos ou vídeos, ou mesmo fazer transmissões ao vivo direto de acontecimentos, as famosas *lives*, é um recurso recorrente na prática midiativista, e dá um retorno considerável para as publicações, como pudemos constatar em nosso estudo: as fotos receberam 68.514 curtidas (56,93%) e os vídeos receberam 20.910 *likes* (17,37%), representando 74,3% do total de curtidas que todas as postagens do coletivo Ninja ES receberam no nosso período considerado na análise (17 de outubro a 5 de dezembro de 2016). Ainda dentro desse período temporal, as fotos e os vídeos, somados, foram responsáveis por 83,58% do total de comentários recebidos nas publicações do Ninja ES, e por 79,92% do total de compartilhamentos verificados.

Entendemos que foram essas postagens, carregadas de imagens, que atraíram os comentários dos internautas. Ao todo, foram 4.511 comentários registrados no período considerado na análise (17 de outubro a 5 de dezembro de 2016). Identificamos que os

comentários traziam mensagens de apoio e críticas ao movimento, porém com um predomínio dos comportamentos favoráveis às ocupações, como podemos constatar a partir das palavras mais recorrentes nos comentários. Em terceiro lugar, com 194 menções, está a palavra “parabéns”, atrás apenas de “escola” (307 menções) e “PEC” (252 menções). Outros indicativos importantes são a presença da palavra “luta” em 8º lugar em menções, com 101 ocorrências, e “orgulho” em 19º lugar em menções, com 76 ocorrências. Esses três termos demonstram que havia um clima de apoio entre a audiência conectada do Ninja ES, que participava ativamente da cobertura do coletivo, acompanhando cada desdobramento. O único termo considerado negativo na lista das vinte palavras mais recorrentes é “polícia”, em 20º lugar, com 76 menções. Então entendemos que no embate discursivo entre os internautas, os comentários positivos se sobressaíram, o que pode ser conferido também nos grafos de palavras.

A partir da leitura do conjunto dos grafos, percebemos que houve um conflito semântico entre a audiência conectada, com grupos mais conservadores pedindo a intervenção da polícia para encerrar as ocupações estudantis, e grupos mais engajados, acompanhando as ações e apoiando os estudantes que lutavam por uma educação pública de qualidade. A rede de apoio aos estudantes se sobressai no conjunto dos grafos, obtidos a partir do processamento das informações dos comentários das publicações.

A partir de todos os números apresentados, esmiuçados em nossa análise, podemos afirmar que é a dimensão imagética que impulsiona o trabalho dos midiativistas, garantindo visibilidade, credibilidade e apoio em meio à audiência conectada do Facebook. Além de registrar suas ações, documentando o trabalho desenvolvido, os ativistas conseguem alcançar o público, com o uso de recursos audiovisuais, como fotos e vídeos. Trabalhar essa dimensão imagética foi fundamental para manter o movimento estudantil unido durante os quase dois meses de ocupações, como percebemos ao longo desta pesquisa. Mostrar o dia a dia das escolas no Facebook, como as ações de entretenimento, protestos, mutirões de limpeza, palestras e aulas com voluntários, ajudou a dar um fôlego extra à Primavera Secundarista.

Em vez dos estudantes desanimarem e dispersarem após os primeiros dias de protestos, eles se conectaram com outras lideranças, localizadas em instituições de ensino de todo o Espírito Santo, e passaram a estimular uns aos outros. O movimento estudantil manteve-se presente nas ruas e nas redes, criando narrativas imagetivamente poderosas, o que enriqueceu a luta dos secundaristas. Enquanto isso, a audiência conectada

acompanhava as publicações, registrando palavras de incentivo para os alunos, que estavam ocupando as instituições de ensino capixabas.

Consideramos que as postagens do Mídia Ninja ES, carregadas de imagens, foram capazes de acionar comportamentos favoráveis ao movimento estudantil no Facebook. Muitos internautas fizeram questão de acompanhar a enunciação do coletivo de mídia durante os dias de ocupações nas instituições de ensino do Espírito Santo para deixar sua opinião, muitas vezes favorável aos atos dos secundaristas. Muitos ressaltaram a importância da luta por uma educação pública de qualidade, outros parabenizaram os estudantes. As críticas estavam presentes, porém entendemos que elas foram inferiores à rede de apoio que se formou no Facebook, que gerou outros desdobramentos, como o contato de alunos de várias escolas, espalhadas pelo Espírito Santo. Formou-se uma rede estudantil na territorialidade informacional, de pessoas de uma mesma localidade, no caso o mesmo Estado, que estavam lutando pela mesma pauta educacional.

Os grupos corporativos de mídia, que cobriram as ações do lado de fora das manifestações estudantis, mostraram uma outra perspectiva das ocupações — a perspectiva de quem não está participando do movimento. Confrontando esses relatos da imprensa capixaba, os estudantes criaram sua versão dos fatos, com um arsenal noticioso carregado de imagens.

Os números obtidos em nosso estudo permitem verificar a dimensão do movimento estudantil na territorialidade informacional, que conseguiu um alcance considerável, visto que nem sempre foi apoiado pela sociedade civil, como pudemos constatar em uma breve análise ao considerar as reportagens do Jornal A Tribuna usadas em nossa linha do tempo da Primavera Secundarista. Por muitas vezes, as manchetes e demais informações usavam um teor negativo para referir-se à Primavera Secundarista. Apesar da análise comparada entre os enunciados da mídia hegemônica e os enunciados do midiativismo não serem a metodologia escolhida para traçar esse trabalho, entendemos que o tom da imprensa da época criminalizava o movimento estudantil, reprovando as ocupações, principalmente por terem adiado as datas de aplicação do Enem para uma parte dos candidatos, e por terem mudado os locais de votação de uma quantidade significativa de eleitores durante o segundo turno das eleições municipais de 2016.

Sendo assim, entendemos que o coletivo Ninja ES ofereceu ao movimento estudantil a chance de ser ouvido, de ter voz durante esses desdobramentos. Além disso, o Ninja ES noticiou os protestos abordando a perspectiva dos estudantes com exclusividade, pois entendemos que o movimento estudantil praticamente legitimou o

coletivo como sendo um porta-voz dos protestos, ao fornecer dados exclusivos para os midiativistas, e muitas vezes evitando o diálogo com a imprensa capixaba, como percebemos ao longo de nosso estudo.

O Ninja ES promoveu um embate com a mídia corporativa na disputa pela construção de discursos midiáticos durante os dias da Primavera Secundarista, pois oferecia uma versão muitas vezes alternativa ao que era noticiado na imprensa corporativa. Percebemos, inclusive, que o Ninja ES tinha uma informação mais precisa sobre a quantidade de escolas ocupadas durante a época dos protestos, e que essa informação divergia dos dados publicados pela imprensa tradicional capixaba, como os próprios ativistas comparavam em algumas das publicações.

Também consideramos que o Ninja ES configurou-se como uma verdadeira agência de notícias durante o período de ocupação das escolas públicas do Espírito Santo, convertendo-se em um *hub* midiático de conteúdo alternativo, construído a partir de narrativas independentes elaboradas pelos midiativistas. Dotados de dispositivos como celulares, tablets e câmeras digitais, os midialivristas fugiram do modo de trabalho dos veículos de massa para estabelecer uma comunicação em rede que alimentou novos gostos, estabelecendo uma nova agenda informativa no Facebook.

Os midiativistas são atores que narram dentro dos acontecimentos, movimentando as redes sociais a partir das ruas, postando versões dos acontecimentos, muitas com caráter de relato, sem uma maior reflexão ou aprofundamento, de forma contínua e muitas vezes espontânea. São esses sujeitos em movimento que alimentam o Ninja ES com suas narrativas textuais e imagéticas.

Com as possibilidades de expressão e de mobilização maximizadas a partir da tecnologia, muitos movimentos sociais migraram das ruas para as redes, justamente pela possibilidade de engajar vários participantes à distância, dentro de um modelo colaborativo. Além de significar um importante espaço contemporâneo de trocas e interações, as plataformas de redes sociais constituem atualmente um fundamental instrumento de mobilização social, de luta por autonomia e de conflito com as estruturas do poder constituído. O ambiente digital preserva elementos territoriais por reunir pessoas de uma mesma localização geográfica, como é o caso dos membros do coletivo Ninja ES, lidando com um tema em comum, que são os fatos e as informações referentes às lutas sociais ligadas ao estado do Espírito Santo.

As interações realizadas no Facebook são processos discursivos que se consolidam mediante à circulação de textos e imagens. Nesse sentido, o coletivo Ninja

ES abastece sua página com conteúdo sobretudo com caráter político e social, produzido por seus integrantes ou enviado por seus colaboradores. Outra estratégia de sua guerrilha midiática é republicar notícias de outras fontes, com o objetivo de causar engajamento no ciberespaço. Observamos que o Ninja ES publicou uma profusão de narrativas, na ocasião das ocupações escolares no Espírito Santo, muitas vezes não lineares e com várias temáticas postadas simultaneamente. No material coletado, havia publicações sobre as ocupações no Espírito Santo e em alguns locais do Brasil, atos em Brasília contra a PEC 55 (PEC 241), além de repercussões da queda do avião da Chapecoense, protestos na assembleia legislativa do Rio, prisão do deputado Eduardo Cunha, entre outros assuntos. O midiativismo no Facebook, portanto, adota a estratégia de co-narração.

Verificamos que o coletivo Ninja ES adota uma produção de conteúdo colaborativa, amparada na atuação de seus parceiros, que criam textos, fotos e vídeos diretamente das lutas e das ruas, e encaminham para os “ninjas”, que recebem esse material e dão um tratamento para posterior postagem na fanpage. As colaborações são disponibilizadas com a assinatura do Ninja ES, muitas vezes sem identificar o autor, em um modelo anonimizado de autoria. Entendemos que, dessa forma, os vários colaboradores ajudam a construir uma narrativa autêntica, com forte caráter testemunhal, amparada em muitos relatos pessoais simples, e sem uma contraposição de temas, como acontece com o texto jornalístico, que reúne um fato, seus desdobramentos e a posição de todos os atores envolvidos, institucionais ou não. Cabe então aos midiativistas do Ninja ES dar um tratamento a esse conteúdo, checando algumas informações e publicando na página Ninja ES sem uma identificação de autoria.

Apesar da falta de uma linearidade das postagens sobre as ocupações, mostrando o começo, o meio e o fim de algumas ações, é possível entender o sentido geral do conteúdo veiculado na página Ninja ES, pois conseguimos compreender o enredo do desenvolvimento das ações ao entender o contexto do tema. O coletivo trouxe, por exemplo, vários passos dos estudantes que ocuparam a sede da Secretaria de Estado da Educação (Sedu), evento conhecido como #OcupaSedu, que aconteceu de 17 a 25 de novembro de 2016. Mostrou desde a entrada dos alunos, que primeiramente ocuparam o jardim do espaço, acampando de forma improvisada, sem acesso ao interior do prédio, até as negociações com a justiça estadual, que determinou a reintegração de posse do espaço ao governo estadual.

A página do Ninja ES publicou material noticioso enviado pelos estudantes que estavam no local da ocupação, como fotos e vídeos, além de pedidos de ajuda e informes

sobre as ações dos secundaristas que ocuparam a Sedu para protestar contra a proposta de reforma do ensino médio. As imagens serviam, inclusive, como provas de que as escolas estavam ocupadas e sendo cuidadas pelos estudantes. Muitos secundaristas fizeram faxinas nos espaços, com material de limpeza doado por voluntários. A ampla divulgação dos atos estudantis na Sedu garantiu, em primeiro lugar, a mediação da versão dos fatos sob o ponto de vista dos alunos, pois entendemos que, em muitos casos, a mídia tradicional tratou do tema, muitas vezes, sob o ponto de vista do governo estadual, que teve suas atividades letivas suspensas com a ação dos estudantes.

Um exemplo foi quando o governo estadual conseguiu uma decisão judicial para multar as famílias dos estudantes que estavam participando das ações nas escolas. As narrativas dos “ninjas” mostraram que, ao contrário do que era mostrado na imprensa tradicional, com muitos entrevistados reclamando do movimento, havia muitas outras pessoas que apoiavam as ocupações, doando alimentos, materiais de higiene pessoal e limpeza, além de artistas, universitários e demais voluntários que ofereceram oficinas nas escolas. Em uma das narrativas selecionadas em nossa amostra, houve oficinas de música e de fotografia em pelo menos duas das escolas da Grande Vitória que estavam ocupadas.

Os mediadores do Ninja ES, em muitos momentos, construíram lugares comuns de lutas, entrando e saindo de controvérsias. Em muitos momentos os estudantes e o coletivo Ninja ES correram riscos para criar suas narrativas biopolíticas, dispostos a compartilhar narrativas e imagens das lutas sociais, que nem sempre são veiculadas pela mídia hegemônica tradicional, ou mesmo com um sentido divergente ao que é enunciado pelos demais veículos.

Também consideramos que a dimensão política do trabalho dos mediadores do Ninja ES está intimamente ligada ao conceito de *parresía*, em uma espécie de jogo parresiástico, quando o mediador diz a sua verdade, assumindo os riscos de sua enunciação, e a audiência conectada aceita o risco de conhecer a verdade. Verificamos, durante nossa pesquisa, que os mediadores estiveram em locais de conflito, em escolas ocupadas, em protestos nas vias de Vitória, correndo o risco de serem abordados pela polícia. Outras vezes, eles postaram no Facebook um conteúdo que poderia ser contestado pelas autoridades. O trabalho realizado pelos “ninjas” oferecia um risco para os ativistas, de serem presos ou processados pelo Estado. A partir da atividade do Ninja ES, surge então um tipo de pacto, entre o indivíduo que corre o risco de dizer a verdade e aquele que está disposto a ouvir. É a coragem da verdade que impulsiona os “ninjas” a mostrar o dia a dia das ocupações e as críticas dos estudantes ao desmonte da educação.

Entendemos que o coletivo Ninja ES estabeleceu uma dinâmica própria de enunciação, reunindo material informativo enviado a partir de colaboradores, veiculando narrativas independentes em sua página no Facebook. Em nossa pesquisa, identificamos que os ativistas do Ninja ES são comunicadores amadores, portanto desconhecem as rotinas produtivas próprias das redações. Amparados na colaboração de outros amadores, em um formato solidário de atuação, os midiativistas do Ninja ES empreenderam atos de jornalismo ao criar narrativas com forte caráter testemunhal, de fatos cobertos de formas díspares pela imprensa tradicional capixaba.

O coletivo Ninja ES oferece uma relevante formação discursiva biopolítica, capaz de dar visibilidade àquilo que se oculta ou se criminaliza na imprensa. Além disso, consideramos que os “ninjas”, nomenclatura pela qual os ativistas são conhecidos popularmente, modificaram estéticas, estruturas narrativas e a posição de sujeito (que se oculta) da deontologia jornalística, ao postar conteúdo em movimento, anônimo e com caráter colaborativo, por meio de ativistas que desconheciam um maior rigor formal das rotinas produtivas jornalísticas.

Acreditamos que o coletivo Ninja ES estabelece uma dinâmica que se assemelha ao modelo de mídia-multidão (BENTES, 2015), quando verificamos o contexto e as consequências de suas atividades, sobretudo na ocasião das ocupações escolares no Espírito Santo. Por meio de sua atuação durante as ocupações, os “ninjas” romperam regras, sem motivação financeira, fazendo oposição direta à estrutura de poder (verticalmente) e conquistando apoiadores em um formato de solidariedade (horizontalmente).

As narrativas do coletivo constituem parte da agenda de temas que circulam e pautam a vida de uma grande quantidade de indivíduos, que têm no ambiente digital uma das dimensões de suas atividades cotidianas. Consideramos que o coletivo midiático, que tem na territorialidade informacional seu campo de operações e nas práticas jornalísticas sua estratégia de atuação, constrói um discurso de resistência enquanto fornece contrainformações. Sendo assim, podemos considerar que o coletivo de mídia livre Ninja ES estabelece atividades sociais que criam pertencimento nas redes sociais digitais — no caso narrativas jornalísticas elaboradas por comunicadores autônomos —, configurando um território informacional independente, com conteúdo em oposição ao sistema midiático hegemônico vigente.

REFERÊNCIAS

ARQUILLA, John; RONFELDT, David. What Next for Networks and Netwars? In: **Networks and Netwars: The Future of Terror, Crime, and Militancy**. Santa Monica: RAND, 2001.

BENTES, Ivana. Economia narrativa: do midiativismo aos influenciadores digitais. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 151-169.

BENTES, Ivana. **Mídia-Multidão: Estéticas da comunicação e biopolíticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

CANCIAN, Allan; MALINI, Fábio. A nova cara da direita no Brasil: um estudo sobre o grupo político MBL - Movimento Brasil Livre. In: **Anais do 1º Simpósio Direitos Brasileiros: Da Redemocratização ao Governo Temer**, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em <<http://conferencias.fflch.usp.br/SDB/simposiodireitas/paper/view/2199>>. Acesso em 10/04/2019.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. Communication, power and counter-power in the network society. In: **International Journal of Communication**, n. 1, p. 238-266, 2007. Disponível em <<http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/46/35>>. Acesso em 16/01/2018.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. SP/RJ: Paz e Terra, 2015.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs – volume 1**. São Paulo: Editora 34, 2011.

DI FELICE, M. **Net-ativismo: da ação social para o ato conectivo**. SP: Paulus, 2017.
FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de conteúdo. In: DUARTE, J; BARROS, A (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GOHN, Maria da Glória. Teorias dos movimentos sociais na contemporaneidade. In: GOHN, Maria da Glória; BRINGEL, Breno M. (orgs.). **Movimentos sociais na era global**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOHN, Maria da Glória; BRINGEL, Breno M. A discussão contemporânea sobre os movimentos sociais. In: GOHN, Maria da Glória; BRINGEL, Breno M. (orgs.). **Movimentos sociais na era global**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Bem estar comum**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Salvador: Edufba, 2012.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas**. São Paulo: Annablume, 2013a.

LEMOS, André. **Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2013b.

LEMOS, André. Mídia locativa e territórios informacionais. In: SANTAELLA, Lúcia; ARANTES, Priscila (orgs.). **Estéticas Tecnológicas**. São Paulo: EDUC, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MALINI, Fábio. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando territórios e tempo na rede. In: REIS, Ruth; ZANETTI, Daniela (orgs.). **Comunicação e territorialidades: poder e cultura, redes e mídias**. Vitória: Edufes, 2017.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

- MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 2007.
- MORAES, Dênis de. Sistema midiático, mercantilização cultural e poder mundial. In: MORAES, Dênis de (org.). **Mídia, poder e contrapoder**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- NEGRI, Antonio. **Quando e como eu li Foucault**. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- PAGANI JUNIOR, Volni Luiz. As ocupações de escolas no contexto da primavera secundarista: uma investigação acerca dos novíssimos movimentos sociais. **Dissertação apresentada no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina**. Orientador: Dr Santiago Pich. Florianópolis, 2018.
- PARENTE, André. Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade. In: PARENTE, André (org.). **Tramas da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- PERUZZO, Cicilia. Cidadania comunicacional e tecnopolítica: feições do midiativismo no âmbito dos movimentos sociais populares. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 43-61.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RAMONET, Ignacio. A explosão do jornalismo na era digital. In: MORAES, Dênis de (org.). **Mídia, poder e contrapoder**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- REAL, Danielly da Costa Vila. Primavera secundarista: engajamento estudantil nas ocupações de Vitória – ES em 2016. **Dissertação apresentada no programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo**. Orientadora: Dra Euzeneia Carlos do Nascimento. Vitória, 2018.
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014b.
- RECUERO, Raquel. Redes sociais. In: CITELLI, A. et al (orgs). **Dicionário de Comunicação: Escolas, teorias e autores**. São Paulo: Contexto, 2014a.
- REIS, Ruth; ZANETTI, Daniela. Comunicação e territorialidades: em torno do poder e da cultura. In: REIS, Ruth; ZANETTI, Daniela (orgs.). **Comunicação e territorialidades: poder e cultura, redes e mídias**. Vitória: Edufes, 2017.
- REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos (SP): Claraluz, 2005.
- SACK, Robert. O significado de territorialidade. In: DIAS, Leila & FERRARI, Maristela (orgs.). **Territorialidades humanas e redes sociais**. Florianópolis: Insular, 2013.

SANTAELLA, L. **Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política**. SP: Paulus, 2016.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SAQUET, Marcos Aurelio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M.A.; SPOSITO, Eliseu S. (orgs.). **Territórios e territorialidades**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SCOLARI, C.A. Narrativas Transmídias: Consumidores implícitos, mundos narrativos e branding na produção da mídia contemporânea. In: **Revista Parágrafo**, janeiro/junho 2015, volume 1, número 3, páginas 7-19, 2015. Disponível no endereço eletrônico <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/291/298>>. Acesso em 30/04/2017.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo: o poder de organizar sem organizações**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: A alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TASCÓN, Mario; QUINTANA, Yolanda. **Ciberactivismo: Las nuevas revoluciones de las multitudes conectadas**. Madri, Espanha: Los Libros de la Catarata, 2012.

WOLTON, Dominique. As contradições do espaço público mediatizado. In: **Revista de Comunicação e Linguagens**, n. 21-22, ps. 167-188, 1995.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ANEXO

Transcrição da entrevista com um dos midiativistas – entrevista realizada em 19/06/2019

Você poderia falar um pouco sobre o início das ocupações? Como foi o início da cobertura pelo Ninja ES? Como vocês passaram a participar acompanhando as ações dos estudantes? Como souberam das ocupações?

Na verdade, até antes da ocupação nós já ficamos sabendo. Os alunos informaram para a gente que estavam com essa ideia para poder sensibilizar a sociedade e lutar pela pauta deles na época. Então alguns estudantes informaram a gente que em poucos dias começaria a ocupação em uma das escolas e alguns outros estudantes de outras escolas já estavam meio organizados. E foi assim que começou. Começou em uma escola, de repente duas, três, chegou a mais de 300 (não me lembro o número ao certo).

Como era o relacionamento de vocês com os estudantes? Houve alguma ação para treinar/preparar os alunos, para que pudessem registrar vídeos e fotos das ocupações?

Os estudantes sempre foram muito organizados nos movimentos deles. Ao mesmo tempo que a gente pedia foto, dava esse indicativo para eles tirarem fotos, vídeos, mandarem esse material para a gente, eles também já estavam fazendo isso. Tanto que cada ocupação criou sua própria página no Facebook na época, para eles se organizarem. Então ali eles conversavam, criaram grupo de Whatsapp, por aí foram. Eles se organizaram sozinhos, mas teve união com nosso trabalho. A gente pedia, algumas pessoas se ofereciam: “a gente pode contribuir com vocês, com a página Ninja?”. A gente aceitava, e dizia: “faz isso, faz aquilo”. Ao mesmo tempo, tinham outros estudantes fazendo sem contato com a gente. Demos algumas sugestões de como se organizar para cobrir o movimento.

Como foi o dia a dia das ocupações? Qual foi o maior desafio durante as ocupações?

O início da ocupação é sempre mais tenso, porque eles estão ocupando, a imprensa está divulgando às vezes alguma coisa mais tendenciosa ou favorável ao governo, já entra a polícia militar no meio... então esse é um momentinho mais tenso. As pessoas acham que

os estudantes estão invadindo, ocupando. Há essa disputa e esse debate político. O desafio é esse, porque pode chegar a polícia e gerar algum tipo de violência. E o dia a dia é geralmente como nos protestos, tinha eventos culturais, artísticos. Acaba acontecendo uma maior união dos estudantes, eles se conhecem ali, é muito interessante. Eu e o pessoal do Ninja sempre íamos nas ocupações, estávamos presentes em algumas escolas, em Vila Velha e Vitória principalmente. Mas também recebíamos material de muitas escolas. Cada ocupação se comunicava com a gente, eles é que nos atualizavam. Alguns alunos atuaram com a gente, combinado. Em certo momento, uma pessoa atualizava o nome e o número das escolas ocupadas, porque a gente não tinha o nome de todas as escolas. Nós fomos nos conhecendo por meio dos protestos. Era um formato colaborativo, a gente colaborava com eles e eles colaboravam com a gente. Era mais ou menos assim que ia andando.

Como era o relacionamento de vocês com os internautas durante as ocupações? Receberam mais críticas ou mensagens de apoio? Quais as postagens conquistavam mais engajamento?

Eu sempre acompanho os comentários nas publicações, justamente para saber o que as pessoas estão sentindo, o que estão achando. Vejo elogios, críticas. Muitas vezes a gente debate ainda, entramos aí e respondemos pela página. Eu acho sempre interessante a participação. Eu gosto mais quando as pessoas comentam. As vezes há milhares de curtidas e poucos comentários. Eu gosto de ver o debate acontecendo, sem briga, sem violência fora da página. Eu leio todos os comentários da página. Na época, identifiquei que tinha uma parte da população apoiando o movimento, tinha uma parte que não apoiava, e tinha um grupo meio fascista que ficava pedindo para a polícia ir nas ocupações e usar violência para expulsar os estudantes. Quando surgiu uma foto de dois policiais tocando violão nas ocupações com alunos do lado, publicamos com uma legenda assim: “ainda há esperança”, alguma coisa assim, e viralizou. A gente acompanhou até as curtidas dessa postagem, porque foi muito longe. Vimos que pessoas importantes do Brasil compartilharam essa foto, e ela foi indo cada vez mais longe. Até hoje, foi a maior audiência do Ninja ES. Atingiu mais de um milhão de pessoas, teve mais de 10 mil compartilhamentos. As publicações do Ninja ES desse período tiveram muitas mensagens de apoio. A crítica vinha mais no comentário, com xingamentos. Mas grande parte das mensagens da página eram de apoio, pedindo para informar sobre tal escola, ou pedido

de ajuda: “como que faço isso, como que faço aquilo?”. Em alguns casos, a gente evita até responder para evitar algum tipo de transtorno, não é da nossa alçada resolver.

Percebemos que grande parte das escolas possuía uma página de sua ocupação, mostrando as ações do dia a dia. Como foi isso? Vocês ajudavam nesses registros, ou os alunos fizeram tudo sozinhos?

Foi uma parceria. A criação das páginas era ideia deles, aí depois a gente acompanhava pelas páginas, ou divulgava a página deles para que ela pudesse crescer um pouco. Formou uma rede conectada. Foi motivando as outras escolas, foi uma ocupação bem motivacional assim, tanto para a gente quanto para eles. Ia ocupando uma escola, o movimento ia crescendo. Começou com uma, duas, três, quatro, e depois espalhou no estado inteiro. Repercutiu no Brasil todo.

Ao todo, as ocupações duraram quase dois meses, com vários momentos, atos, ameaças. Como avalia o saldo do movimento, foi positivo?

Acho que é sempre positivo porque acaba mudando alguma coisa para melhor. Mas não sei como positivo foi. Não consigo lembrar exatamente todos os resultados da época. A pauta de luta da educação é bem extensa, a gente sabe como estão as escolas, a valorização dos professores, tudo isso. É uma forma de chamar a atenção da sociedade, do governo. Mas o que foi viabilizado de fato, por causa das ocupações, eu não sei dizer.

Na sua opinião, a internet foi decisiva para o movimento dos estudantes? Por quê?

Acho que foi sim. Se não tivesse a internet, as redes sociais, seria aquela velha cobertura da mídia, e as ocupações acabariam muito rápido. A polícia entraria já na quarta ocupação para amedrontar e acabar com o propósito. Com a página transmitindo a manifestação, mostrando que a ocupação está acontecendo, fazendo uma narrativa interessante, mostrando o que está acontecendo lá dentro — que a gente consegue ir lá dentro do movimento e trazer a informação —, ajuda o movimento a crescer. Ajuda o movimento a ter mais tempo de resistência. E teve ocupação com show que lotou quadra, várias atividades culturais. Teve show do Casaca, do Silva. Não vou citar nomes, mas tiveram muitos estudantes que foram os ícones do movimento, que até hoje estão na luta, que são

ativos. Tiveram perfis de liderança surgindo, o que é bem legal. Dizer que a internet foi decisiva é uma afirmação muito forte. O mérito é todo dos alunos, que fizeram o movimento, independente da forma. Mas a internet ajudou bastante a manter o movimento, a passar a informação, mostrar que o movimento estava forte, a desmentir a mídia, que dizia que as escolas estavam sendo desocupadas. Às vezes outras pessoas jogavam *fake news* na internet, para desestimular o movimento, dizendo que as escolas estavam sendo desocupadas. A gente faz cobertura dos protestos que a gente apoia a pauta, e esse foi um desses.